

**Maddalena  
Vaglio Tanet**

**Voltar  
do Bosque**



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM



Maddalena  
Vaglio Tanet

# Volta do Bosque



Madalena Viegas Tanet

de

VOLTAR DO BOSQUE

Tradução de  
Ana Maria Escrivão



# Ficha Técnica

Título: Voltar do Bosque  
Copyright da edição portuguesa: © Publicações Dom Quixote, 2022  
Autoria: Maddalena Vaglio Tanet

Título original: Tornare dal bosco  
Copyright original: © 2023 First published in Italy by Marsilio Editori  
Esta edição é publicada por acordo com Grandi & Associati

Edição: Maria do Rosário Pedreira  
Tradução do italiano: Ana Maria Pereirinha  
Revisão: Madalena Escourido  
Capa: adaptação de © Maria Manuel Lacerda para a LeYa, S.A.  
Imagem da capa: © Egle Lipeikaite / Alamy Stock Photo / Fotobanco.pt  
ISBN: 9789722081955

Publicações Dom Quixote  
Uma editora do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 471 77 37

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor  
[www.leya.com](http://www.leya.com)

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Questo libro è stato tradotto grazie ad un contributo alla traduzione assegnato dal  
Ministero degli Affari Esteri e della Cooperazione Internazionale Italiano

Este livro foi traduzido com um apoio à tradução atribuído pelo  
Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional Italiano

## Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26



27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

Nota da autora

Agradecimentos

*À memória de Ada Maurizio, minha avó,  
Maria Vadori, minha bisavó  
e Lidia Julio, professora*

*Para Paola Savio, minha mãe*

*Pedras espalhadas no bosque; têm pequenos  
amigos, as formigas e outros animais  
que não sei reconhecer. O vento não  
varre a pedra, aquelas covas, aqueles  
restos de sombra, aquela vivência de sonhos  
pesados*

*Fica na sombra: tenho um coração que queima  
e se esfolha para ingenuamente se lembrar  
de não morrer.  
Tenho um coração como aquela floresta: às vezes  
toda sarcástica, os ramos toscos  
que tombam sobre a cabeça a pesar-te.*

Amelia Rosselli, *Documento*

*Como olhos estes mortos ocos de janela  
à direita a hera descascou tudo e parece  
belo dir-se-ia um triunfo este verdejar  
enquanto grasna ao alto vê-se um pássaro voar  
em círculos como quem fala com fantasmas  
que mecanismos estranhos a cabeça, ensurdecemos os mortos  
com os pensamentos, grasna, grasna, é só uma gralha.*

Azzurra D'Agostino, *Canti di un luogo  
abbandonato*

Em vez de ir para a escola, a professora entrou no bosque.

Apertava numa mão o jornal acabado de comprar e na outra a mala de cabedal onde levava os cadernos, os trabalhos corrigidos, as canetas e os lápis bem afiados. Abandonou a estrada sem hesitar, como se o bosque tivesse sido o seu destino desde o início. Os mocassins calcavam um tapete de folhas castanhas e luzidias que lhe pareceram uma extensão de vísceras cruas.

Não tardou a largar o jornal e a mala: a certa altura, a pressão das mãos foi abrandando sem ela dar por isso. Seguiu por um carreiro durante algum tempo, talvez por um hábito do corpo, depois abandonou o carreiro e começou a descer e a subir declives. Tinha a impressão de que seguia a grande velocidade e a paisagem se liquefazia à sua volta. Castanheiros, nogueiras e bétulas eram manchas e sulcos de cores, o céu transbordava sobre as colinas, o chão dançava-lhe debaixo dos pés como um pontão flutuante.

No solo, a percussão dos seus passos transformou-se num tambor que seguia no seu encalço. Ouvia as pancadas, mas era como se viessem de baixo da terra; alguém batia debaixo da terra para a obrigar a prosseguir, para a pôr em fuga.

Ao fim de muitas horas, o cansaço fê-la abrandar. Tropeçava, a saliva colava-lhe os lábios e engolia continuamente para empurrar uma coisa que sentia atravessada na garganta e que era o seu coração, exausto da caminhada. Tinha manchas de lama na saia e as meias rotas em vários sítios pelos espinhos das silvas.

A luz do dia declinava, tendia agora para o anil, o azulado. Um crescente lunar aflorou os cumes. A professora reconheceu o ar frio da noite a envolvê-la, e foi essa sensação familiar, restituindo-lhe uma réstia de lucidez, que a pôs em condições de sofrer realmente.

Tinha subido a um monte chamado Rovella e lá do alto conseguia ver a aldeia de Bioglio, onde nascera: o telhado da igreja e o campanário, as luzes que se acendiam uma após outra ao crepúsculo. Via, mas não conseguia interpretar, pareciam-lhe os vestígios de uma civilização esquecida. Chegara ali sem qualquer intenção, forçada a seguir em frente como uma prisioneira de olhos vendados. Espasmos contorciam-lhe o estômago, o rebordo dos sapatos

tinha-lhe comido a pele dos calcanhares e doía-lhe a cara porque durante todo aquele tempo nunca deixara de ter cerrados os maxilares e os dentes. Não podia descer à aldeia nem voltar atrás, a memória algo indistinta da casa e das pessoas que conhecia aterrorizava-a.

Por outro lado, não tinha medo do bosque; tinha crescido nos anos em que ele era usado para sustento, tal como se exploravam as pastagens e os campos. Ia lá desde criança, juntamente com o primo, mesmo de noite, à procura de cogumelos. Saíam sozinhos pela escuridão de breu, subiam pela ruazinha mais curta e íngreme, por detrás de um grupo de casas empoleiradas na colina. Levavam uma lanterna e dois paus para afastarem os arbustos e sondarem os montes de folhas, e um cesto de vime com uma asa para irem guardando o espólio. O cheiro a bolor era forte, eles sabiam seguir os meandros em decomposição por entre os tufo de erva até encontrarem o cogumelo. Alguns *porcini* enormes faziam-nos praguejar de júbilo. Tirando isso, comunicavam entre si por acenos e cotoveladas e davam as mãos apenas em casos excepcionais (um texugo demasiado próximo, um bate-cu em resultado de um escorregão, uma entorse). Conheciam cada curva do caminho, as raízes salientes, a firmeza do terreno, os trilhos dos cabritos-monteses e as clareiras que eles escolhiam para dormir, as tocas abandonadas pelas raposas e os caules roídos pelos arganazes. O amanhecer chegava com um brilho tímido e cor de cinza, que fazia as copas das árvores parecerem ainda mais negras. Também iam apanhar castanhas, esmagando os ouriços sob as solas das botas.

Agora era outubro, havia cogumelos escondidos e castanhas pelo chão, mas estávamos em 1970 e ela tinha quarenta e dois anos.

A professora voltou costas à aldeia. Tremia da cabeça aos pés, escutava o restolhar de asas entre os ramos como palpitações dentro do peito. Foi assaltada pela recordação da cabana abandonada, um antigo abrigo para animais e ferramentas, com um telhado às três pancadas. Precisava de se arrastar até ao cimo da colina, onde a floresta tinha engolido os caminhos e as acácias e chuvas-de-ouro sufocavam as outras árvores. Para subir a encosta, agarrou-se aos arbustos de urze e apoiou os joelhos nas pedras.

Alguns anos antes, o telhado da cabana tinha sido remendado com placas de fibrocimento, mas ninguém tivera tempo e força para manter a vegetação à distância. Não havia escada para aceder ao piso superior de madeira e os ramos de uma acácia tinham entrado pela janela. Ainda havia feno no chão, nem por isso muito apodrecido, e, a um canto, velhos podões, ancinhos e foices.

A professora entrou a cambalear, sem prestar atenção a nada; estava atordoada e passavam-lhe coisas pelos olhos que não tinham nada a ver com o que aquele lugar era atualmente. Mal cruzou o umbral da porta, deixou-se cair no chão e ficou ali, sem se mexer.

Nessa manhã levantara-se com dificuldade, como sempre. Punha o despertador dentro de um pires com moedas, de modo que, ao tocar e vibrar, as fizesse saltar, tornando o barulho insuportável. Desligava-o com uma palmada, às cegas, e os trambolhões para o chão de mosaico tinham-no reduzido a um pedaço de metal amolgado.

A professora levantou-se e acendeu o bico do fogão debaixo da cafeteira já preparada. Só depois do café, disse, é que começo a raciocinar. Deixou a chávena vazia sobre a mesa, entre as marcas redondas de outras chávenas, de outros cafés bebidos nos dias anteriores.

Na casa de banho despiu a camisa de noite e lavou os braços e o tronco, tentando não descurar nenhuma parcela de pele porque sabia que era descuidada e a mulher do primo já a alertara por mais de uma vez: «Silvia, amanhã para a escola é melhor mudares de blusa, com os aquecedores ligados transpira-se com muita facilidade.» Devia cheirar a suor. Ela não se apercebia, mas não queria causar incómodo aos outros, especialmente às crianças. À frente das crianças era preciso estar-se aprumado e limpo, porque elas eram obrigadas a esmerar-se, e se fossem apanhadas com pescoços sujos e unhas pretas eram repreendidas. Por isso tinha ganhado o hábito de se lavar com sabão a rodos, gastava um sabonete *Felce Azzurra* inteiro todas as semanas e polvilhava com pó de talco as axilas, as cuecas e as palmilhas dos sapatos. Mas continuava a ser uma mulher do campo, das que sabem usar um ancinho e tratar dos animais, e sabia que um dia lá voltaria, à aldeia, depois de se reformar, e atiraria punhados de sal às lesmas para as afastar antes que atacassem as alfices. Iria recolher a caca das galinhas e consertar as coelheiras, e teria de fazer um esforço para se lembrar de lavar as mãos antes de comer.

Lá fora, o céu estava limpo e a luz revelava com nitidez toda a colina, as árvores e as casas. Pelo menos duas pessoas viram-na seguir pela estrada que serpenteava em redor da encosta: a senhora Berti, de uma janela da sua casa espremida entre duas nespereiras, e Giulio Motta, que estava a tomar café à varanda com o gato no colo.

Todos ali no bairro conheciam a professora. Tinha vindo para Biella

estudar quando era menina e nunca mais de lá saiu, à exceção de uns passeios em excursão ao Vale d'Aosta e à Suíça, e de ir à Ligúria molhar os pés. O único avião que apanhara tinha sido para visitar uns familiares que viviam em Melbourne, na Austrália, mas não contou quase nada sobre essa viagem, dizia só: «Era bonito», ou: «Aos cangurus, quando aparecem, atropelam-nos com o carro e depois comem-nos no churrasco», e quando a pressionavam – «O que é que estás a dizer, Silvia, atropelam-nos como ?!» e «Coitados!» ou «Mas o carro não se avaria?» – ela limitava-se a encolher os ombros. Encolhia muitas vezes os ombros, perdia-se por diversas ocasiões em pensamentos e andava com a cabeça baixa, o lábio inferior projetado para a frente, o queixo franzido. Olhava para os pés ou para o caminho à sua frente e os olhos azuis, muito próximos, mantinham-se escondidos sob as pálpebras.

Vivia na periferia da cidade, onde prédios de apartamentos de vários andares, com elevador, alternavam com casas com jardim, terrenos baldios, hortas e galinheiros. As sebes de sorveiras espalhavam pela calçada os seus cachos de bagas cor de laranja vivo e nos pátios, àquela hora da manhã, já se queimavam pilhas de ramos e restos de podas. O fumo atingia-a de lado, em baforadas, enquanto das valetas e das fossas subia um cheiro a folhas maceradas. Inspirou fundo e pensou que certos cheiros pungentes são, afinal, agradáveis. Por exemplo, ela gostava do cheiro das adegas e do cheiro da pele do salame. Pelo contrário, detestava o cheiro do leite quando começava a ferver, mas isso era por causa dos anos que passou no colégio interno, quando lhe davam leite azedo ao pequeno-almoço, ao almoço e ao jantar.

Na banca de jornais ao fundo da descida comprou o jornal, à pressa, porque queria chegar cedo à escola e acabar de transcrever o trabalho que iria distribuir aos alunos. Ela própria fazia uma cópia para cada criança, à mão, numa caligrafia clara e regular.

O Sr. Minero da banca de jornais não se atreveu a dizer-lhe nada e não a interrompeu. Para começar, não sabia se a criança era uma das suas alunas. Talvez Silvia só a conhecesse de vista. Sentia-se sobretudo embaraçado, não queria ser o primeiro a falar-lhe disso. Tê-lo-ia sido de certeza – ainda quase ninguém sabia, era muito cedo, e ela parecia completamente alheada do que tinha sucedido. E se ela comesse a chorar? E se caísse e ficasse estendida no chão?

Enquanto ele tentava pensar numa frase (Silvia, já viu? Silvia, já sabe? Silvia, espere), aclarava a voz e abria a boca para falar, já ela havia partido. Tinha deixado o dinheiro certo na bandeja de plástico e num instante saiu porta fora.

– Nem sequer leu os títulos? – perguntaram-lhe mais tarde.

– Não, ela dobrou o jornal ao meio, enfiou-o na mala e saiu.

Quem sabe se teria feito alguma diferença descobrir o que tinha acontecido à menina enquanto estava acompanhada por alguém. Talvez tivesse desmaiado ali, no momento, em frente à pessoa. Não teria conseguido sair assim, sozinha, como se nada fosse. Minero tê-la-ia acompanhado a casa



ou telefonado à família dela: «Aconteceu uma coisa, venham buscar a Silvia.» Mas talvez ela tivesse tremido, hesitado e depois se tivesse recomposto, seguro na mala e dito: «Estou bem, vou à mesma para a escola.» E, em vez disso, tivesse entrado no bosque.

– Eu devia tê-la retido – repetia Minero nos dias seguintes.

– Aquele burro do Minero, porque não a reteve? – esbravejou o primo de Silvia, o seu parente mais próximo. Com mais de um metro e noventa de altura, a sua voz fazia tilintar os copos.

– Não grites, Anselmo – tentava acalmá-lo a mulher, que não suportava o barulho do marido, o seu modo teatral de desabafar.

– Aquele tipo é um sacana! Eu sempre disse! – continuava ele, gritando a plenos pulmões e dando murros na mesa com umas mãos largas como pás.

– Já chega, olha que ainda te dá uma coisa!

– Cabrão! *Cujun!*

– Mas, afinal, o que interessa o Minero?! Temos de nos preocupar é com a Silvia. Para onde pode ter ido. Onde pode ter escorregado, caído.

– Cala-te, não percebes nada! – gritou Anselmo, e cerrou os punhos para expulsar de si a angústia.

A escola era um edifício de dois andares cor de café com leite, circundado por uma vedação de malha apertada, arbustos de hortênsias e sebes de louro-cerejo. O chão do pátio alternava partes de gravilha e cimento com retalhos de erva onde cresciam umas arvorezinhas baixas, massacradas pelas crianças mais novas, que trepavam por elas acima e arrancavam as folhas para preparar sopas de brincar. Ficava a um quarto de hora a pé da banca de jornais.

«Ao fim de algum tempo, ela deve ter aberto o jornal», argumentaram.

Na verdade, a professora tirou o jornal da mala sem abrandar o passo. Antes de entrar na escola gostava pelo menos de percorrer os títulos, para sentir mais firmeza na sua ligação ao mundo. «Estás com a cabeça nas nuvens, Silvia, não estás cá.» Diziam-lhe sempre isto. Desdobrou as páginas com um safanão e nessa altura, à beira da estrada, leu a notícia. Parou de repente. Parecia impassível, e no entanto, se se olhasse com atenção, a sua rigidez revelar-se-ia pouco natural. Lá por dentro estava a acontecer uma avalanche. Deixou quase imediatamente de distinguir os personagens, mas, no meio do cascalho de letras, algumas palavras isoladas continuaram a pulsar diante dos seus olhos: «queda», «corpo», «tragédia». Ao fim de talvez um minuto, virou a página. Havia um seguimento do artigo e uma fotografia de um grande prédio de habitação, com a ribeira do Cervo a serpentear a seus pés.

Percebeu que tinha recomeçado a caminhar, as pernas transportavam-na prodigiosamente sem que ela pudesse intervir. Prosseguia com rapidez, como quem está atrasado para um compromisso, e só ocasionalmente se desviava, ou um dos seus tornozelos cedia, mas não saberia dizer se estava a coxear ou se lhe doía o ombro por ter esbarrado contra a parede de um prédio (o pó do reboco tinha-lhe deixado uma marca branca no casaco, ou talvez fosse ainda giz do quadro do dia anterior). Passou pelo hospital e deixou-se ir, ladeira abaixo. O passeio ao longo do muro de cimento era estreito, os carros passavam a rasar, chocalhando e saltando nos paralelepípedos.

Na última curva, surgiram-lhe a ribeira do Cervo e a ponte, e ela percebeu que as pernas estavam ansiosas por a atirar à água. Não tinha nada contra, não se importava e parecia sensato, lógico até. Teria sido fácil galgar o

parapeito: ninguém lhe prestava atenção, ninguém teria tido tempo de intervir. Em vez disso, para sua surpresa, percorreu toda a extensão até à margem oposta, como se estivesse a pedalar, e de facto tinha sentido uma pontada na barriga, porque não estava longe do prédio retratado no jornal, e lembrou-se por um momento da fábula do flautista que afoga os ratos no rio e depois afoga também as crianças, para se vingar. Ela era o rato, mas a sequência estava errada: o rato vem antes da menina, e não depois.

Entretanto, tinha desperdiçado a oportunidade e coube-lhe seguir em frente; pensou que provavelmente iria caminhar até cair e isso também lhe parecia bem, só que demoraria muito mais tempo.

A visão falhava-lhe, já não reconhecia bem as formas. Parecia-lhe que era o bosque que vinha ao seu encontro, envolvendo-a numa mistura de troncos, espinhos e folhagens.

Nunca se atrasava, e a sua ausência alarmou toda a gente. Entretanto, a notícia também tinha chegado à escola. O comissário havia solicitado uma reunião com o diretor e os professores, logo a seguir ao final das aulas. Dois jornalistas tinham começado a tirar fotografias ao edifício no momento em que as crianças entravam no portão. Um aluno da segunda classe cumprimentou: «Olá, tio!»

Era uma cidade pequena.

Agora, numa das salas de aula havia uma mesa vazia e Silvia não estava em lado nenhum. Pensaram que ela tivesse sabido – que alguém lhe tivesse telefonado, talvez um jornalista, ou um parente madrugador – e que por isso não tivesse tido vontade de sair de casa. Foi outra professora, uma das suas amigas mais queridas, a irmã Annangela, quem primeiro telefonou para o seu apartamento e depois, não tendo obtido resposta, para o do primo Anselmo, que morava a apenas duas portas de distância. Foi a sogra dele que atendeu.

– Bom dia, Gemma, sou a irmã Annangela.

– Como está? Está tudo bem?

– Mais ou menos, Gemma, vai-se andando. Estou à procura da Silvia: está aí em vossa casa? Compreendo que ela hoje não tenha vontade de vir...

– Não está cá.

– Ah – disse a irmã Annangela. E repetiu: – Não está aí. – À sua frente, o diretor abanava a cabeça como se fosse acionada por uma mola, e a professora Fogli fungava.

– Mas o que aconteceu, irmã Annangela?

– Talvez ela esteja em casa, mas não atende o telefone. Poderá ser isso. Não pode ir ver?

– Claro que posso. Tenho as chaves. Mas está a assustar-me.

– É por causa de uma aluna, Gemma: foi uma aluna da quinta classe. Da turma da Silvia. – A voz da irmã Annangela foi-se abaixo, apesar dos seus esforços. – Partiu, deixou-nos ontem à noite.

– Oh, minha Nossa Senhora. Valha-me Deus. – Gemma afastou o auscultador da orelha e olhou para ele como se fosse culpado. – E como poderá ela ter sabido?

– Talvez alguém lhe tenha telefonado esta manhã; ou tenha comprado o jornal, lido as notícias e voltado para casa.

– Um acidente? – perguntou ainda Gemma.

– No Cervo, na ribeira. Não sabemos ao certo.

– Pobre criança, que o Senhor a tenha na Sua glória – disse Gemma. Era muito devota, e quando se dirigia a Deus recuperava todo o seu sotaque friulano<sup>[1]</sup>.

– Eu sei, é assustador. Uma criancinha. Onze anos. Estamos chocados. Também a Silvia, se já sabe, deve estar transtornada. Era sua aluna. E eram muito próximas. Vá ver dela, Gemma.

– Eu já lhe ligo de volta, irmã Annangela.

Gemma largou o telefone e saiu de casa com o avental ainda posto e os calcanhares fora dos sapatos.

– Já ligam de volta – disse Annangela ao diretor. – Vou dar uma olhadela à turma.

Tinha o coração pesadíssimo, pela menina e agora também por Silvia. Conhecia-a, sabia que ela não iria suportar bem a dor. Podia parecer sólida e opaca como um bloco de gelo sobre o qual se pode andar sem medo de partir, mas a placa era afinal muito fina, não passava de uma membrana.

Entrou na sala e deparou-se com o cenário que esperava, vigiado por um contínuo de rosto sombrio. Os alunos ainda não sabiam de nada.

A irmã Annangela era muito baixinha e gorda, tinha uns pés tão pequenos que pareciam redondos e as barrigas das pernas ensacadas como duas salsichas nas meias castanhas e grossas de freira.

– Tenham paciência, meninos, a professora Canepa talvez esteja doente, estamos a tentar perceber. – Fez sinal a uma rapariguinha sentada na primeira fila. – Desculpa, não sei como te chamas.

– Caioli.

– Muito bem, Caioli, empresta-me o teu manual, por favor?

Pôs os óculos, percorreu o índice com o dedo indicador esticado e escolheu uma leitura: *O Elefante do Rio Limpopo*.

– Leiam o texto em silêncio e sublinhem os substantivos a vermelho, os verbos a azul e os adjetivos a amarelo.

Trocou um olhar de entendimento com o contínuo e foi ter com a sua turma de crianças da segunda classe, sorridentes pelos minutos de liberdade inesperada que tinham conquistado. Também ali, um contínuo vigiava o burburinho. Um aluno, com o ar de que lhe tinham enfiado um ouriço de castanha nas cuecas, estava de pé em frente ao quadro negro perfeitamente limpo.

– O que estás a fazer aí, Martinelli?

– Fui eu que o mandei, irmã Annangela, porque ele disse uma coisa muito feia sobre a sua ausência.

A irmã Annangela sentiu aflorar um sorriso e cerrou os lábios para ao menos o disfarçar um pouco.

– Credo, uma coisa feia. O que eu tenho de ouvir.

Não queria humilhar o contínuo, anulando a sua punição, mas também não queria deixar a criança ali em pé. Não naquele dia.

– Não foi muito feia, irmã Annangela – tentou objetar Martinelli.

– Ele disse... – O contínuo procurava uma perífrase adequada. – Disse que a irmã Annangela tinha ido à casa de banho.

– Interessante.

– Para fazer as suas necessidades.

– Eu percebi, obrigada.

– Desculpe! – irrompeu a criança, à beira das lágrimas.

Eles levam tudo terrivelmente a sério, pensou a irmã Annangela, atingida por uma onda de amargura. Marina Poggio coçava o interior da orelha com um lápis, usando o lado da borracha. Ludovico Bindi tinha no colo a maçã que iria comer durante o intervalo. A irmã Annangela sentiu o sabor salgado das lágrimas na garganta.

– Estás perdoado, Martinelli, volta para o teu lugar. E, para tua informação, eu não estava na casa de banho.

Sentou-se e, por um momento, teve medo de não conseguir enfrentar a manhã e os dias vindouros. O funeral. Baixou a cabeça. As crianças observavam-na. Disse outra vez: «Credo», e eles escancararam os olhos como uma série de corujinhas. Tinha de os transferir para a outra sala da segunda classe e decidir-se a regressar à turma da menina, onde ainda estavam a ler *O Elefante do Rio Limpopo* e não sabiam de nada, não faziam ideia.

---

[1] Referente à região italiana do Friul-Veneza Júlia. [N. da R.]

Gemma tocou à campainha e bateu muitas vezes, sem receber resposta. Encostou a orelha ao batente, mas não ouviu nenhum barulho, então abriu a porta da casa de Silvia com mão firme.

Estava habituada a emergências, conhecia a tensão que chicoteia o corpo como um cabo de aço. Vinha da região de Friuli, onde nascera em 1903. Quando alguém falava sobre a Segunda Guerra, ela dizia: «Agora imagina eu, que passei por duas.» Sentia gosto em dizê-lo. Sentia orgulho em ter permanecido viva, apesar de Caporetto, da gripe espanhola, da viuvez, das bombas, das rusgas dos alemães, enquanto muitas pessoas que conhecia se sentiam sobretudo culpadas. A sua filha Luisa, por exemplo. Mas para Gemma o passado era mesmo isso: ficou para trás das costas, desapareceu. *Não voltarei a ter de fugir à noite, não vou passar por uma unha negra na ponte, antes que a façam explodir, a minha filha não será enviada para a Alemanha como mão-de-obra escrava.* Acreditava que isso bastava para levar a vida com um certo otimismo.

E no entanto, nessa manhã, quando encontrou a casa vazia, Gemma foi assaltada por uma sensação de perigo que não conseguia explicar. Era muito cedo para ficar alarmada, Silvia devia ter saído havia pouco mais de uma hora: o fundo de café na chávena ainda não tinha secado, a cama estava por fazer, o sabonete tinha escorregado para o chão sobre os azulejos esverdeados da casa de banho. A professora não era a dona de casa clássica: nada de estranho, portanto. Mas estar lá, não estava. Telefonou imediatamente para a escola a avisar.

No sonho alguma coisa lhe rasga a barriga. É ela própria que o faz. Com uma faca, como quem descasca uma nêspira, raspa a polpa até que resta apenas um núcleo muito brilhante, anômalo em comparação com o fruto. Vê-o brilhar como um pequeno sol negro, um ovo negro repudiado. Um ovo de Páscoa oco, sem nada dentro.

A professora abre os olhos. Mal os volta a fechar, as imagens aparecem. Costelas de vitela, uma toupeira afogada porque estraga a horta com as suas galerias, podões suspensos na parede de uma adega, uma garganta de rã que palpita e se pode furar com uma agulha ou cortar: traça-se uma linha com a faca como quem sublinha uma palavra ou a risca para a corrigir. Vê montanhas de cadernos com todas as palavras riscadas, uma sala de aula poeirenta, mas talvez as partículas no ar sejam cinzas e então está dentro de uma enorme lareira apagada, como a do castelo de Verrès, que tantas vezes visitou com as suas turmas. Mas não, não pode ser, porque a avó arrasta os pés ali no quarto, Silvia ouve o restolhar dos chinelos e das saias. Um homem leva ao ombro um faisão com a cabeça pendurada e o olho baço. Uma mulher obesa dirige-se à casa de banho ao fundo do pátio, olha em volta, arregaça a saia; devido ao seu tamanho, não consegue entrar por inteiro no cubículo e é obrigada a ficar meio de fora, treme com o esforço para não cair, agarra-se à moldura da porta escancarada. Não sabe que os miúdos subiram à pérgula para lhe roubar uvas e agora estão a olhar lá de cima e a rir-se, ela não sabe mas Silvia ouve os seus gritos abafados.

Quanto mais violentas são, mais as visões a acalmam em vez de a assustarem. Há javalis a grunhir nas imediações. Uma toutinegra assobia, deve ser quase de manhã. Não formula este pensamento, os ouvidos registam o som e alguma coisa dentro dela responde: toutinegra. É mais um reflexo do que uma informação, e é imediatamente esquecida. Os sentidos transportam material, o cérebro tenta funcionar, mas está tudo imerso num breu de indiferença.

Através da porta da cabana, Silvia vislumbra uma bétula com os seus frutos. A imagem bate contra ela, quase a faz proteger-se com os braços. Os frutos da bétula assemelham-se a pequeninos salames castanhos pendurados



que se esfarinham ao primeiro contacto, libertando as sementes. Qualquer coisa que penda, balance ou esteja pendurada no seu pedúnculo lhe parece bem. Ela própria se sente assim, um embrulho agarrado à vida por um minúsculo pecíolo que também pode ser um garrote. Por cima da sua cabeça, o telhado mal encaixado recorta partes do céu que se tornam cada vez mais claras.

Há uma faia ali perto, cuja casca foi colonizada pelo fungo pavio: dezenas de chapéus cinzentos, semelhantes a cascos de cavalo, projetam-se do tronco. A casca já está a abrir, faltam-lhe grandes lascas. Silvia sabe que a árvore não tem escapatória, mais cedo ou mais tarde vai cair. Sabe isso, mas nada se organiza num todo coerente, num antes e num depois, e além disso não encontra grande diferença entre si e as plantas com os seus parasitas, o bolor nas tábuas, os animais vivos e as carcaças, a brisa que entra pela porta e pelas fendas. Precisa de urinar, mas não vê motivo para se levantar, sair, fazer como a mulher gorda zombada sob o olhar excitado dos miúdos. Liberta a bexiga ali mesmo onde está, sem se mover um centímetro.

Giovanna: era este o nome da menina. No final do ano anterior tinha começado a faltar às aulas. Tinha sido sempre fraca na escola, era lenta.

– O que vem a ser isto? Não te podes dar ao luxo de ficar em casa – dissera-lhe Silvia. Retinha-a na sala de aula, fazia os trabalhos de casa com ela. Sentava-se ao seu lado, um pouco desajeitada mas decidida, e entretanto desembrulhava as sanduíches que tinha preparado para ambas. Eram a única coisa que Silvia fazia na cozinha, além do café, já que ao jantar ia sempre comer a casa de Anselmo e Luisa. Nessas sanduíches, punha normalmente fatias de queijo, porque tinha notado que Giovanna gostava, ou manteiga e doce.

– Todos melhoram com a prática. Olha para mim. Não sou assim tão inteligente, mas esforcei-me. – Dizia-o sem falsa modéstia. Era a verdade, e tinha de ser encarada sem contemplações. Pelo menos, Silvia sentia que era suficientemente inteligente para perceber que não era nenhum génio. Uma cabeça normalíssima, com um acréscimo de constância e diligência. No colégio, onde estudara durante a guerra, as boas eram outras, as que aprendiam sem esforço, que intuía, que inventavam. Ela não, ela fazia o que lhe competia. Tinha sentido do dever, determinação, a consciência de que era muito desajeitada e insegura para suportar o peso de ser considerada uma burra. Órfã, foi criada com os avós e encontrou-se num internato. Não podia, ainda por cima, arcar com repreensões e humilhações devido ao seu aproveitamento académico.

– Vamos, Giovanna, vamos fazer os trabalhos de casa juntas. Assim já ficas despachada para amanhã.

– Obrigada, professora – respondia a menina. E depois calava-se porque tinha a boca cheia.

Os pais de Giovanna eram pastores e tinham-se mudado para Biella havia alguns anos. A mãe fazia transumância com o rebanho para o vale do Elvo: ainda lá viviam a irmã e o cunhado, cujos filhos iam para a escola na aldeia de Bagneri, onde os alunos eram reunidos numa única turma e as carteiras e bancos eram corridos, num único bloco de madeira escura, como na igreja. Giovanna também tinha começado lá a instrução primária, mas em

dezembro apanhou uma pneumonia, foi hospitalizada e perdeu quase três meses de aulas. Quando voltou a pôr os pés na escola, ainda muito cansada e magra, não se lembrava de nada do pouco italiano que o professor conseguira inculcar-lhe.

No mesmo ano, o pai arranjava trabalho numa fábrica da indústria têxtil, que tinha crescido imenso no pós-guerra e continuava a crescer. Ele não gostava, mas o salário era decente, as crianças podiam estudar na cidade e tinham casa de banho, com banheira e tudo, e máquina de lavar roupa. A máquina de lavar roupa era uma *Candy Superautomatic 5* em segunda mão, com mossas feitas pelo granizo que lhe caíra em cima enquanto a transportavam.

Por todo o lado havia gente a abandonar as aldeias e os vales, e o pai de Giovanna também tinha saído, mas infeliz, amargurado. Bebia como todos os outros e aguentava-se muito bem; um garrafão por dia não lhe fazia nada. Mas de vez em quando exagerava, misturava-o com *grappa* e ratafia. Sentia falta do palheiro, do chocalhar do cão preso à corrente durante a noite, das vacas com pestanas compridas, até da bosta que fumegava na erva gelada e pisoteada. Impunha parte do seu descontentamento aos outros. Na cama abordava a mulher à bruta e não parava, mesmo que ela protestasse e as crianças, no quarto ao lado, gemessem durante o sono. Giovanna tinha reprovado e começara a instrução primária desde o início, mas continuava a tirar más notas. Para a educar, o pai batia-lhe, nunca metodicamente, e nunca muito, mas as suas mãos calejadas deixavam certas marcas que demoravam semanas a desaparecer.

Giovanna estava farta de apanhar e queria causar boa impressão com a sua nova professora da cidade. À custa de grandes esforços por parte de ambas, chegou à suficiência, mas bastava deixá-la entregue a si própria para que começasse a afundar de novo. Na terceira classe quase reprovou, mas Silvia não a quis passar para outra professora e puxou por ela, subindo as notas de desenho, educação física e trabalhos manuais.

No final da quarta classe algo tinha mudado. A menina tornara-se respondona, mas também mais fácil de magoar. Tinha um certo olhar marcado pela perplexidade: os pelos e o peito haviam crescido. Tendia a esconder com os dedos o buço que despontava sob o nariz e que, no espelho da casa de banho, sob a luz direta da lâmpada, lhe lembrava o véu de bolor que tingia de cinzento os cantos do teto.

Silvia não conseguiu evitar uma série de insuficientes, embora temesse a reação do pai da menina. «Mais duas lambadas, professora», comentara Giovanna, lacónica.

A família morava num grande edifício de habitação social a que chamavam *il Casone* e que pendia sobre a ribeira do Cervo, entre as fábricas que durante um século e meio utilizaram energia hidráulica para processar a lã. Pilares de betão e sapatas de cimento alternavam com arcos de tijolo vermelho e chaminés industriais do século xix.

*Il Casone* fervilhava de crianças e adolescentes e alguns rapazes tinham-se posto a olhar para Giovanna, fazendo-a sentir-se suja e importante. Não sabia se devia pavonear-se ou fugir dali. Dois deles, Michele e Domenico, em vez de se limitarem a olhar e a assobiar, tinham-lhe dirigido a palavra. Falavam em dialeto, ásperos, em pose de homens feitos. Tal como Giovanna, tinham o corpo incoerente da puberdade: ela tinha dois montinhos empinados no peito que pareciam querer furar a blusa e dois tufozinhos sob as axilas, mas um rabo ainda plano e uns quadris apenas esboçados sob uma barriga em forma de ovo, de criança; eles, umas mãos enormes ao fundo de uns braços nervosos, maçãs de Adão como duas nozes entaladas na garganta, alguns pelos de barba mal semeados no queixo, mas pescoços e faces irremediavelmente glabros.

A princípio, Giovanna não respondeu. O constrangimento estupidificava-a, o seu campo de visão ficava reduzido a um quadrado flutuante à frente dos pés enquanto tentava fugir, virar a primeira esquina disponível, descer as escadas saltando os degraus a dois e dois para desaparecer. Assim que se encontrava fora do alcance deles, descobria que os batimentos cardíacos e apreensão a deixavam atordoada, mas também tornavam as suas tardes mais emocionantes; e no dia seguinte oferecia-se para ir pedir detergente em pó à vizinha, ou ficava parada sem motivo no patamar da escada, ou ousava até ir ao pátio e percorrê-lo a todo o comprimento e largura com a cabeça inclinada, fingindo ter perdido alguma coisa, para ver se aqueles dois meteriam conversa com ela.

Silvia tinha intuído a dimensão da mudança, mas não conseguia acompanhá-la. Solteirona prestes a envelhecer, era tratada por todos como uma freira. Quando pensava em si mesma, via um organismo vegetal, um corpo não propriamente casto, mas indiferente. Tinha experimentado repreender a criança: «Andas distraída, olha que eu não posso fazer tudo por ti. Vamos lá, que já falta pouco. Olha que vou ter de te dar um insuficiente menos. Giovanna, tu não me ouves.»

Não era que Giovanna tivesse deixado de ter medo das estaladas, ainda por cima, a mãe também tinha começado a bater-lhe. Quem a escutasse pensaria que a filha estava constantemente em perigo. Agora que tinha crescido, sim, estava em grande risco. A mãe considerava aquele desenvolvimento precoce uma desgraça: ter mamãs a sério aos onze anos era uma desgraça, expunha-a a riscos com os quais ela não queria ter de lidar, exausta pelo marido assediador, pelo andar para cima e para baixo da transumância, pelas crianças mais novas que usavam as varetas do guarda-chuva como lanças e esburacavam os móveis. Tinha posto na cabeça de Giovanna que aquelas mamãs eram duas bombas prontas a explodir.

Giovanna não suportava que se falasse do seu corpo, era uma coisa que a deixava louca. Já não se reconhecia e, enquanto lutava para sobreviver, o facto de os outros darem voz às mudanças que lhe estavam a acontecer fazia-a sentir-se exposta, apanhada em falta. Ela queria escuridão, silêncio. A palavra

«peito» na boca da mãe dava-lhe vômitos, fazia-a parecer ordinária e intrusiva. Fervia de raiva, respondia com brusquidão e a mãe ameaçava contar ao pai para ele a castigar, então Giovanna saía batendo com a porta.

Parecia-lhe que estava possuída pelo seu próprio corpo. A pequena Giovanna tinha sido transvasada para uma rapariga desequilibrada, uma estranha.

No vale do Elvo, onde ela nascera, havia uma mulher que era médium. Pelas costas, chamavam-lhe «*la masca*», a bruxa: os espíritos entravam dentro dela e faziam-na mexer as mãos e os braços, com uma voz áspera que lhe saía da garganta. Ia-se lá para revelar onde o morto tinha escondido o dinheiro, se ele tinha sido fiel, se ele estava ressentido. A *masca* não parecia muito feliz por ser a marioneta dos mortos, mas o dinheiro, os coelhos gordos e os garrafões cheios davam-lhe jeito. Giovanna lembrou-se dela porque também se sentia dentro de uma carne estranha, como os fantasmas centrifugados no corpo vivo da bruxa. E era sempre, não apenas durante cinco minutos.

Por outro lado, tornava-se vagamente mais forte. Parecia haver sempre uma flecha a apontar para ela, onde quer que fosse; e, pouco a pouco, a repulsa pelos olhares que a tocavam misturava-se com uma certa curiosidade. Ela não era nada de especial: ainda era uma criança, ninguém pensava em ir mais longe. Mas sentia que aquilo seria apenas o começo, o gatilho de alguma coisa que lhe permitiria afastar-se do pai agressor e da mãe distraída. Tinha começado a ler as fotonovelas da *Lancio*, a abarrotar de heroínas pobres e românticas: Letizia, Marina, Charme. Sonhava com uma mala em croché de algodão e meias altas em vez de soquetes. E apesar de desprezar a sua cara e o seu buço, fantasiava receber uma carta de amor.

Tinha acabado por travar amizade com os dois rapazes do *Casone*. Era uma relação em que a proximidade física não chegava a tornar-se confiança. Passavam algum tempo juntos no mesmo lugar, geralmente no pátio ou nos pedregulhos na margem da ribeira, e por isso eram amigos e enviavam esse sinal para o mundo, especialmente para os outros rapazes do prédio. Mas nunca se tocaram, nem mesmo por engano ou para se ajudarem a saltar as fendas entre as pedras. No máximo salpicavam-se uns aos outros com a água gelada, que ora corria limpíssima, ora desenhava padrões de leopardo devido à espuma amarela e castanha dos lanifícios.

Giovanna tinha a impressão de que não sabia nada acerca deles e que eles nada sabiam acerca dela; voltava para casa e era como mudar outra vez de pele. No entanto falavam, por exemplo, dos filhinhos de papá que andavam na turma de Michele e Domenico e de como eles aproveitaram as partidas de futebol no pátio para os aleijar. Da chegada à Lua. Do Lele, o rapazinho deficiente que vivia no primeiro andar e estava sempre de pijama e usava lenços de *cowboy* ao pescoço para enxugar a baba, do velho que espreitava nos jardins e mostrava o coiso a quem ia fazer xixi aos arbustos, dos pais que tentavam mantê-los afastados. Giovanna não queria ser menos do que eles; então dizia que a professora dela faria melhor em encontrar um namorado em

vez de andar sempre em cima dela, mas quando os outros dois respondiam: «E quem é que a quer, àquela bruxa?», ela saltava imediatamente em sua defesa: «Mas vocês nunca a viram, ela não é assim tão feia, está quase velha, tudo bem, mas não é muito feia. Mas é uma chata», acrescentava, sem olhar para eles de frente.

A certa altura, começaram a faltar à escola. Andarem a passear em vez de ficarem sentados na carteira, isso é que os inebriava. Domenico e Michele fumavam uns cigarros pestilentos, Giovanna gostava de tocar às campainhas e ir à pesca de girinos, mas dava por si a cirandar em volta dos rapazes, imitando o riso de certas mulheres particularmente confiantes – as habituais heroínas das fotonovelas, mas também da Romy Schneider e, ali mais na vizinhança, da Vanda da retrosaria, que retocava o seu batom vermelho à frente dos clientes, e também da Marilisa, a irmã mais velha de uma colega de escola. Para se convencer de que crescer era uma coisa emocionante, Giovanna exagerava, exibia-se numa espécie de caricatura. Obviamente que os tinham visto, evidentemente que o pai veio a saber e lhe bateu. A professora tentava não lhe dar notas más para não piorar a situação.

Giovanna sentia-se como se alguém a tivesse enganado. Ela não tinha começado a crescer de propósito; arrastada para diante, tentava não perder o equilíbrio e, se tropeçava, a culpa não era dela. Um dia metia uma chiclete na boca, no outro seguia docilmente as explicações da professora. Trancava-se na casa de banho, rangia os dentes e arrancava os pelos das pernas com fita adesiva, ou usava o espelho da mãe para finalmente perceber o que tinha entre as coxas, depois saía e brincava loucamente com os irmãos, esquecendo por completo os amigos mais velhos, as suas fugas, os problemas anatómicos. Começava o dia soberba e desafiadora e terminava-o submissa, vergada pelo desconforto.

Apenas uma coisa se mantinha constante: de há alguns meses para cá, os bofetões do pai no seu novo corpo eram-lhe intoleráveis, mais ainda do que o olhar avaliador da mãe. Não suportava ser tocada de forma alguma, a não ser pelos irmãos mais novos, que lhe saltavam para as costas e a puxavam. Tantos pais davam tarefas que ela não se sentia especial, nem triste. Mas, acima de tudo, não sabia em quem, exatamente, estava o pai a bater, e portanto as suas defesas habituais, que nos dias bons a tinham feito ficar indiferente, já não funcionavam.

Giovanna passara o verão na cabana de montanha dos tios. O pai havia ficado na cidade porque tinha turnos: uma libertação. O odor da forragem e dos animais infiltrava-se por toda a parte, o sol queimava, o vento também mugia. A tia chamava as vacas pelo nome de manhã e à noite, à hora da ordenha, e elas apresentavam-se uma após outra, obedientes. Não havia muita imaginação nesses nomes: *Castanha*, *Vermelha*, *Branca*, *Estrela*, *Manchada*... A *Castanha* era a rainha e conduzia as outras para cima e para baixo, por vales e encostas. No início da temporada estava prenha, e então puseram-na num cercado juntamente com a líder de uma manada vizinha e as duas ficaram de frente uma para a outra, chifres contra chifres, e empurraram-se por muito tempo para determinar quem deveria dominar, mas calmamente, sem exagerarem e sem se ferirem, com cuidado para não porem em risco a prole ainda por nascer. A *Colossa* era preta e tinha um tufo acastanhado na cabeça: «Quinhentos e sessenta quilos de vaca!», gabava-se o seu dono. E no entanto, afinal, a *Castanha* fê-la fugir.

Com o leite das duas ordenhas diárias, fazia-se imediatamente a manteiga e começava-se a fazer a *toma* e o *maccagno*[2]. Da nata trabalhada na batedeira resultava uma manteiga amarela que a tia marcava com o molde de madeira decorado com volutas, ziguezagues e flores estilizadas. Giovanna empenhava-se todo o dia, o suor alastrava-lhe em grandes manchas no vestido. Estava sentada num banco entre os barris e as bacias, no fresco contido pelas paredes de pedra voltadas a norte. O seu primo Pedro olhava para ela sempre que passava pelo umbral, com a foice presa à cintura. Mas lá em cima ela sentia-se novamente dona de si própria e dava-se ao luxo de não fazer caso. Apanhava o cabelo dentro do lenço e puxava a franja impiedosamente para trás, embora, uma vez libertada, ficasse depois com um penacho na testa que lhe dava um ar ridículo. Chapim-de-poupa, chamava-lhe a prima Flora. Ela não se importava, não tinha tempo. Quando a manteiga estava pronta, o leite desnatado tinha então de ser aquecido em caldeiras de cobre para obter a coalhada. Giovanna ajudava a despejá-la para os moldes e a comprimi-la. A tia também fazia o *primo sale* e os *tomini* frescos[3], temperava-os com ervas e ia vendê-los à sede da cooperativa, juntamente com

a manteiga. Para as *tome*, no entanto, teriam de esperar meses.

Os irmãos de Giovanna espicaçavam o porco com ramos de nogueira, davam-lhe cascas e restos de polenta e de massa para comer, passavam as mãos pelas cerdas macias das suas orelhas. O tio nunca abandonava o chapéu e o colete de veludo, nem mesmo nos dias mais quentes, quando se limitava a arregaçar as mangas da camisa e a lançar imprecações ao céu. Corria o cão, *Turbo*, aos pontapés e logo de seguida mandava-o aproximar-se para lhe pôr uma mão tranquilizadora sobre a cabeça preta e branca. Comportava-se assim com todos, pessoas e animais. «Põe-te a andar», «Chega cá», uma murraça, um piparote carinhoso. Era uma questão de hábito, a sua forma de viver a intimidade familiar era esta. Ele e o filho mais velho não sabiam discutir a não ser aos gritos e insultos, mas isso não significava que estivessem zangados. Era a única maneira que tinham de comunicar, no meio da indiferença geral, aos gritos, aos impropérios, com murros dados na mesa. O mau humor deles era como uma linguagem privada, que não continha em si verdadeira maldade.

Pelo menos assim parecia a Giovanna, que servia o café com cheirinho em copos de vidro. Tio e primo bebiam-nos de um trago e depois iam para a cama, tranquilamente. Dormiam uma hora, levantavam-se outra vez descontentes, engoliam um segundo café. Amaldiçoavam as galinhas que esgravatavam em frente à soleira da porta e fugiam com a cabeça de lado uma, dez, cem vezes, com os barbilhões dos bicos a chocalhar. Voltavam então ao trabalho. Tinham de ceifar e revirar a erva para que secasse e se tornasse feno, cortar lenha, limpar o estábulo, cuidar das colmeias. O mel delas sabia a rododendro e a flores alpinas. Na cidade, comiam-no durante o ano inteiro, e o pai de Giovanna fazia-o escorrer para o leite com um sentimento de nostalgia que desaguava em fúria.

Quando ele ia lá acima visitá-los, Giovanna evitava-o ao máximo. Parecia que tinha o diabo no corpo, criticava tudo. À noite, ficava sentado a olhar para o panorama dos Alpes com um ar torvo. As montanhas ficavam violeta, depois azuis e azul-escuras. Surgiam as estrelas e ele sentia-as como dores no peito. Se a mulher se tentasse aproximar, corria com ela numa fúria: «Raios partam, que não posso estar em paz um minuto!» Quando batia, não dava bofetadas distraídas e fáceis de alguém se esquivar, como dava o tio, tinha o cuidado de deixar marcas. E, no entanto, ninguém se queixava muito dele. Quando se ia embora, a mãe e a tia comentavam: «Que mau feitio, o Mario, que estupor infeliz!», mas diziam-no sem ressentimento. Dentro de Giovanna, pelo contrário, crescia um ódio espesso; sentia-o subir dentro de si como a nata que todos os dias separava do leite.

O primo da foice agradava-lhe bastante, mas Giovanna descobrira naqueles meses de verão que, afinal, os rapazes lhe interessavam menos do que os queijos. O trabalho fazia-lhe bem e parecia sentir os olhares de aprovação da tia na sua nuca como borboletas nas gencianas do prado. Voltara a ter pernas sobretudo para correr e mãos para fazer, de aparência e textura



insignificantes. A tia tinha um grande rabo gelatinoso e uma prega de pele flácida em volta dos músculos dos braços, mas era imparável, «esta mulher é um rolo compressor», comentava o tio, orgulhoso, e enquanto ela içava o enorme rabo escada de mão acima dava-lhe duas ou três boas palmadas.

Flora tinha ciúmes porque, ao contrário de Giovanna, ainda não tinha menstruação, e por isso Giovanna tratava-a como se fosse uma tonta. Faziam as pazes à noite, na cama que partilhavam. Debaixo dos lençóis penteavam os cabelos loiros uma à outra com os dedos e juravam ser amigas para sempre, combinavam que, quando tivessem filhos e lhes coubesse a elas pô-los na ordem, iriam repetir: «Já chega, calem o bico, que é hora de dormir.»

Mas agosto estava no fim, já chuviscava havia dias. Era altura de voltar a Biella. Os primos invejavam Giovanna e os irmãos: o inverno na aldeia aparecia-lhes longo e triste no horizonte. Giovanna invejava os primos: o inverno na cidade corria-lhe pela cabeça como uma ribeira suja. O pai veio buscá-los com o seu habitual humor de condenado.

Talvez pai e filha fossem iguais. Ambos teriam gostado de ficar nas montanhas, mudarem-se agora da alta montanha para a quinta da cota mais baixa. Nenhum deles o suspeitava.

Na escola, Silvia achou Giovanna um bocado selvagem, em guerra com o mundo, mas orgulhosa. Convenceu-se de que ela ia conseguir passar de ano, mas numa semana a menina caiu numa estranha apatia. Folheava fotonovelas debaixo do tampo da carteira, ainda que nem essas parecessem despertar o seu interesse. Se faltava à escola com os dois rapazes do *Casone*, em vez de se excitar com isso, passava as horas roubadas num silêncio carregado, ou exercia um atrito passivo contra todas as propostas deles, como se lhes quisesse estragar a festa. Tudo lhe parecia feio. Feios o Michele e o Domenico, aqueles dois cachorrinhos muito crescidos que saudaram o seu regresso a dar ao rabo, feio o *Casone* com o pátio cinzento e o portão de ferro corroído pela ferrugem, feia a escola, feios os passeios e os canteiros de flores, feia ela própria, feiíssimo o seu pai.

Olhava fixamente para os pelos pretos e curtos que lhe cresciam sobre o nariz até ele lhe gritar que fosse dar uma volta. À noite, ouvia-o ressonar com o estômago revoltado de nojo. De vez em quando desejava que ele morresse, dessa maneira haveria choros no funeral, os outros viriam consolá-la e ela deixar-se-ia convencer de que o tinha amado. Queria ser boa na escola só para o impressionar, mas ainda queria mais fazê-lo sofrer, fazer-lhe cair em cima por uma vez que fosse toda a culpa que ele tinha.

---

[2] Queijos tradicionais do Piemonte e Vale d'Aosta, de leite de vaca com maturações diferentes. [N. da T.]

[3] Tipos de queijos de leite de vaca frescos tradicionais italianos. [N. da R.]

No primeiro trabalho do ano feito na aula, Giovanna foi péssima. Silvia tinha-o corrigido e estava todo cheio de sinais vermelhos. Não sabia o que fazer, se dar-lhe um insuficiente menos ou um voto de incentivo. Não queria usar as tarefas do pai para a forçar a aplicar-se, parecia-lhe injusto, mas também não podia tratá-la sempre de maneira diferente das outras crianças. Sentia que estava a perder autoridade e evitar más notas só iria piorar as coisas. Giovanna não podia pensar que o seu comportamento não tinha consequências, caso contrário nunca mais sairia do seu torpor. Aliás, talvez aquele trabalho desastroso fosse um pedido de ajuda, e fingir que não tinha corrido assim tão mal equivalesse a ignorá-lo.

Por fim, Silvia tinha pensado que era o primeiro e que ela podia recuperar, era melhor uma nota má agora do que mais tarde. Tinha-lhe dado um insuficiente mais. Mas dormiu mal nessa noite. Na aula, Giovanna tinha recebido o trabalho sem pestanejar. Quando tocou para a saída, Silvia deteve-a.

- Podes fazer melhor, não te preocupes.
- Sim, professora.
- Passa-se alguma coisa?
- Nada.
- Eu vi-te lá fora com aqueles dois rapazes. Queres reprovar outra vez?
- Não, professora.
- A escola ainda nem começou há um mês e já faltaste quatro dias.
- Uma das vezes estive doente.
- Se voltares a faltar, tenho de avisar os teus pais, percebes?

A escolaridade é obrigatória. Vamos lá terminar o ano, Giovanna.

A menina anuía e escapulira-se.

Silvia voltara para casa a arrastar os pés, que sentia mais pesados a cada passo. As pernas, dois trambolhos. Imaginava Giovanna a voltar para casa com o trabalho na pasta, à espera da chegada do pai. O que podia eu fazer? Aquele trabalho era irrecuperável, dizia para si própria. Pensou em telefonar lá para casa, mas depois pareceu-lhe demais. Afinal, quantas vezes tinha acontecido? Uma nota má, uma tarefa. Quase todos os seus alunos

apanhavam, alguns mais, outros menos. Alguns rapazes até se gabavam disso. Foi o olhar de Giovanna que não a deixou tranquila. Pareciam dois olhos voltados para dentro.

No dia seguinte, Giovanna foi à aula e nem parecia muito abalada. Durante o recreio, brincou com os outros e esteve à conversa com a colega de carteira, que era filha de um farmacêutico, boa aluna. Silvia ficou animada. Sou eu que dramatizo, disse para si própria. Mas, ao fim de uma semana, Giovanna voltou a faltar.

A professora olhou para o lugar vazio e ficou a pensar. Se eu ligar agora, encontro a mãe em casa e ela pode confirmar se houve uma febre, um percalço. Telefone e convenço-a a ter calma com a Giovanna. Se a quer castigar, que seja uma proibição de sair à tarde, por exemplo, mas tarefas não. Não é nenhum cão.

Tinha ligado. Giovanna saíra de casa às sete e meia com a pasta, como sempre, e parecia ir com saúde para dar e vender. Ao saber da ausência da filha, a mãe ficou doida:

– Aquela desgraçada! Quando voltar, vai ver! – Não queria dar a impressão de que não considerava a escola uma coisa importante, ela que a tinha abandonado na terceira classe.

– Mas não, minha senhora, eu não liguei para isso. Estou preocupada com a Giovanna, ultimamente vejo-a muito apagada.

– É porque anda na boa-vai-ela com aqueles dois vadios.

– Acho que o melhor é falar com ela, mas sem lhe bater. Esta idade é muito delicada. Sou professora dela há mais de quatro anos e nunca a achei tão em baixo.

– Ela é mas é uma grande cabeçuda, digo-lho eu.

– Não sei, não sei. Promete-me que a tenta levar com bons modos? Tente. Não custa nada tentar.

– Está bem, senhora professora. Obrigada por telefonar.

Giovanna tinha tocado à porta à uma e dez e fingido que nada se passara. A mãe observava-a, contendo-se para não lhe dar imediatamente a bofetada que sentia formigar na mão direita. Depois do almoço, mandou-a lavar a louça e a menina não protestou. Mergulhou as mãos na água com detergente e lavou-a de forma aplicada, enquanto os irmãos jogavam Mikado. Para se certificar de que não ficavam vestígios de gordura, fazia guinchar a cerâmica quente sob as pontas dos dedos.

À tarde, como não dava sinais de confessar, a mãe chamou-a à parte.

– A professora telefonou, eu sei que não foste à escola. Porque és tão mentirosa?

Giovanna não respondera, ficara petrificada. Fez-se um silêncio de alguns segundos, preenchido pela ruminação da máquina de lavar roupa.

– Não me apetece esconder isto do teu pai. Não quero ser uma mentirosa como tu. No entanto, vou tentar acalmá-lo. A professora pediu-me. Não sei se consigo, porque nós duas sabemos como ele é. Mas tu também deixas achas

para a fogueira. Basta que vás à escola e que tires suficientes. Porque o provocas?

– Se lhe contares, eu mato-me – respondeu Giovanna, e trancou-se no quarto das crianças. A mãe abanou a cabeça. Não acreditou nem por um momento.

E, no entanto, Giovanna abriu a janela. Quatro andares abaixo corria a ribeira. O *Casone* terminava numa muralha de cimento e pedra diretamente sobre a margem, a um passo da água verde-acinzentada. Giovanna via as pedras que o Cervo tinha feito girar no seu leito, tornando-as lisas e redondas como rebuçados, e depois a erva lamacenta, uma lata de tinta, uma meia de *nylon*. Não lhe vieram à ideia os prados preparados para a produção de feno, os moldes dos queijos, o vento que soprava do glaciar e trazia uma pitada de neve mesmo em pleno verão, a baba azul dos animais.

Descalçou os chinelos. Sentia-se como na lua e observava tudo de muito longe: a casa, a família, o pai que estava prestes a terminar o turno e a vir para casa, ela própria à janela. Sentia-se ofendida e muito distante, por um lado queria descer, mas também queria nunca mais voltar. Só tinha uma coisa clara em mente: não queria ser castigada. Quando muito, queria castigar.

Tinham-na encontrado três quilómetros a jusante.

Giovanna apareceu à noite. Tinha sido uma criança alta, com um vasto repertório de expressões hostis. Agora, parece a Silvia uma coisinha de nada, um passarinho bicudo com cotovelos afiados, omoplatas como asas e uma franja aloirada sobre uns olhos desumanos. Giovanna senta-se à sua frente no barracão em ruínas. Os seus pulsos finos despontam das mangas demasiado curtas como os ossos das coxas de frango.

Enquanto isso, nos ouvidos da professora, o telefonema que fez para a mãe repete-se até ao infinito. Ela tenta furiosamente alterar alguns pormenores do que disse, tem a certeza de que as suas palavras foram relatadas ao pai e que desencadearam uma discussão, um castigo.

Foi por isso que a criança morreu e foi ela, Silvia, a sua delatora. Vê a tarefa: bofetadas ou, pior, tarefa de cinto a deixar marcas na pele. Vê um pranto revoltado e cego e Giovanna que corre para a janela, sobe ao peitoril, se deixa cair. Ouve o baque do corpo ainda vivo, o impacto contra os pedregulhos, depois os remoinhos da ribeira do Cervo são imensos, galáxias encharcadas e silenciosas. Mais abaixo, as trutas pontilhadas nadam entre farrapos de tecido, pequenos resíduos submersos, moedas, muitas coisas perdidas que não foram feitas para ficar na água mas ali se desgastam até se decomporem.

Um vislumbre do passado e é a manhã do dia anterior.

Silvia vê-se a ir de novo até ao telefone, a consultar a agenda da turma para encontrar o número, a inserir o indicador nos orifícios do aparelho, a rodar o disco de plástico quatro, cinco, seis vezes. Inventa versões diferentes e outras tantas formas de salvação: muda de ideias, a linha encontra-se ocupada, o número está errado, a mãe de Giovanna não atende. Sua com o esforço de voltar atrás no tempo, o cérebro desgasta-se na tentativa de impedir que aconteça aquilo que já aconteceu.

Eis que Giovanna está normalmente na aula e rói as unhas. Tudo nela lhe parece adorável. Não se apercebeu de imediato, mas ao lado da última Giovanna está sentada a Giovanna da primeira classe. Esta Giovanna remexe na boca com dois dedos, puxa um dente de leite, recolhe-o na palma da mão e olha-o espantada, depois guarda-o no bolso. Silvia não suporta estar no

mundo sabendo que Giovanna já não existe.

Martino era novo naquela escola, o ano começara havia poucas semanas e ele não tinha amigos. Fazia de conta que tocava piano tamborilando com os dedos na borda da carteira, mesmo sem saber tocar – ninguém sabia disso e estava convencido de que lhe dava estilo e sublinhava o seu desinteresse pessoal pelos colegas, que o ignoravam ostensivamente, se tratavam uns aos outros por alcunhas de um lado para o outro da sala e trocavam berlindes e cromos, jogavam batalha naval ou diziam segredinhos ao ouvido uns dos outros, com as testas encostadas às têmporas. Ele mantinha-se concentrado a olhar para as mãos e usava – fingia usar – até o dedo mindinho, como imaginava que fizessem os pianistas experientes, mas na realidade estava a escutar o rugido das vozes e de vez em quando olhava para a fila de carteiras mais próxima das janelas para perceber se Giulia tinha notado o seu desempenho, e não, não parecia que o tivesse notado: o perfil de Madonna carrancuda estava meio escondido pelo cabelo, só a ponta do nariz sobressaía.

Martino não gostava da sua turma e não gostava de Biella: as montanhas desconhecidas, demasiado próximas, e as estradas que eram apenas estradas, sem qualquer memória que as transfigurasse. Até a água da torneira tinha um sabor esquisito, e de cada vez que bebia ficava de mau humor. A sua casa era em Turim, o seu bairro, Vanchiglia, tinha-o chocado como uma galinha choca os pintos, não havia cruzamento ou edifício que não falassem com ele: conhecia todos os rostos, conhecia os cães, sabia contra que esquina iam levantar a pata.

Martino e a mãe tinham-se mudado durante o verão por causa da asma. Nos últimos tempos, aquilo a que quando era pequeno chamava o Apito, um silvo que por vezes acompanhava a expiração, tornara-se contínuo. As crises começavam com a tosse, uma tosse metálica que lhe arranhava a garganta e o impedia de expirar e inalar ar suficiente. Nesse momento, ele sabia que os seus brônquios se contraíam e ficavam inflamados, e imaginava-os espessos e repelentes como a pele de um hipopótamo. Nem sequer conseguia falar. Nas piores crises tinha de pôr uma máscara de oxigénio humidificado.

Quando a chuva se fazia esperar semanas seguidas, as poeiras das fábricas, das caldeiras e dos tubos de escape saturavam o ar. Os protestos dos

ambientalistas surgiram naqueles anos, mas em Turim pouco se sabia sobre eles, só o movimento operário começava a preocupar-se com a concentração de substâncias tóxicas nas fábricas. E fumava-se em toda a parte. Entrava-se no autocarro e no comboio sem apagar o cigarro, os professores fumavam na sala de aula, no cinema uma névoa velava a tela. Até no hospital se podia fumar tranquilamente.

Martino, que sempre fora asmático, tinha lido as revistas e os livros que a mãe levava para casa: sabia que respirava monóxido de carbono, ácido clorídrico, compostos de flúor, dióxido de azoto e de enxofre, nicotina, alcatrão.

«Vá ao menos passar uma temporada com ele ao campo», ordenara o médico, «num lugar com muita vegetação, onde haja bom ar». Por isso tinham-se mudado para uma aldeia na região de Bioglio, para casa de um parente; um ano à experiência, disseram-lhe, para ver se a asma melhorava. O pai juntava-se a eles à sexta-feira à noite e saía ao domingo. Em vez de o matricular em na pequena escola da aldeia, em relação à qual tinham um preconceito de turineses, os pais decidiram que ele estudaria na cidade.

Martino tinha sentido tudo isto como um abuso. Ele teria preferido de longe morrer de tosse em Turim, sob as arcadas enegrecidas e as árvores malhadas das poeiras que aderiam às folhas e aos troncos. Rodeado pelos seus amigos, Agostino, Piero e Roberto, com os seus brônquios saudáveis e que não ligavam nenhuma à poluição.



Quando a professora Fogli entrou, as crianças calaram-se rapidamente e Martino levantou a cabeça do seu piano imaginário. Havia qualquer coisa de insólito na aparência da professora, uma flacidez nos traços e no penteado, uma hesitação nos gestos. Era uma mulher jovem e atlética e, para atenuar ambas as características, tinha imposto a si própria uma passada excessivamente lenta, um penteado imponente e o hábito de chupar pastilhas de hortelã – explicar as coisas enquanto passava uma pastilha de um lado para o outro da boca, e, mais ainda, fazendo uma pausa a meio do discurso para a quebrar com os dentes, parecia-lhe uma *sprezzatura*<sup>[4]</sup> de professora que se preza.

Naquele dia devia estar a dar a aula de matemática e, em vez disso, tinha de falar sobre a Desgraça – chama-lhe assim mentalmente, com letra maiúscula, que substituíra a maiúscula do nome de Giovanna. Bateu com a palma da mão na secretária, ainda que todos estivessem calados. Tocou na aliança de casamento em ouro e viu nela o seu rosto refletido. Não sabia por onde começar. Quando os mais velhos da família morreram, um após outro, tinha sido ela quem desfizera as camas e desinfetara os últimos lençóis com bicarbonato de sódio, enrolara tapetes, espalhara bolas de naftalina em gavetas e pacotes e enchera grandes sacos de lixo. Fazia todas estas coisas energeticamente, sempre calada; aliás, fazia-o precisamente porque isso lhe permitia estar calada.

Deve ser mais fácil para a irmã Annangela, pensou ela, deve ser uma coisa completamente diferente. Ainda bem que é ela quem vai à turma da Giovanna.

Desembrulhou uma pastilha de hortelã para chupar, mas logo em seguida cobriu a boca com a mão e cuspiu-a de volta para o papel, embrulhou-a bem e guardou-a na gaveta da secretária. Limpou os dedos à saia – graças a Deus as secretárias eram fechadas à frente e nas laterais, aquele caixotão de madeira barata protegia-a como uma fortificação. Decidiu que diria apenas o essencial, e rapidamente. Pediu desculpa pelo atraso, explicou que houve alguns contratemplos, um acontecimento muito triste. Trágico. Disse:

– Infelizmente, uma menina da outra turma da quinta classe partiu,

soubemos esta manhã.

Não acrescentou nada além do nome da criança, porque se tinha levantado uma mão: eles tinham perguntado, é claro. Dizer o seu nome à frente da turma tinha sido a coisa mais difícil que tinha feito desde que chegou à escola naquela manhã, na verdade desde que estava a dar aulas, talvez desde sempre. Este pensamento aliviou-a de alguma maneira: é claro que estava com dificuldades, como poderia não estar? A irmã Annangela também estava em dificuldades – estava devastada, isso sim. Parecia apenas um pouco mais corajosa do que as outras na sua reação, mas enquanto freira tinha de ter as suas certezas, para além da força de carácter que todos lhe reconheciam. Afinal, Annangela não tinha família de que se ocupar e pela qual temer mais do que por qualquer outra pessoa no mundo. O que mais lhe poderia acontecer? Não podia perder um marido, um filho. Nem Silvia podia, e no entanto tinha acontecido: alguma coisa a tinha destruído. Ela não volta amanhã, não a vamos encontrar, disse para si própria, e sentiu que era verdade e ficou espantada com aquela súbita convicção: tinha sido como agarrar um mosquito em voo com a mão, mas distraidamente e quase por acaso, sem pôr nesse gesto qualquer intenção.

Rezar pareceu-lhe uma forma honrosa de fazer passar os minutos. Recitaram a Ave Maria e o Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso, as crianças moviam as bocas em uníssono e entreolhavam-se para avaliar e afinar a reação que deviam ter. Para muitos deles, o aspeto mais concreto era a emoção de uma manhã diferente do habitual. Foram chamados a mostrar tristeza e dedicaram-se a ela com empenho, imitando as expressões de luto que tinham visto nos rostos dos adultos durante os funerais.

Enquanto isso, a professora Fogli pensava no que fazer com Giulia, porque Giulia era filha de Anselmo, o primo de Silvia, e ela sabia muito bem quão estreitos eram os laços. De todas as crianças, era já a que parecia mais perturbada, com o olhar fixo e os cantos da boca descaídos.

Giulia era parecida com a mãe, Luisa. A avó Gemma era um osso duro de roer, elas as duas não. «Tu e a tua mãe têm a lágrima sempre pronta», dizia Anselmo, «são duas choras». Agora Giulia não conseguia parar de imaginar a morte daquela menina. Ela não conhecia Giovanna, mal se lembrava do aspeto dela – era loira, parecia-lhe, e aparentava ser mais alta; à entrada e à saída, destacava-se no meio do átrio cheio.

A professora não entrara em detalhes, por isso Giulia manteve os olhos fincados na tinta verde-água do banco e viu desfilar aí os infortúnios contra os quais o pai a alertava enfaticamente quase todos os dias: atravessar a rua com o sinal vermelho, ou sem olhar várias vezes para a direita e para a esquerda, e acabar atropelada, cair mal da bicicleta, inclinar-se demasiado da varanda, subir a uma árvore e partir um ramo com o próprio peso, ter uma indigestão,

comer bagas ou cogumelos venenosos, nadar nas ribeiras (remoinhos, ou congestão), escorregar ao sair da banheira e bater com a cabeça, deixar cair o secador de cabelo na água, apanhar um choque ao tocar na tomada elétrica ou em fios descarnados.

Em vez da Giovanna, pensou, poderia muito bem ter sido ela. No entanto, Giulia não conseguia acreditar inteiramente nisso. Ainda era uma menina, achava que era especial e que o mundo lhe devia alguma coisa: sorte, uma saída. À sua volta, secretamente, também os seus colegas saboreavam a luz da manhã, os cabelos em que podiam mexer e compor com as mãos, os gemidos das cadeiras arrastadas no chão, o papel dos cadernos e dos diários cheio de dedadas, de onde vinha um odor a tinta ácida e lanches, e trocavam olhares furtivos, de alívio um pouco culpado, de sobreviventes.

---

<sup>[4]</sup> Capacidade de realizar algo complexo com naturalidade, escondendo conscientemente o esforço que tal exige. Termo de origem italiana considerado intraduzível. [*N. da R.*]

Na turma de Giovanna, a carteira vazia atraía e repelia os olhares, era um alçapão aberto na sala. A irmã Annangela pousou a palma da mão no ombro da menina que costumava estar sentada ao lado de Giovanna e agora estava sozinha; ela fez uma espécie de esgar com o nariz e começou a soluçar, de olhos arregalados de surpresa porque não esperava pôr-se a chorar assim, tão de repente e tão alto. Todos competiam para a consolar e, quanto mais a consolavam, mais ela chorava, rastos de muco cintilante sulcavam-lhe as mangas da bata. Quando se acalmou, começaram a escrever cartas para a família, adornadas com corações e flores. Os melhores a desenhar empenharam-se a fazer anjos de expressão aflita: «não te esqueceremos», «descansa em paz», «agora estás no céu», «Virgem Maria, intercede pela Giovanna».

As meninas tinham a gola da bata molhada e apertavam o lenço na mão que não estava ocupada pela caneta. As crianças pareciam espantadas, tolhidas de perplexidade. Estavam em alerta, como se alguém lhes tivesse entregado à traição a trela de um grande cão desconhecido.

Foram autorizados a irem aos pares à casa de banho, para lavarem a cara, e foi uma procissão. Duas raparigas, sugestionando-se mutuamente, começaram a gemer tão alto que, para se acalmarem, tiveram de se sentar nos mosaicos, sem se importarem com as pegadas castanhas deixadas pelas solas e os pedaços de papel higiénico molhado. No calor da emoção, pediam desculpa uma à outra por antigas ofensas e abraçavam-se: «Tens de me perdoar», «Não, tu é que tens de me perdoar, és a minha melhor amiga».

À saída, estavam à espera alguns jornalistas: queriam falar com o diretor, talvez detalhar certos pormenores para acrescentar à sua peça. «Que chatos!», desabafou um pai.

A irmã Annangela permaneceu sentada dentro do seu *Cinquecento* até que o largo e a estrada ficassem vazios. A visão das crianças a saírem pelo portão vivas, com as pastas a baloiçar, trespassava o coração dos pais, não era uma coisa óbvia, não o seria por algum tempo. A irmã Annangela precisava de sentir aquelas correntes de pânico, estupefação e amor em seu redor até à última gota. Ser-lhe-iam fundamentais quando fosse visitar o pai e a mãe de

Giovanna.

Martino caminhou atordoado e faminto em direção à paragem do autocarro. Os bancos do abrigo estavam ocupados por duas meninas mais velhas, talvez do liceu, que comparavam as veias dos braços. Uma tinha-as verdes, a outra lilás. Discutiram o assunto durante bastante tempo e depois passaram para o cabelo: quem tinha mais pontas espigadas? Aparentemente, até encontraram triplas. Martino não sabia se isso era bom ou mau. Pareceu-lhe reconhecer o mesmo prazer enojado de quando se vê uma aranha peluda a subir pela parede. Afastou-se alguns passos e, por sugestão, começou a estudar os arranhões que tinha nas costas das mãos (de ir às amoras às silvas) e as manchinhas brancas nas unhas.

Durante o intervalo souberam que a professora de Giovanna também estava desaparecida, bastara que as turmas da quinta classe se tivessem encontrado no pátio. A irmã Annangela travessou a clareira de cimento, esquivando-se aos pequenos da segunda e da terceira classes que jogavam futebol e tropeçavam nos próprios pés. Minúscula, redonda e implacável, puxou Giulia para o lado. Então Martino percebeu que a professora Canepa devia ser parente de Giulia, talvez uma tia.

Ele mal se lembrava dela. A questão não era quem ela era, mas o que era: uma professora, cujo papel consistia em estar numa sala de aula, explicar, dar notas e fazer anotações no caderno diário.

Esforçou-se para recordar algo mais específico. A irmã Annangela era simpática, a professora Canepa não. Parecia distraída – não atarefada, apenas distraída. Não era feia nem bonita, nem alta, nem baixa, tinha cabelos castanhos, usava roupas simples que pareciam sempre as mesmas, como um uniforme. Não lhe parecera grande coisa.

A bordo do autocarro, Martino sentou-se longe dos outros. Não pretendia ceder: aquela não era a sua casa, não se tornaria uma. Mastigou furiosamente o seu pão com salame e observou o famoso verde que o fizera vir viver para ali, manchado de amarelo, castanho e vermelho. As árvores e as silvas cresciam até demais, continuavam a invadir os caminhos, a desembocar na estrada e a pesar nos telhados das casas, as suas raízes partiam os passeios e soerguiam montículos no asfalto da estrada. O autocarro arrancou pelo

percurso todo às curvas: dava a volta ao monte Rovella, para cujo topo convergiam bosques ainda mais cerrados. Martino não fazia ideia de que a professora tinha nascido e vivido durante muito tempo no local onde ele agora se instalara.

Desceu na paragem em frente à igreja e passou pelo bar e pela fonte. A casa onde agora vivia com a mãe, Lea, tinha uma típica fachada piemontesa, com persianas de madeira nas janelas, varandas com laje e modilhões em pedra de Luserna e grades de ferro forjado. Na parte de trás havia um jardim com erva alta, uma pérgula com uma glicínia e um grande diospiro carregado de frutos redondos como seios. Quando lá entraram pela primeira vez, Lea tinha encarado as plantas enlouquecidas com as mãos nas ancas. «Que selva», disse. E da glicínia: «Mas isto, na primavera, transforma-se numa nuvem violeta.» Em seguida, apontou para o diospiro com o queixo: «E deste aqui, daqui a um mês vamos ver nascer muitos pequenos sóis. Percebeste, resmungão?»

Ele foi ter com ela, que estava a estender roupa ali em baixo. Fazia estalar as peças de roupa como chicotes e prendia-as à corda com molas. Pescou uma toalha de mesa da bacia e viu-o, sorriu-lhe:

– Ajuda-me.

Martino atirou a pasta para o chão e pôs-se a sacudir as fronhas molhadas. Descarregava assim a sua raiva por estar naquele lugar e a perturbação com a morte da rapariguinha, que agora sentia fermentar no estômago. Para ele, era mais uma prova de que a decisão de deixar Turim tinha sido desastrosa, um infortúnio ao qual era impossível habituar-se. Esperava que os dióspiros caíssem todos ao mesmo tempo e estoirassem em cima da roupa lavada como balões de água. Tinha os pelos dos braços em pé. A mãe reparou.

– Espera lá, mas o que é que se passa?

– Nada.

– Diz-me lá, vá.

Ficaram assim durante algum tempo, até que Martino gritou:

– Eu não quero ficar aqui, aqui as crianças morrem!

Lea ficou atordoada.

– O que é que estás a dizer?

– Uma das da outra turma morreu – conseguiu acrescentar, antes de correr para dentro de casa.

Enquanto subia as escadas atrás dele, Lea perguntou-se se alguém no trabalho saberia e não lhe tinha dito nada de propósito. Ela conseguira ser contratada como secretária na Fábrica de Confeções Bellia, em Pettinengo, onde atendia os telefones e mantinha os documentos, os arquivos e a correspondência em ordem. O lugar tinha um certo fascínio austero, era um grande complexo industrial construído havia mais de um século, que dominava toda a planície de Biella, e Lea não se arrependia nada de ter deixado a loja de chapéus da Rua Francia, em Turim, onde havia trabalhado

como empregada de balcão durante mais de dez anos, mesmo tendo percebido imediatamente que os seus novos colegas a achavam antipática, hostil, com aquele seu modo de fazer tudo depressa e bem, como um robô, para afastar as tarefas do caminho o mais rapidamente possível. O facto de ser ruiva, um vermelho flamejante que parecia pintado, não ajudava, muito menos o facto de se ter mudado só com o filho, sem trazer o marido atrás.

Martino estava sentado à escrivaninha com *A Balada do Mar Salgado* diante de si. Gostava de ter patilhas como o Corto Maltese. O brinco não, parecia-lhe demais – eles não o veriam como um marinheiro meio pirata, mas antes como um maricas a quem bater. Os cantos dos olhos ardiam-lhe com as lágrimas que tentavam sair. A mãe veio abraçá-lo por detrás, com o encosto da cadeira de permeio, mas debruçada por cima dele. Apoiou a garganta e o queixo na sua cabeça e respirou-lhe para dentro do cabelo, e ele sentiu-se novamente seguro, como se estivesse dentro de um cofre.



Giovanna põe nos braços de Silvia um grande ramo de pinheiro. As agulhas picam as mãos da professora: mais do que um pinheiro, parece uma escova dura, do tipo usado para fazer soltar a lama seca dos sapatos.

– É para ciências, professora. – É uma Giovanna estranha, tem o cabelo molhado, muito mais longo do que alguma vez teve. – Tomei um duche – explica, sem que a professora se tenha atrevido a perguntar nada.

Silvia olha para ela, ama-a e teme-a.

– Os pinheiros têm agulhas compridas, em tufos ou então... ou então aos pares. Não é?

Silvia anui, não tira os olhos dela.

– Os abetos têm agulhas curtas, ao longo de todo o ramo. – Da franja encharcada de água escorrem-lhe gotas pelo rosto. – As pinhas do abeto são mais longas e macias, as do pinheiro são redondas e lenhosas – continua. Muda o peso do corpo de um pé para o outro.

Silvia vislumbra uma figura de pé no vão da porta. É uma mulher que só reconhece porque conserva as fotografias dela. É a sua mãe. Giovanna vira-se, seguindo a direção do seu olhar, e diz à mulher: «Xô, xô», depois desloca-se de modo a ocultar de Silvia a visão da porta. Tem nas mãos o manual escolar, mas também ele está encharcado, as páginas todas onduladas e moles, uma gelatina de papel.

– Este já não tem salvação – diz Giovanna. – Mais vale deitá-lo fora.

Deixa-o cair. Agora é um *aspic* colorido, uma peça de gordura recheada com frango, ovos cozidos e legumes que se parte em três ou quatro pedaços viscosos e fica panada com terra e galhos.

Silvia tem fome.

Ao voltar da escola, Giulia encontrou os pais em casa. Anselmo estava de cabeça perdida, e nos breves momentos em que ficava calado era ainda pior: caminhava pela sala a passos largos e irradiava angústia como um repetidor de carne e osso. Giulia parecia sentir as ondas a propagarem-se, a vibrarem-lhe no peito e a acumularem uma carga nociva de dor que se lhe alojava debaixo das costelas. Mas dentro em pouco o pai irrompia em novas invetivas contra o Minero da banca de jornais, o diretor da escola e a irmã Annangela, que não o tinham chamado logo, e contra as forças da ordem e outras pessoas que não tinham absolutamente nada a ver com o caso.

Dois jornalistas vieram falar-lhe pelo intercomunicador e ele cumprimentou-os à sua maneira: gritando e insultando. Não queria envolver muito os *carabinieri* porque os considerava uns matarruanos e umas lesmas, recomendou-lhes que fossem discretos e informou-os de que também iria participar nas buscas, uma vez que conhecia muito bem a zona e a pessoa desaparecida. O padre só foi convidado a entrar porque neste ponto Gemma e Luisa estavam prontas a dar luta e puseram ar de mártires sofredoras. E o padre era velho, tinha mais de oitenta anos e verrugas nas pálpebras e à volta dos olhos. Se fosse um jovem padre, talvez não tivessem conseguido. Don Luigi exortou-os a terem fé e a rezarem, especialmente a São João Batista de La Salle, padroeiro dos professores, enquanto Anselmo bufava como um touro e se inclinava para lhe servir um copinho de *genepi*.

Luisa agarrou-se ao telefone e ligou para os hospitais da cidade e para sítios onde Silvia pudesse ter ido de autocarro ou de comboio, mas ninguém havia recolhido uma mulher como ela, uma mulher ferida, inconsciente, muda. Vítima de amnésia ou enlouquecida pela dor. Era uma boa notícia, mas também era uma má notícia. Fechou a lista telefónica e fez um esforço imenso para conter na garganta uma torrente de pranto, deu mesmo tudo de si. Não queria assustar ainda mais Giulia.

Gemma aquecia em manteiga umas almôndegas que tinham saído mal, granulosas e oblongas. A mesa estava posta e ninguém tinha vontade de se sentar, à exceção de Corrado, que, com os seus cinco anos, tinha perguntado onde estava Silvia e ficara satisfeito com uma resposta evasiva. Agora

saltitava em volta da avó, tentando convencê-la a dar-lhe um pedaço de carne diretamente da colher de pau.

Giulia escondia a sua preocupação muito melhor do que Luisa. Ajudou Corrado a partir as almôndegas em pedaços com o garfo e, a certa altura, dirigiu à mãe um sorriso forçado. Pensou que Silvia teria ensopado em pão a manteiga queimada do fundo da frigideira – adorava manteiga, azeite, queijo derretido, as crostas gordurosas que ficavam agarradas aos tachos.

Giulia gostava muito dela, e amava em particular os aspetos do seu carácter que eram motivo de censura na família. Silvia sabia isolar-se da algazarra conflituosa do pai como ninguém, de tal maneira que, quando estava absorta nos seus pensamentos, nem respondia se falassem com ela. Uma tarde, tinha combinado com Anselmo irem juntos ao registo predial, ele não queria subir e tinha-se esgoelado a chamá-la da rua, vezes sem conta: «Silvia, Silvia! Estás surda? Silvia! O registo! Silvia!», cada vez mais alto, cada vez mais exasperado. Giulia tinha vontade de tapar os ouvidos com as mãos, mas Silvia, nada, estava a recortar um artigo sobre a Grace do Mónaco da *Famiglia Cristiana* e continuou até notar que alguém, lá de baixo, estava aos gritos. Então disse, sem levantar os olhos:

- Não estás a ouvir o teu pai chamar?
- Olha que a Silvia és tu – fez notar Giulia.
- Ah, pois sou.

Tinha pousado a tesoura, enfiado o casaco e os mocassins e saído, impassível.

Era capaz de ignorar conversas inteiras, como se tivesse tampões de cera nos ouvidos. Mas, quando lhe agradava e era uma conversa face a face, interessava-se sem reservas pelos outros. Não fazia nenhuma diferença que o seu interlocutor fosse uma criança: a atenção dela era absoluta, fazia-nos sentir como a Xerazade (Giulia tinha uma sumptuosa edição ilustrada de *As Mil e Uma Noites*, era o seu livro favorito). Silvia lembrava-se sempre desse tipo de conversas, e depois pedia novidades, atualizações. Nunca dava conselhos. A única coisa que repetia teimosamente aos jovens que estavam ao seu alcance era: «Estuda», com o *u* fechado dos piemonteses.

Giulia também intuía que Silvia tinha um problema: ela sentia-se a mais. Uma convidada. Jantava com eles todas as noites, mas, precisamente, jantava com eles, com a família, da qual ela estava à margem. E isto apesar de Silvia e Anselmo serem como irmãos, muito mais do que primos. Tinham sido criados juntos pelos avós, porque Silvia era órfã e Anselmo era um filho negligenciado pelos pais, nascido entre um primeiro filho de saúde precária e uma filha graciosa e tirânica.

O desaparecimento de Silvia tinha mergulhado Anselmo no medo, ou seja, na raiva. Era um medo tal que ele não conseguia extravasá-lo de forma alguma, nem correndo toda a gente com palavrões, batendo portas e dando murros na parede. Para o dia seguinte, tinha organizado uma batida nos bosques, desde a cidade até Bioglio, a sua aldeia natal. Na toalha de mesa, ao

lado do prato cheio de almôndegas, abriu um mapa para estudar os melhores percursos. Seriam cerca de dez, com cinco ou seis cães de caça obedientes. De vez em quando mergulhava um talo de aipo no molho e insultava os pingos de azeite que ele próprio deixava cair no mapa.

Giulia não era tão boa a alhear-se quanto Silvia, mas naquela noite conseguiu sê-lo o suficiente. Pediu autorização para ir para a cama e refugiou-se debaixo dos cobertores com *As Mil e Uma Noites*.

Luisa veio apagar a luz por volta das nove horas.

– Vai correr tudo bem – sussurrou. Mas não acreditava nada nisso.

Giulia teria gostado de lhe dizer para parar com aquilo, mas respondeu:

– Claro que vai, mãe. – Era uma saída falsa, de adulta, e Luisa reparou, percebeu que era uma resposta à altura da sua declaração. A filha ocultava os sentimentos, optava por silenciá-los, por se distanciar deles, queria dizer que estava a crescer. Gostava de fazer parte de toda aquela efervescência interior, mas sabia que lentamente, muito lentamente talvez, seria expulsa e ela teria de resolver tudo por si própria.

Acariciou-lhe um braço.

– Meu amor. Não podemos fazer mais nada além de procurar por ela e esperar.

Luisa percebeu com consternação que mal tinham falado de Giovanna. Aflitos com o desaparecimento de Silvia, tinham-se esquecido da criança. Olhou então para a sua criança, dois montinhos debaixo dos cobertores e um rosto sensato, como se fosse um hieróglifo. Tinha de admitir que nenhum pai poderia imaginar o que Giovanna tinha feito. Não nesta idade. Era demasiado jovem para entender as consequências, para perceber que deixaria de existir depois de saltar para a ribeira, que não poderia subir para a margem, caminhar de volta a casa e tocar à campainha, a pingar no capacho da entrada. Talvez tenha sido por essa incapacidade que se atirara, porque não se apercebeu de que morreria.

O colégio. Vem-lhe à mente com extraordinária clareza e é muito mais real do que a chuva que a ensopa, vinda do telhado abatido. Ainda assim, Silvia deita a língua de fora para saciar a sede: está grossa e seca, parece de cartão. Transporta-a de novo para o colégio interno, para os cobertores castanhos que usavam.

Dormiam em camaratas e faziam a cama todas as manhãs de acordo com as instruções, que consistiam em entalar os cobertores e os lençóis de modo a dificultar a entrada, de tão esticados. Não havia nada de macio naquelas caminhas. Havia o retângulo do colchão, o retângulo da almofada, o retângulo da dobra do lençol, o retângulo castanho do cobertor. Enfiavam-se lá dentro bufando com o esforço. A cama deveria ser uma bacia onde guardar à noite os corpos das meninas e das raparigas. Não tinham espaço para se coçar, para dobrar os joelhos, para se tocarem livremente. A camisa de noite era larga e rígida, a cama acanhada e dura e a combinação de ambas fora concebida para estorvar e impedir.

A seguir à cama, Silvia revê as suas companheiras, as educandas. Algumas tinham-se mantido boas amigas, mas agora aglomeram-se ao seu redor tal como eram naqueles anos: rapariguinhas de uniforme, com joelhos como bolbos pálidos entre as meias até ao joelho e as saias, rostos imaturos a assomar detrás de cortinas de cabelos. Entre elas, crianças do passado, está Giovanna, criança eterna, e juntas observam-na como se Silvia fosse um espécime exótico trancado dentro de uma gaiola.

Sentada no chão, arrasta-se para trás apenas o suficiente para se abrigar da chuva num canto intacto da cabana. Giovanna ainda tem os cabelos encharcados, colados ao crânio, e é por isso que a intermitência de um pensamento vai e vem na mente de Silvia, e com ele uma ténue noção de tempo. O facto é que já antes (quanto tempo antes? impossível saber), já antes Silvia não acreditara na história do duche. Consegue reconhecer quando uma criança está a mentir e tem a certeza (ela tinha a certeza) de que foi a água da ribeira em que se afogou que encharcou Giovanna. Agora, no entanto, pergunta-se se não terá sido a mesma água da chuva a cair sobre ambas. E, se estão debaixo da mesma chuva, então Silvia também está morta e as suas

visões são aquilo que acontece *depois*. É preciso reviver tudo, momento a momento, avulso. Tudo: até a morte de Giovanna, e Silvia fica tensa porque ouve de novo o toque do telefone e aguarda o som do auscultador a ser levantado.

Mas depois percebe que as educandas, as companheiras do colégio, estão secas. Só Giovanna está molhada, mas não lhe parece (apura o olhar) que continuem a cair gotas sobre ela. Pela primeira vez, Silvia interroga-se sobre se o oposto será verdadeiro: poderá estar viva, afinal, e as meninas não estarem realmente ali? É ali que está a chover, e tudo aquilo que está a embeber a chuva naquele instante é verdadeiro, é real. Com dificuldade, enumera: ela própria, a palha dispersa pelo chão, os ramos que se estendem fora e dentro da cabana, as paredes escuras de humidade. Mas estas coisas não lhe interessam, e por isso recuam e desvanecem-se.

Em vez disso, o colégio volta, perfeitamente nítido. As camas, as companheiras, o refeitório, o cheiro a sopa e a inseticida, a sala de visitas onde as famílias se reuniam aos domingos e onde as órfãs eram espectadoras do Grande Mistério: ter uma mãe. Como uma mãe te beija, como te ignora. Havia mães distraídas, mesmo naquele único dia por semana.

Uma vez, Silvia tinha ouvido uma a sibilar à filha: «Não te atrevas a choramingar, aí de ti se começa com choraminguices», e ficou ofendida como se aquela censura injusta lhe fosse dirigida.

Domingo, a sala de visitas. A avó com meias cor de carne todas enroladas em volta dos tornozelos, como a pele de certos cães. O avô muito elegante, com o chapéu e o casaco de bom corte, o colete e o lenço no bolso da lapela. A avó estava a perder o cabelo e não fora ela a trazê-la ao mundo. Isso era importante, dizia sempre a sua amiga Marilena, a quem só restavam as irmãs do pai. Marilena está mesmo ali, ao lado de Silvia, e toca na barriga abaixo do umbigo, como as grávidas: «Vá lá», diz ela, «a tua avó sempre é a mãe da tua mãe». Mas Silvia fica revoltada com a ideia da mãe a sair do ventre da avó, na grande cama de barco com a cabeceira esculpida com folhas e volutas e, ao centro, as iniciais do avô: CC, Costantino Canepa. Ela própria ali dormira muitas vezes, ao lado da avó, que entalava bem os cobertores para não correr o risco de cair. Em casa, como no internato, aguardava-a um sono encasulado.

Agora, os olhos redondos e cinzentos de Marilena brilham, e isso significa que *ela* chegou: a mãe de Antonia, rainha das visitas dominicais. Silvia já não se lembra do nome daquela mulher linda, loira, de maçãs do rosto salientes, nariz comprido e sobrancelhas invisíveis, a mãe-puma, mas vê os dois copos que levava consigo, cuidadosamente embrulhados em jornal (cálices octogonais com um filete dourado no bordo), e a lata de chocolate em pó para dissolver com leite. Ela e a filha Antonia fazem *tchim-tchim* e bebem. A mãe geme: «Tenho saudades tuas, fazes-me tanta falta», e Silvia compreende o aborrecimento de Antonia por aqueles impulsos que acabam por tornar ainda mais difícil a vida pobre em afetos do colégio.

– Não acredito, se me deixas aqui quer dizer que não te faço falta nenhuma – ataca Antonia, e a mãe apressa-se a negar e a explicar, até que lhe escapa uma frase cobarde:

– O teu pai é inflexível. – Mas Antonia não cede, quer que a mãe se vá embora magoada, tal como ela está magoada por continuar ali, mas arrepende-se assim que ela vira a esquina. Com a língua, procura o sabor residual do chocolate nos cantos da boca, com os olhos procura Silvia e Marilena, porque testemunharam a cena e são órfãs, estão pior do que ela.

Chovia há horas e ainda estava escuro. Sentada dentro do carro, Luisa observava a passagem das luzes dos faróis alongadas pela água, brancas e vermelhas, e as amarelas, fixas, dos candeeiros de rua. No parque de estacionamento da fábrica, aproveitou a chuva para fechar rapidamente a porta e fugir para um abrigo. Anselmo estava de pior catadura do que nunca porque as buscas teriam de decorrer debaixo de chuva, com os cães nervosos e a visibilidade reduzida. Ambos pensavam no terreno encharcado, no caudal das torrentes a aumentar, nas roupas molhadas que rapidamente enregelam um corpo. Mas talvez Silvia estivesse abrigada, ou ao menos tivesse podido beber.

A fábrica onde Luisa trabalhava produzia roupa interior: camisolas de alças, cuecas, pijamas, meias, *collants*. As operárias e as empregadas eram todas mulheres e tinham cacifos onde deixar os casacos e as malas. Quando entrou no vestiário, as cabeças de quem estava a lidar com a fechadura, o lenço de pescoço ou a garrafa térmica do chá ergueram-se em unísono e ela preparou-se para o cerco. «Então, não há novidades?», «Meu Deus, e ainda por cima hoje chove», «Esperemos que esteja abrigada», «Não aguentou, coitadinha», «E não teve culpa nenhuma», «A Silvia, como professora, é extraordinária».

Luisa anuí-a educadamente. Percebia que estavam sinceramente preocupadas e que continuar a dizer aquelas mesmas coisas as fazia tomar fôlego. Também as mantinha excitadas e, escusado será negá-lo, afastava o tédio. Silvia era o tema do momento. Uma mulher um pouco esquisita, fora do mundo, que ao longo da vida evitara a atenção dos outros e, ao desaparecer, acabara por atraí-la sobre si. As pessoas reviram episódios da sua vida, da sua aparência, da sua dedicação e da sua solidão. Luisa compreendia o paradoxo e sentia-se na obrigação de proteger Silvia da coscuvilhice, embora fosse demasiado bem-educada para ser eficaz. Mas então algo a pôs a ferver.

– Também se percebe. Uma pessoa solitária, sem afetos – disse uma mulher com o cabelo armado, Mariachiara. – Apega-se aos alunos mais do que devia, não sei bem como dizer. De uma maneira doentia. Ou seja, eles são tudo o que ela tem. Atenção, uma professora assim é uma coisa preciosa.



Todos sabemos isso. Mas depois acontece uma desgraça e ela perde a cabeça. A minha sogra, que a conhece bem, diz que já quando era criança não era lá muito certa.

– Mariachiara – gritou Luisa, e ficou espantada com o próprio grito. Devia ter deixado passar, mas sentia a cara a arder até às pontas das orelhas e aproximou-se do grupinho. Nunca perdia a calma, estava a avançar por terreno desconhecido. Ao longo dos anos, sempre deixara a fúria para Anselmo. Maldita imbecil, pensou. Referia-se tanto a Mariachiara como a si própria. Não sabia como sair daquela situação.

– Oh, Luisa. Eu sei, deve ser terrível para vocês – apressou-se a acrescentar Mariachiara, com uma voz angustiada.

Luisa estava pronta a fazer marcha-atrás, mostrar um sorriso conciliador e começar o turno.

– Todos gostamos muito da Silvia. Eu só estava a dizer...

– O quê?

– Nada, queria dizer que, se a Fernanda ou a Bruna se sumissem no ar, se tu desaparecesses, por exemplo, eu ficaria espantada. Agora, a Silvia sempre foi um bocadinho especial, não é? No bom sentido.

Luisa sentia o cheiro da laca de Mariachiara, venenoso, e até o olhar dela parecia venenoso. Reparou nuns pelos brancos e prateados no casaco preto.

– Se tu o dizes – atalhou. Felizmente, não estavam muitas a escutar a conversa. Fosse como fosse, a esta altura já não se conseguia conter. – Olha, a propósito, Mariachiara, devias fazer alguma coisa em relação a esse cheiro a gato. Como direi... é muito incomodativo. Acho que ele te batizou o casaco. Sabes, quando eles marcam...

E deixou-a a cheirar as roupas com uma expressão ressentida que a desfeava.

Às vezes, como naquele momento, Luisa perguntava-se o que andava ali a fazer, e com *ali* queria dizer na sua vida. Não era uma coisa agradável de se dizer e, de facto, ela não o dizia, nem sequer se atrevia a formular completamente esse pensamento. Às crianças, sim, sentia-as como suas até ao âmago. Giulia era um bijuzinho, e não lhe parecia do tipo de descarrilar mal entrasse na adolescência, desde que Anselmo não se tornasse tão insuportável que a levasse a fugir com o primeiro idiota que aparecesse. Corrado, o mais pequeno, era uma verdadeira peste. A sua mãe, Gemma, tratava o neto como um príncipezinho porque era rapaz, e não lhe ensinava a fazer nada daquilo que Giulia, com a mesma idade, sabia fazer perfeitamente.

Luisa adivinhava de onde lhe vinha aquele sentimento de estranheza, tal como adivinhava as razões profundas que a tinham levado a casar-se com Anselmo. Era por causa do que tinha acontecido vinte e seis anos antes, durante a guerra. Ouvira falar de sobreviventes com estilhaços espalhados

pelo corpo, até balas presas nos ossos do crânio, que não se podem extrair. Via-se dessa forma: com qualquer coisa dura e fria dentro de si, aliás, no centro de si própria, em torno da qual cicatrizara, malgrado a sua vontade, qualquer coisa que havia destruído, e depois tornado insensível, uma parte de si.

Luisa tinha saudades do Friuli da sua juventude e, ao mesmo tempo, teria achado difícil, se não impossível, viver lá. O campo estava exposto ao céu sem a limitação das montanhas, era uma extensão de verdes e amarelos: tabaco, milho, trigo. Os montes tinham para ela sempre um efeito opressor, como um cinto que aperta demasiado. Preferia estar debaixo de todo o céu possível, a perder de vista. A polenta friulana era branca, uma lua cheia que se cortava em fatias com o fio de algodão e se servia, uma vez arrefecida, também ao pequeno-almoço e ao lanche. Ao amanhecer, o vapor que subia do rio Tagliamento fazia ondular as formas, toda a paisagem parecia um sonho. Tinha muitas lembranças agradáveis. Mas durante a guerra, precisamente nos piores meses de 1944, apaixonou-se. Começara então a roer as peles ao redor das unhas, e ficava em carne viva, vermelha e dorida. Sentia-se toda assim, sem a camada protetora necessária, sem a casca. Arrancava as peles por esse motivo, para se tornar mais parecida consigo mesma.

A família de Luisa estava com os *partigiani*, a resistência italiana, e ela sentia-se orgulhosa disso. O rapaz por quem se apaixonara, pelo contrário, tinha um irmão entre os republicanos. O namorado não era fascista, mas gostava muito, apesar de tudo, do irmão camisa negra. Os guerrilheiros tinham-no trancado num celeiro para um interrogatório: queriam que ele traísse o irmão, que os ajudasse a apanhá-lo, talvez para o executarem, ou para o usarem numa troca de prisioneiros. Luisa nunca chegou a saber se o tinham alvejado por frustração, por engano ou num ímpeto, porque tivesse tentado fugir.

Tinham sido os *partigiani* e, para ela, todo o universo tinha parado. Conhecia-os bem, nomes, rostos e família. Os seus parentes andavam muitas vezes com ela, eram primos mais velhos ou amigos de primos, colegas de escola, companheiros de pesca, colegas de regimento. Para eles tinha deixado sacos de batatas, atacadores novos e gorros de lã nas valas, tinha usado três ou quatro camisolas, umas por cima das outras, e depois amarrava-as firmemente aos ramos e deixava-as na beira dos silvados. Tinha rezado para que eles expulsassem os nazis, e continuou a fazê-lo. Se tivessem sido os alemães, ao menos poderia ter algum alívio, odiando-os.

Gemma não se apercebera de nada. «Estes anos são assim. Todos sofremos que nem cães.» Luisa não teve forças para explicar como se sentia e provavelmente não teria as palavras para o fazer. Não havia o hábito de conversar sobre as próprias dores, nem os sentimentos dos adolescentes, muito instáveis e divagantes, eram tidos em grande consideração. Teve ataques de pânico, a que chamaram falta de ar. «A Luisa tem falta de ar», disseram, «deem-lhe espaço, deixem-na sentar-se».

Acontecia-lhe quando se recordava da última vez que vira o rapaz por quem estava apaixonada (poderia chamar-lhe «seu namorado»? Ele tinha-se declarado, mas não havia nada oficial e só se tinham beijado). Luisa passava pela estrada ao longo da vala, ele estava no jardim de sua casa, de pé numa cadeira entre as fileiras, a apanhar feijão. Atirava-os do alto para o balde que tinha aos pés: *paf, paf, paf*. Ela não o tinha chamado, quis ficar escondida, a olhar para ele através da treliça e das folhas. As andorinhas faziam voos rasantes e baixos no céu, os feijões eram daqueles às manchas, roxos e brancos.

Mais tarde, antes de regressar a casa, Luisa tirou um momento sozinha para ler o jornal. Tinha parado de chover, a camada baixa e compacta de nuvens mostrava agora abertas e a luz continuava a passar do cinzento ao cor-de-rosa, do cor-de-rosa ao cinzento. Havia vários artigos sobre Giovanna e Silvia.

*«Depois da tragédia da criança, o mistério da professora.»*

*«Criança de onze anos morre afogada, a professora desaparece.»*

*«Várias hipóteses e nenhuma luz sobre o facto que é motivo de comoção.»*

*«Teme-se um segundo gesto imprudente.»*

Na segunda página tinham publicado a fotografia de Silvia escolhida por Luisa na esperança de que alguém, em qualquer lado, a reconhecesse. Também saiu no *Stampa*, de Turim. Fora tirada na primavera, estavam num prado, em Bioglio, podia sentir-se o cheiro da erva nova e da terra crestada pelo sol. Silvia olhava diretamente para a objetiva e, mesmo assim, dava a impressão de ser a espectadora de alguma coisa, e não o assunto da fotografia. Luisa tivera de se cortar da foto, mas ainda se via uma fatia do seu ombro, a ponta de um cotovelo.

Abaixo, um longo artigo explicava como Giovanna dera muitas faltas injustificadas e, no dia da tragédia, a professora Canepa decidira avisar a família. «Esta pode ser uma das causas do suicídio e do subsequente desaparecimento da professora. Mas tanto uma coisa como a outra estão demasiado imersas nos meandros obscuros da psique humana para que se possa dar qualquer explicação aceitável, ainda que superficial e provisória, à luz da lógica.»

Pelo contrário, Luisa pensava que entendia Silvia. Quando fora a sua vez de sofrer, só não tinha fugido porque, ao contrário dela, não sentia culpa. Se não estava morta e não voltava, então Silvia não queria ser encontrada.

Chamamentos, latidos de cães à distância. Parecem ser muitos e talvez gritem *Silvia*, mas isso não lhe diz respeito. Já não tem a certeza de responder por esse nome, mal o reconhece, como uma palavra estrangeira de que só apreendemos o significado de viés. Mas supõe que os gritos e latidos são aquilo que precederá uma série de acontecimentos: ficar diante dos olhos humanos, ser recolhida, metida num carro, enfiada numa banheira. Estas circunstâncias não são entendidas separada e linearmente, mas como um revirar genérico de mãos e vozes dentro de um saco, e o saco é ela.

Então, com imenso esforço, arrasta-se para fora, para a chuva torrencial, e tudo se torna escuro e indistinto.

Reabre os olhos. Tem as narinas cheias de lama, cospe um pouco de lama da boca. Começa de novo a rastejar, rasteja para debaixo de um maciço de silvas que ao crescerem entraram pela mata de avelaneiras. Fica estendida lá no meio, onde ninguém a pode salvar.

Quando o silêncio cresce até voltar a tomar conta do bosque, regressa, de gatas, à cabana.

Em Bioglio, o único amigo de Lea e Martino era Gianni. Era um primo distante, em terceiro ou quarto grau, com quem, antes da mudança, se tinham cruzado apenas em dois ou três casamentos e com quem Lea mal tinha trocado uma dúzia de palavras. Arrependeram-se de nunca terem convivido antes, porque a amizade despontou de imediato.

Gianni também trabalhava na fábrica de malhas, onde cuidava das exportações porque tinha bons conhecimentos de inglês. Era alto e seco, com um nariz que parecia um cogumelo invertido, lábios finos, faces marcadas por covas e crateras, cabelo à escovinha. Ele repetia que era feio, mas Martino achava que não era verdade, Gianni não era feio. Num *western* poderia ser o pistoleiro azarado ou o coveiro, aquele que na hora certa ajuda o herói escondendo-o dentro de um caixão.

Quando passava lá em casa para tomar café, de vez em quando Gianni fazia o gesto de procurar um cigarro no bolso da camisa e Lea fulminava-o, apontava com os olhos para Martino e com o queixo a porta, então ele abanava a cabeça e fazia um sinal com o dedo indicador: fumo depois.

Falavam sobretudo de livros. Gianni escrevia contos que Lea tinha lido numa noite, febrilmente, achando-os excelentes. Pela primeira vez na vida era amiga de um escritor; podia ter-se sentido intimidada, mas na verdade, como Gianni parecia intimidado por ela, os dois constrangimentos acabavam por se anular.

De vez em quando, Gianni recitava Milton e Gerard Manley Hopkins de memória e em seguida traduzia-os. Dizia: «Se quiseses traduzir um poema, Martino, tens de prestar atenção aos encavalgamentos, ou seja, aos *enjambements*. *En-jam-be-ment*.» Para lhe agradecer, Martino escandia «*en-jam-be-ment*», embora nem sonhasse em pôr-se a traduzir poesia. Na escola, fizeram-no aprender de cor poesia de Carducci e ele achou-a chatíssima.

No entanto, Gianni fê-lo ver as palavras sob uma nova luz, e foi como se Martino se apercesse, pela primeira vez na vida, de que as usava. Depois de ter partido o pulso, dois verões antes, tivera de reaprender a mexê-lo através da fisioterapia: na prática ficava a observá-lo durante dezenas de minutos, fino e mole que nem uma lula, enquanto o rodava e dobrava e ia pensando: ora vê

lá tu a quantidade de coisas para que um pulso serve. Com Gianni e os seus poemas tinha um sentimento semelhante, só que as palavras lhe serviam para ainda mais coisas do que o pulso, serviam-lhe para dizer, para perguntar. Para pensar com elas.

Se estivesse bem-disposto, Gianni dizia:

– *Glory be to God for dappled things. For skies of couple-colour as a brinded cow...* Pelos céus malhados como uma vaca! Então vamos ver como será este céu, o que te parece? *Bah*. É um céu pavimentado de nuvens – e Martino imaginava-se de cabeça para baixo como um morcego, voltado para uma extensão de céu cinzento.

– Estás-te a exhibir, *hein*, Gianni? Olha que rica cena – brincava Lea.

– Ainda não ouviste nada – replicava ele, e atacava com John Donne: – *Nos amantes sublunares o amor estulto / (Cuja essência são os sentidos) não suporta / Ausência, porque é por ela oculto / O que o nutre e o que lhe dá corpo*.

– E quem seriam esses sublunares? – perguntou Martino, que imaginava alienígenas carecas a bordo de um disco voador.

– Nós, meu caro. Tu és um rapaz sublunar.

Lea comentara:

– Nós, que amamos estupidamente – e Gianni sorria para a parede.

Nessa tarde, Martino percebeu que Gianni estava preocupado por causa da professora desaparecida e olhava para o céu, não para extrair semelhanças, mas para perceber se a aberta era definitiva ou se ia começar a chover de novo, como no dia anterior, como durante toda a noite e toda a manhã. O jardim deles estava ensopado pela chuva, a água ainda escorria na sarjeta e alguns dióspiros tinham caído.

– Como é que vais ter aulas sem a Silvia? Quero dizer, sem a professora Canepa?

– Ela não é minha professora. Há um substituto, não sei. Estão todos tristes.

– E as buscas? – perguntou Lea a Gianni.

– Aqui à volta, nada. Tínhamos esperança, mas nada. Se ela está por perto, não responde quando a chamam. Espero que tenha apanhado um comboio e ido embora.

– Mas tu conhece-la bem? – perguntou Lea.

– Muito bem, crescemos juntos. Ela é pelo menos quatro anos mais nova do que eu.

De repente, Martino teve a ideia de ir vasculhar o bosque. Parecia-lhe uma missão, uma aventura. Podia encontrar a professora e ganhar a estima e a gratidão de Gianni, da mãe, de toda a escola, da marrona da Giulia. Depois de um feito desses ia conseguir convencer os pais a voltar para Turim. Não se

nega a um herói o regresso à pátria. Entraria no desgraçado bosque de Bioglio como no mato de uma ilha povoada por canibais ou no coração da selva negra. Algo a meio caminho entre Sandokan e Corto Maltese. *Uma balada do bosque molhado*: Gianni escrevê-la-ia. Foi buscar o impermeável e um bastão para caminhar.

– Vou um bocado lá para fora.

– Isso é novidade.

Nas semanas anteriores, Martino tinha feito tudo para ignorar o mundo exterior e não correr o risco de furar a bolha de imagens de Turim em que vivia.

– Mas não te afastes. E não te esqueças da bomba – acrescentou Lea. Referia-se ao broncodilatador.

– Vou dar uma voltinha, enquanto não chove.

– Está bem. Queres levar lanche?

Levar comida não era má ideia. Enquanto preparava um pão com manteiga e açúcar, Martino ouviu Gianni dizer à mãe:

– Sabes uma coisa? Só espero que ela não tenha enlouquecido com a dor. Espero que não a recuperem meio morta de fome e de cabeça perdida. Era só o que nos faltava. A Silvia no manicómio.

– Não disseste que a família dela é gente boa? Eles não a internariam.

– Não, é verdade. Mas não são eles que fazem a perícia psiquiátrica.

Uma louca com um vulcão de cabelos no cimo da cabeça e uma camisa de forças, eis uma coisa que assustava realmente Martino. Como a mulher daquele senhor inglês, que tinha acabado por a trancar no sótão... Bertha, Bertha Mason. A mãe tinha-lhe contado a história. Além disso, Bertha era uma incendiária maluca. Apetecia-lhe mesmo ir procurar alguém que se lançara por esse caminho? Corto não teria pensado duas vezes. Sandokan, muito menos. E sobretudo a professora Canepa, pelo que se lembrava dela, não parecia capaz de fazer mal a uma mosca. Foi este raciocínio que o levou a sair para o prado que brilhava e, além dele, para dentro do bosque que lhe pingava alegremente sobre a cabeça.

O cheiro a resina e a madeira viva era muito forte, sentia-o a engolfar-se nos pulmões e a oxigenar a pele de hipopótamo, tornando-a mais fina. No início, parecia-lhe trair Turim a cada respiração, depois disse para si próprio que esta expedição valia como um passeio nas montanhas ao domingo.

Onde a chuva alagara o chão, os vermes tinham sido forçados a vir à superfície. Martino sabia o motivo porque tinha a ver com a respiração. Os vermes absorvem oxigénio através da pele e, portanto, se os túneis de terra em que vivem são inundados pela chuva, eles têm de emergir para não sufocar. Baixou-se para lhes mexer com a ponta do bastão, reprimindo o desejo de os despedaçar que lhe dava a visão da sua cor de vísceras nuas, rosadas e roxas, com anéis microscópicos, inchaços e tumefações ao longo do corpo filiforme.

Enquanto se agachava, viu duas lagartas peludas agarradas ao caule de uma erva. Os besouros tinham saído dos buracos na casca dos troncos e corriam sobre eles como carrinhos de metal, contornando as protuberâncias e aquela espécie de fungos acinzentados que eram inseparáveis da sua árvore. A estes bateu à vontade com o bastão, já que resistiam às pancadas. Viu um pica-pau a furar uma faia em busca de larvas: ele comia as larvas e as larvas comiam a madeira. Uma vez por outra esbarrou com a cara contra uma teia de aranha. Arrancou um feto, virou-o e reparou nos traços castanhos dos esporos.

Tinha-se distraído, não andava à procura de nada. Agarrava em pinhas e atirava-as como se fossem granadas de mão, imitando com a boca o som das explosões. Dava com o bastão nos globos acinzentados das bexigas-de-lobo para ver sair a nuvem empoeirada e cantarolar para si mesmo: «Peido de lobo! Peido de lobo!» Dava também bastonadas nos chapéus dos amanitas, pintalgados de vesículas brancas. Depois começou a usar o bastão como uma espada contra frotas de Thugs[5]. A erva alta envolvia-o e retinha-o, os ramos cruzavam-se como verdadeiros adversários. Irritava-se com as robínias, que o ameaçavam com os seus espinhos verdes.

Estava sem fôlego e teve de abrandar. Apalpou o bolso do impermeável. A bomba estava lá, no seu lugar. Era, na verdade, o potente tónico que um xamã lhe oferecera como sinal de gratidão depois de um qualquer feito heroico. Para ser mais preciso: o resgate da sua única filha, feita prisioneira



pelos inimigos. Nesse momento, lembrou-se da sua missão e subiu mais, até uma capelinha semiabandonada. Estava uma jarrinha atrás da grade de ferro, mas as flores tinham secado e apanhado chuva. No nicho, a Madona Negra desbotava e tinha ganho uma ridícula barba de musgo; o menino, também negro, parecia um adulto em miniatura com olhos de goraz, desproporcionalmente grandes. Quem os tinha pintado fazia pena, pensou Martino.

A partir daí a vegetação tornava-se caótica, a mais rasteira fora dominada pelas silvas e ninguém vinha cortar madeira e apanhar nozes, avelãs e castanhas. Martino tinha dificuldade em avançar e isso, em vez de o reter, encorajou-o, porque se imaginava outra vez na selva. Havia uma pequena clareira onde a erva e as folhas estavam esmagadas aqui e ali. Ele não sabia, mas aquilo eram as marcas deixadas pelos corpos dos cabritos-monteses que ali iam dormir.

Um pouco mais à frente, reconheceu o contorno de uma cabana, uma espécie de estábulo sitiado por árvores. Um bivaque dos Thugs. Aproximou-se sorrrateiramente, brandindo o bastão.

Tencionava proceder como mandam as regras. A primeira coisa a fazer era espiar o interior para avaliar as forças adversárias, embora, em qualquer caso, acabasse por saltar lá para o meio e fizesse um massacre: quanto mais numerosos os assassinos estranguladores, maior a glória. Tirou o lenço do pescoço e amarrou-o à volta da cabeça como um turbante. Estava pronto.

Espreitou lá para dentro e de repente deu um salto atrás, atirado para fora da sua fantasia. A surpresa fê-lo entrar em apneia, com o peito petrificado por um único espasmo sem saída. Teve vontade de fugir, mas precisava de recuperar primeiro o fôlego. Não podia ter um ataque ali, no meio do bosque. Afastou-se do umbral e encostou-se às tábuas da cabana, enquanto remexia no bolso à procura da bomba. Inalou o jato várias vezes, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos.

Não era como quando estava a brincar e lhe parecia ver os Thugs ou os Apaches e tremia de medo, ainda que não fossem reais. Estava ali alguém. No entanto, quando voltou a debruçar-se lá para dentro (o mínimo possível), ainda esperava estar errado e ter confundido um saco ou um monte de feno com uma pessoa.

Viu cabelo, uma cara, uma camisola, uma saia. A professora desaparecida estava a poucos passos dele, viva. Voltou a esconder-se e contou até dez, como a mãe lhe exigia que fizesse quando queria que se acalmasse, mesmo que a técnica nunca tivesse funcionado. Então pensou: chiçapenico chiçapenico chiçapenico, e cerrou os dentes e os punhos. Pareceu-lhe que estava um pouco melhor, mas ainda não conseguia acreditar nos seus olhos. Fechou-os e apertou-os com os polegares para se certificar de que funcionavam, depois retirou os dedos e a luz por detrás das pálpebras tornou-se vermelha e fervilhante. Pouco a pouco conseguiu focar o mato, os seus sapatos sujos de terra e escurecidos pela humidade. Não era um sonho,

estava mesmo ali.

Resolveu espreitar de novo e percebeu que a professora tinha permanecido exatamente na mesma posição, inerte como uma boneca. Estava num canto, com um olhar opaco que o fazia pensar no cão do seu vizinho do planalto, em Turim, que estava cego pelo glaucoma. Mas havia mais: a professora fedia. Martino arriscou uma gargalhada, pela tensão, a consternação e o nojo. Silvia Canepa cheirava a xixi, a suor e a roupa com mofo, era um cheiro azedo, muito diferente dos outros cheiros do bosque. Martino teria gostado de tapar o nariz, mas faltava-lhe a coragem, e de qualquer forma, dada a sua condição, não era aconselhável obstruir as vias aéreas.

Perguntou-se se deveria dizer alguma coisa, tentar falar com ela. *Como se fala com uma professora escondida que cheira a mijo?*

Não, decidiu, eu tenho de ir pedir ajuda, e de repente imaginou-se a correr a uma velocidade vertiginosa para dar o alarme – encontrei-a! –, depois a combater a incredulidade da mãe e dos outros adultos, a cavalgar a esperança de Gianni, a apontar para o lugar, a observar de longe os socorristas entrarem na cabana e saírem logo depois, apoiando a professora, protegendo-a com um cobertor. Ia ficar com as costas doridas pelas palmadinhas, as bochechas cansadas de se rir dos elogios. Sim, saí de propósito para ir à procura dela, fui sozinho até ao coração do bosque e descobri a cabana.

Uma onda de orgulho inundou-lhe o estômago. No dia seguinte, na escola, os corredores saturados de admiração, as conversas a crepitar como fogueiras durante o intervalo e ele a um canto, resplandecente de modéstia. A irmã Annangela, a professora Fogli, o diretor que o chamam e lhe agradecem. Giulia que se aproxima, tímida, e certamente se emocionará e murmurará a sua gratidão: «Se não fosses tu...»

Debruçou-se uma última vez para tentar perceber se a professora estava ferida. Há quanto tempo não comia? Como é que ainda não estava morta? Tinha bebido a chuva, eis o que a manteve viva. Mas nem sequer tinha forças para se pôr de pé, a cabeça balouçava para a frente a intervalos que deviam corresponder às suas respirações.

OuvIU novamente a voz de Gianni: «Espero que não tenha enlouquecido com a dor...», e qualquer coisa sobre o manicómio e os médicos. Martino imaginou enfermeiros e médicos a segurarem em seringas enormes, como numa vinheta da revista *Settimana Enigmistica*. Mas decerto tinha de pedir ajuda. Era preferível no manicómio do que no cemitério.

Tomado por uma inspiração, tirou o pão com manteiga da algibeira. Não ousava aproximar-se, não conseguia mesmo. Já era muito bom não ter fugido. Então atirou-o na direção dela, o mais devagarinho que conseguiu, para não a assustar, para não despertar um movimento de loucura violenta, vá-se lá saber.

Silvia fechou os olhos com força e franziu a testa com um ar obtuso, como se um pedaço de meteorito tivesse caído ao seu lado. Muito lentamente, levantou a cabeça e focou o olhar. Uma criança na entrada da cabana. Um

rapazinho aterrorizado que a iria resgatar do bosque e da inanição. Não falava há sabe-se lá quanto tempo, a boca não respondia à sua vontade. Martino leu-lhe o esforço no rosto e esticou-se para trás, pronto para se escapulir. A professora abriu e fechou os lábios como um asmático e bolhas de saliva formavam-se-lhe nos cantos dos lábios.

– Não contes a ninguém – exalou. Depois, voltou a fechar-se na concha.

---

<sup>[5]</sup> Referência a uma fraternidade secreta de assassinos e ladrões de viajantes que são também personagens de um dos romances de Emilio Salgari. [*N. da R.*]

Desceu do alto da colina como uma avalanche, revolvendo os arbustos. Parecia que as suas pernas se iam soltar da bacia a cada passada, tinha os músculos inflamados, o sangue a martelar nas têmporas. Sentia vontade de gritar. Teve de parar e inclinar-se para a frente por causa da dor de burro, as pontas dos dedos a pressionarem debaixo das costelas. A partir daí, obrigou-se a andar de uma forma mais calma. Arriscava perder-se e demorar muito tempo a conseguir voltar. Os pássaros chamavam-se de ramo para ramo, sob as frondes a luz tornara-se mais mortiça e pulverulenta. Não faltava muito para o pôr do Sol.

Quando a vegetação começou a rarear e avistou as primeiras casas da aldeia, em vez de acelerar, Martino abrandou, e isso fê-lo perceber que hesitava, que estava incerto sobre o que fazer. Ficou nervoso. Tinha encontrado a professora desaparecida, tinha-a encontrado! Este não era o momento de ser cobarde. Abanou a cabeça para afastar as palavras dela, que lhe andavam em torno da cabeça como moscas: «Não contes a ninguém.»

A professora estava a morrer, não podia deixá-la lá. Porque não queria ela ajuda? *Tinha* de ser ajudada. Se virmos alguém prestes a disparar sobre si próprio, tentamos fazer a pessoa mudar de ideias e, se pudermos, atiramo-nos sobre ela e impedimo-la de puxar o gatilho. Era a mesma coisa. Mas a professora estava a morrer pouco a pouco. Não fazia nada, pelo contrário, mantinha-se absolutamente imóvel, estava a transformar-se num vegetal, num elemento do bosque. Martino tinha lido algures que os esquimós, quando estão velhos e sentem a morte próxima, vão-se embora sozinhos para o deserto gelado e deixam que o frio os leve. Mas ela não era assim tão velha, o caso dela tinha de ser diferente.

É louca, disse para si próprio, estás tu para aí a pensar nisso – ela é louca. O que te pediu não é válido, porque ela tem um parafuso a menos.

Desde logo, para cheirar daquela maneira deve ter feito xixi pelas pernas abaixo. Só os sem-abrigo que dormiam debaixo das arcadas em Turim exalavam aquele cheiro acre, compacto e picante, uma parede de mau cheiro que mantinha à distância as pessoas limpas. O nojo que causavam aos outros defendia-os, ninguém queria tocar-lhes, nem para ajudar, nem para agredir.

Martino conseguia entender o desejo de se esconder. Já lhe tinha acontecido eclipsar-se com vergonha, por ter feito alguma maldade ou sido muito desajeitado, ou porque tinha sido humilhado pelas outras crianças, ou tinha por sua vez humilhado alguém e a sua própria crueldade resultara na vontade de fugir.

No final da primeira classe, um inimigo seu, um rapaz odioso da escola antiga, enfiou o braço fora da cerca do pátio, agarrou num cocó de cão protegendo os dedos com uma folha e depois atirou-lho. Tinha-se esborrachado no seu blusão, sujando-o, e até os amigos de Martino se tinham rido dele. Se fosse agora, teria reagido e atacado batendo-lhe com força e às cegas, mas nessa altura era pequeno, tinha cocó de cão por si abaixo e a mortificação tomou conta dele como uma febre, com calafrios e fraqueza. Tinha-se enfiado dentro de uma sebe e não tinha saído nem no final do recreio, nem sequer quando todos voltaram para o pátio à procura dele, nem mesmo quando ambos os pés tinham ficado dormentes. Um contínuo puxou-o para fora e levou-o em silêncio para o seu cubículo, após o que enfiou o blusão sujo dentro de um saco plástico e lhe deu a comer gomos de tangerina.

As crianças escondem-se. As crianças escapam para debaixo das coisas. Mas esta era uma professora. A professora é o oposto das crianças: senta-se à frente delas, em cima do estrado, e diz-lhes o que fazer. Na verdade, esta professora tinha-lhe pedido uma coisa e geralmente obedece-se aos professores, não importa se não concordamos ou não o queremos fazer. Uma professora louca e triste ainda conta como professora? Se não a traísse, Martino acabaria por trair todos os outros, todos os que a procuravam. E se depois estiver morta? Isso pesaria sobre ele para sempre. Sentiu aquele aguilhão de medo que o atingia no flanco, tão semelhante à dor de burro de há pouco, e para se livrar dele tinha um impulso fortíssimo de confiar nos adultos e deixá-los agir.

Tudo o que tinha acontecido, a criança morta e a professora em fuga, aqueles acontecimentos que lhe desabaram em cima no momento em que encontrou a cabana, eram demais para ele sozinho. Mas então, porque hesitava? Nunca tinha guardado um tal segredo: era o único em toda a povoação e na cidade, o único em todo o mundo, que sabia onde estava a professora e que ela estava viva. Com aquele segredo guardado, seria impossível ficar entediado, mesmo em Bioglio, longe dos amigos. O segredo era um fardo e uma compensação. Era uma coisa que só ele podia decidir. Nem a mãe e o pai, nem os adultos.

– Tens de dizer – exclamou.

E, no entanto, continuava a abrandar. Sentia impulsos contraditórios dentro de si, digo, não digo, e acabou por abrir a porta de casa sem ter ainda decidido o que fazer. Quando a mãe viu que ele estava agitado e lhe perguntou:

– Aconteceu alguma coisa?

Ele instintivamente respondeu:

– Nada – porque assim lhe parecia que ainda não tinha tomado uma decisão, que só a tinha adiado.

Enquanto jantavam, esperou que a professora tivesse comido o pão e não morresse naquela noite. *Se ela não morrer, eu paro de copiar os trabalhos de casa do Piero quando voltarmos para Turim. Paro de dar pontapés aos pombos, ainda que nunca lhes consiga acertar. Paro de assoar o nariz às mangas.*

Mais tarde, na cama, saboreou os lençóis de algodão passados a ferro e fez saltar as molas do colchão, esfregou as bochechas contra a almofada de penas e sentiu a lã do cobertor. A fronha e os lençóis eram brancos, bordados com miosótis azuis, cada um com uma argolinha amarela em relevo no centro da corola.

Martino estava em segurança e seco, pensou que ainda conseguia sentir o cheiro do reboco que tinham aplicado um mês antes, um odor bom e sólido, civilizado, de solvente e tijolo. Pensou nela lá em cima, no bosque, sozinha a aguentar a humidade e a escuridão; e, enquanto adormecia, o bosque voltou a ser o dos contos de fadas, o lugar do perigo e da proibição, o lugar antigo e carnívoro onde vive o lobo, onde as crianças se perdem e são abandonadas, encontram o ogre e a bruxa. O labirinto primordial.

O surgimento da criança foi a princípio rapidamente absorvido. Silvia não tem a certeza de que seja diferente das visitas de Giovanna, das meninas do colégio, de si própria no passado, de todas aquelas almas com consistência carnal que insistem em visitá-la. Mas há o embrulho aos seus pés, um pacotinho do tamanho de um punho, protegido por papel encerado.

Não o quer abrir. Quer perder a consistência, desfazer-se lentamente como a cabana, libertar-se de si própria como de uma casca. A camisola é quase um musgo, a pele branca e gelada, de cobra.

O embrulho, por outro lado, não tem nada a ver com o bosque, pede-lhe que use os dedos, que faça um gesto da vida de antes, que toque em qualquer coisa que não é madeira, folha, terra, mas que vem de uma cozinha, talvez de uma charcutaria. Isso fá-la sofrer mais.

Fecha os olhos e não os volta a abrir até que a noite tenha feito o seu trabalho. Agora o embrulho é difícil de distinguir, é uma sombra entre outras e pode parecer uma pedra. Mas está lá e, de repente, depois de tanta hesitação, Silvia pega-lhe simplesmente e reconhece o cheiro da manteiga.

Uma *rosetta*, um pãozinho. De repente, a fome põe-lhe a cabeça a andar à roda, está à beira de desmaiar. Dá-lhe uma dor violenta entre os olhos. A criança não era um fantasma e atirou-lhe a sua merenda.

Para usar os dentes e trincar precisa de fazer um esforço de coordenação, os maxilares estão desalinhados, incapazes de afundar, e os sucos gástricos corroem-lhe o estômago. Mordisca a crosta até chegar ao miolo macio e gorduroso. Sente o açúcar crocante na boca.

Quando acaba de comer, a sensação de turvação desaparece e sente-se culpada. Tem as pontas dos dedos brilhantes de manteiga. Uma sanguessuga, é o que ela é. Devia vomitar, merece vomitar aquele pãozinho. Imagina as suas mucosas desesperadamente empenhadas em absorver o alimento, depressa, depressa, antes que a loucura assuma o comando, antes que a insensata da mulher que manda decida enfiar dois dedos na garganta.

Chora pela primeira vez e, por detrás da cortina das lágrimas, reencontra Giovanna. Também está a comer: uma talhada de melão, e cospe as sementes para longe. Faz uma expressão de troça, ou pelo menos assim lhe parece.

Porque comeste aquele pão, Silvia? Estavas a ir tão bem, repreende-se a professora.

Ai, o que tu inventas, diz-lhe, parece dizer-lhe, Giovanna.

Mais tarde, durante a noite, Silvia tenta lembrar-se da cara da criança e consegue dar-lhe um nome: Martino Acquadro, o de Turim, o rapaz asmático da sua escola. O que fazia ele ali, no alto do Rovella? Onde nem os cães tinham chegado. Martino.

Uma fisionomia, um pedaço de pão e uns gramas de gordura voltaram a pôr a professora em relação com o mundo. E tem sede, o corpo agora exige, quer ser cuidado e ela tem de o manter de novo à distância, começar tudo de novo, como uma boa mãe desnaturada.

De repente, apercebe-se de que já não importa, porque o rapaz vai dar o alarme. A angústia toma conta dela. Quer fugir, mas não consegue mexer-se, apura o ouvido e espera que a venham buscar, que a constrijam a voltar para entre os vivos.



Estava uma multidão no funeral, para alguém se conseguir mexer tinha de abrir caminho defendendo-se com os cotovelos e dizendo: «Com licença, desculpe», a cada movimento. Os colegas de escola de Giovanna tinham-se reunido na nave esquerda da igreja, à direita estavam os colegas do pai e as pessoas que tinham descido do vale, com a pele bronzeada pelo sol e pelo vento e bigodes amarelos do fumo dos cachimbos e dos cigarros enrolados à mão. Os membros da família estavam nas primeiras filas, distantes e inalcançáveis, o último posto avançado de negro antes do caixão branco e dos lírios brancos das coroas.

Anselmo e Luisa tinham chegado cedo, quando os passos e os sussurros ainda ecoavam sob as abóbadas. Ela sentou-se num banco isolado, enquanto Anselmo, de pé ao lado da entrada, tirava partido da sua estatura para vigiar o fluxo de pessoas. Tinha esperança de que Silvia se tivesse escondido ali perto, nalguma adega ou pátio, entre as pilhas de lenha ou debaixo das coberturas impermeáveis que protegiam ferramentas e máquinas. Talvez ela tivesse sabido do funeral – havia cartazes por toda a parte, as pessoas falavam nisso – e tivesse vindo dizer um último adeus. Luisa não acreditava, e provavelmente tinha razão. «Imagina se ela vinha agora exhibir-se em frente a toda a gente, perturbar», dissera-lhe. Anselmo, porém, não conseguia estar sentado e nem a ouvia. Mesmo assim, era-lhe difícil controlar-se, tinha um agulhão a espicaçar-lhe os rins e, em vez de disparar a torto e a direito, como gostaria, mexia os dedos dentro dos sapatos, punha-se em bicos de pés e voltava a tombar sobre os calcanhares.

Da sua posição, vira passar a mãe e o pai de Giovanna, tios e irmãos, todos com rostos destruídos pela dor. O pai ia inclinado para um lado, como se tivesse desaprendido a andar, e Anselmo perguntou-se se não teria tido um ligeiro AVC. Quando a irmã Annangela entrou, ele teve um sobressalto, de tal forma estava acostumado a vê-la com Silvia, e o mesmo aconteceu com Marilena, que se foi imediatamente sentar ao lado de Luisa e lhe pôs um braço em volta dos ombros. Se via mulheres maquilhadas, com batom e as pestanas empastadas de rímel, Anselmo desaprovava: não se deviam aperaltar para ir a funerais. Reprovava até os que tagarelavam entre si, por mais baixo que

falassem, e quando reparou que Luisa e Marilena estavam a sussurrar começou a lançar olhares intensos para as costas delas, na esperança de que se virassem e se envergonhassem perante a carranca dele.

Agora, a igreja estava tão cheia que já ninguém conseguia entrar e as pessoas aglomeravam-se no adro. O cheiro a flores, incenso e cera derretida pairava sobre as cabeças e fazia-o pensar no bosque, mas num bosque mumificado, ou talvez carbonizado, com cepos negros como pneus. Lembrava-lhe também os vapores que a avó lhe impunha, a ele e a Silvia, contra as constipações, com lavanda e óleo de seiva de pinheiro dentro, tão quentes que quase queimavam as pestanas. «Deixa a cabeça baixa, Anselmo, vê como faz a Silvia, baixa-me essa cabeça! Olha que, se não te curares assim, depois tratas-te tu.»

O padre desfiava uma cantilena sobre juventude e confusão, das primeiras filas chegava um som agudo de soluços contidos, semelhantes a ganidos ou rangidos de um batente. Anselmo parecia flutuar em uníssonos com os que o rodeavam, como se fossem outras tantas chamas de vela movidas pelas mesmas rajadas de emoção. Não lhe acontecia há muito tempo, talvez desde que, em criança, tinha ido para a rua exultar porque a guerra tinha acabado, mas nessa altura era a euforia que unia todos aqueles corações. Ocorreu-lhe que tinha sido justamente Silvia, nessa altura, quem lhe falara de corações a bater em uníssonos, e ele tinha gozado com ela por causa dessa expressão: «Ena! Estás uma autêntica Liala<sup>[6]</sup>!»

Enxugou os olhos e o nariz ao lenço e recomeçou a perscrutar os cantos mais escuros. Num deles, do lado oposto ao pátio, estava um pequeno grupo que parecia querer desaparecer: dois rapazes na casa dos treze ou catorze anos e os pais, em cujos rostos se misturavam tristeza e constrangimento. Anselmo percebeu que deviam ser os amigos com quem Giovanna faltava à escola, aqueles burros. Mantinham as mãos nos bolsos e ocasionalmente olhavam para trás das costas, uma coisa estúpida de fazer, porque atrás deles só havia a parede. Um deles trazia um cachecol do Turim ao pescoço, talvez fosse o único cachecol que tinha, ou talvez gostasse tanto dele que não se podiam separar nem num momento daqueles. Pareciam dois cães espancados e fizeram-lhe pena, por isso esperou até cruzar o olhar com um deles e insinuou um sorriso triste, daqueles que é permitido trocar em funerais, mas o rapaz baixou abruptamente a cabeça e nunca mais a levantou.

Enquanto isso, Silvia ainda não chegara. Anselmo não desistiu nem quando a igreja se foi esvaziando. Ficou ali muito tempo depois, sozinho e despercebido, na esperança de que ela se arrastasse até lá mais tarde, protegida pelo anoitecer.

---

[6] Escritora de romances femininos e folhetins com um estilo de escrita elegante, minucioso e aristocrático, que gozou de um sucesso retumbante desde a década de 1930. [N. da T.]

Quando o *Cinquecento* azul-celeste apareceu no pátio, os rapazitos pararam de jogar à bola para o irem ver de perto e os mais velhos empurravam os mais pequenos para trás.

– Não mo risquem, está bem? – recomendou a irmã Annangela enquanto compunha o véu.

No *Casone* não havia elevador. Teve de subir a escada até ao quarto andar. Na escada, os quebra-luzes de vidro e cimento filtravam a luz, mas os barulhos ecoavam. Uma rapariga afogueada ultrapassou-a: subia os degraus a dois e dois, agarrando o corrimão com a mão para dar impulso, como se subir as escadas fosse uma competição desportiva. Ouviu-a girar a chave na fechadura, um ou dois andares acima, e uma voz perguntou: «Onde estiveste?» «E onde queres que tenha estado? Na vida?», respondeu a rapariga antes de fechar a porta com violência.

Frente ao apartamento de Giovanna, a irmã Annangela esperou até recuperar o fôlego antes de bater à porta. A mãe veio abrir com o avental posto e um pano de cozinha na mão. Era alta e loira como a filha e tinha maçãs do rosto suaves e rosadas, que se destacavam como pétalas entre as rugas dos olhos e da boca. Os olhos pareciam postigos, como se os tivessem arrancado e substituído por duas peças de faiança pintada.

– Estava a fazer limpezas – justificou-se.

– Ah, mas eu não quero entrar, não se preocupe. Queria apenas transmitir-lhe as minhas condolências, e também as de toda a escola. Ontem na igreja não consegui.

– Estava tanta gente.

– Pois estava, muita gente queria cumprimentá-la.

– Entre, irmã, por favor. Entre, eu faço um café.

– Eu realmente não quero incomodar.

Mas a mulher já estava na cozinha e batia a cafeteira com força dentro do lava-louça para a esvaziar, por isso a irmã Annangela entrou e sentou-se com ela. Estava um grande garrafão de lixívia ao lado do fogão, e esponjas e esfregões de arame mirrados pelo uso. A certa altura, a mãe de Giovanna levantou-se para guardar aquilo tudo dentro de um armário.

– Os seus meninos estão lá em baixo, no pátio?  
– Estão, o mais novo tem cinco anos.  
– Ah, então no próximo ano já começa a escola.  
– Vamos pô-lo na escola De Amicis, na Rua Orfanotrofio, com os outros irmãos. Ao fim e ao cabo fica mais perto...

– Claro que sim.  
– Ele pergunta-me pela irmã, não percebeu.  
– O que lhe disseram?  
– Que ela foi para o céu. Saltou da janela e voou como um passarinho.  
Ele pergunta: «Mas então porque não desce?» Eu disse-lhe que ela já não pode descer, e que está bem lá em cima. – Falava com precipitação, aos borbotões, como se tivesse medo de bloquear e não conseguir voltar a arrancar.

– Eu acho que é mesmo isso.  
– Temos de acreditar, não é? Caso contrário já teria bebido aquela lixívia. – Disse isto com um sorriso feroz. – Tenho muita pena da professora Canepa. Coitada, ela ligou-me a pedir que eu não repreendesse a Giovanna. Coitada. Reagiu mal, como se fosse ela a mãe.

A irmã Annangela ignorou a nota de ressentimento na sua voz, ou quem sabe fosse inveja porque Silvia tinha desaparecido, talvez estivesse morta e, portanto, em paz. E inveja também por Giovanna não ser, afinal, filha da professora.

– Quanto tempo terá ela ficado no quarto? – continuou a mãe. – Uns cinco minutos... ou menos. Não pensei nisso, não pensei em ir logo abrir a porta, disse cá para mim: deixa-a acalmar.

– Ninguém poderia imaginar.  
– O que devo eu fazer com as coisas dela? Não consigo olhar para elas, nem pegar-lhes para as guardar.  
– Talvez seja melhor deixar passar algum tempo. Não tem de lidar com isso agora. Ou peça ajuda.

– Tenho medo de tirar os lençóis da cama e encontrar um vestígio, um cabelo. Sabia que ela deixou os chinelos no parapeito? O que vou eu agora fazer com esses chinelos?

Inclinou a cabeça para trás, arqueou as sobranceiras e engoliu em seco duas ou três vezes.

A irmã Annangela perguntou-se se ela iria desabar naquele instante e tentou preparar-se: parecia prestes a fazê-lo, mas talvez fosse como aqueles edifícios periclitantes que se mantêm de pé muito mais tempo do que o esperado.

– Como está o seu marido? – perguntou-lhe.  
– Não fala, não dorme. Na minha opinião, está à espera de que um acidente de trabalho resolva o assunto.  
– As outras crianças precisam de vocês.  
– Eu sei.

O café estava pronto havia algum tempo e cheirava a queimado. A mãe de Giovanna tirou-o do lume, mas esqueceu-se de o servir.

– Vou mostrar-lhe uma coisa – disse.

A irmã Annangela seguiu-a até ao quarto onde as crianças dormiam, em dois beliches encostados às paredes. Havia uma única estante com alguns objetos e no chão uma caixa com os brinquedos: uma boneca, físgas, carrinhos. A mãe apontou para a estante.

– Estes livros tinham sido dados pela professora Canepa à Giovanna. E este frasco também. – Pegou nele. – Há três anos. É areia da Austrália.

A areia era alvíssima e fina, luminescente.

– Parece açúcar – comentou a irmã Annangela. Aproximou-a dos óculos. Por entre os grãos, conseguia distinguir fragmentozinhos afiados, madreperola, que deviam ter sido conchas.

– Quere-a?

– Não, de forma nenhuma. Guarde-a para o seu menino mais novo, ele deve gostar.

Uma agitação no patamar e na maçaneta da porta interrompeu-as. Ambas ficaram alerta e, em vez de irem abrir, deixaram-se estar a ouvir uns gemidos estrangulados e um gorgolejar. Devia ser uma partida horrível porque pareciam os sons de um afogado, o fantasma de um afogado que regressa para junto dos seus, e a mãe de Giovanna não conseguia dar um passo, ficou ali especada, com os tendões do pescoço como cordas esticadas e a boca entreaberta, a pestanejar. A irmã Annangela decidiu que tinha de ser ela a agir.

Na entrada deparou-se com os três irmãos de Giovanna: um escorria sangue do nariz e tentava estancá-lo com o cós da camisola, enquanto os outros dois o ladeavam, com expressões taciturnas. Eles também sabiam que não precisavam de mais problemas, que até um problema mínimo seria agora demasiado para aquela família. Pareceram-lhe negligenciados, com franjas compridas e unhas pretas, mas talvez fosse apenas o fim do dia.

– Ele caiu do muro, mas não é nada – defendeu-se o mais velho.

Veio a mãe, que os repreendeu com um ar cansado e os levou para a casa de banho, onde começou a lavá-los ao acaso e sem método.

– Só nos faltava esta – disse ela, sem se dar conta de que as crianças tinham ficado magoadas. Estava distraída, mas de vez em quando voltava a si, e então passava e repassava por cima do pavilhão de uma orelha ou no espaço entre dois dedos, com uma atenção exagerada e desproporcionada. Pôs duas estalactites de algodão nas narinas do pequeno. A água continuava a correr, a irmã Annangela fechou a torneira.

– Epá, Gino, pareces um vampiro – disse o irmão do meio, observando-o.

– Porquê?

– Um vampiro, mas com os dentes no nariz. E o sangue em cima em vez de ser na ponta.

– Que comparação mais nojenta – decretou o mais velho.  
– O que vamos fazer agora, Nando? – perguntaram os outros dois.  
– Deixem-me um bocado em paz. – Bocejou ele. De um momento para o outro tinha-se tornado o mais velho, já não havia Giovanna para os manter na ordem.

– Vamos jogar Mikado – propôs o pequeno, mas, pela maneira como os outros dois se apressaram a lançar-lhe um olhar de reprovação, a irmã Annangela percebeu que devia ser um jogo ligado à irmã. Um jogo que já não podia ser jogado.

Teve a ideia de os convidar para um passeio no *Cinquecento* e pediu autorização à mãe.

– Posso tirar o algodão antes de ir?

– Não, vá lá, vai assim para as pessoas se rirem – propôs o irmão do meio.

– Fazes rir até as galinhas – disse Nando.

– Vamos tirar, anda cá. Chamas-te Gino, se eu percebi bem? – interveio a irmã Annangela.

– Sim, Gino.

– Nando, Gino e...?

– Alberto.

Desceram as escadas, havia agora outros inquilinos que iam e vinham e cheiros intensos a cozinhados. Os óculos redondos da irmã Annangela escorregavam para a frente, em direção à ponta do seu pequeno nariz de batata. Suava, teve de limpar a cara com o véu.

No carro, as crianças ganharam vida e fizeram-lhe uma série de perguntas sobre o motor, os cilindros e os pneus, a que ela não sabia responder. Foram até à igreja de São Cassiano e acenderam uma fiada de velas. Na fábrica de massas da praça compraram *agnolotti* e no regresso pescaram alguns do saco para comer crus, cobertos de farinha.

– E quem os paga? – perguntou o mais velho.

– Ah, não te preocupes com isso, são dos que gasta o convento – respondeu a irmã Annangela.

– Encontrei um pedaço de salame no recheio! – exclamou o mais pequeno.

– Não pode ser, o recheio é de carne assada – contradisse Nando.

– Mas eu sinto debaixo dos dentes, é mais salgado.

– Isso foi um bocado de cocó que caiu lá por engano.

– Da senhora da fábrica das massas?

– De certeza.

Gino cuspiu o pedaço para a palma da mão e atirou-o pela janela aberta, no meio dos risos de troça dos outros dois.

– Meninos! – advertiu a irmã Annangela, porque eles esperavam que ela o fizesse. Em seguida, fê-los saltar de prazer ao entrar pelo grande portão do pátio quase sem abrandar.

- Mas as freiras podem guiar assim? –perguntou Gino.
- É como vês! – respondeu ela.

Ninguém veio, só os ratos.

Os ratos têm caras de menina, as meninas têm focinhos de rato. Os ratos correm sob as folhas, o chão da cabana é um dorso inervado, a lua branca um dossel nevado. As patinhas nuas causam-lhe repugnância, assemelham-se a mãos minúsculas de recém-nascidos.

Ela atrai-os com as últimas migalhas do pãozinho, toca-lhes no pelo com um dedo. «As tuas tranças parecem rabos de rato», dizia a avó, «anda cá, tens de te alimentar bem, o feijão faz engrossar o cabelo, mas o melhor de tudo é a gema do ovo, imagina que ela pode ganhar vida: se lhe juntares sangue e calor transforma-se num pintainho».

Já adulta, Silvia deixou de beber leite e de comer ovos.

Agora uma criança deu-lhe de comer, está tudo ao contrário.

As folhas caem das árvores, e entre as folhas que caem os ratos olham para ela com olhos negros, bagas pretas e brilhantes. Cabeças de alfinete. De repente fogem, uma coruja deve ter passado a voar. O medo deles percorre Silvia, é como tocar numa cerca eletrificada.

Marilena em criança aproxima-se lentamente, os caracóis suavizam os contornos do rosto pálido, são naturais mas parecem artisticamente enrolados com um ferro de frisar, e as freiras não os suportavam.

No internato, ela e Silvia liam os contos de fadas dos irmãos Grimm e reconheceram-se naquelas histórias de famílias desfeitas, onde as mães podiam perder-se ou ser cruéis, os pais inúteis, e a única certeza eram os irmãos e as irmãs. Nem sequer tinham irmãos, mas decidiram ser irmãs uma da outra. Nos contos de fadas, acima de tudo, os mortos estavam vivos: os seus ossos cantavam e podiam ser usados como chaves e ia-se e vinha-se do mundo de baixo, bastava descer a um poço ou andar muito tempo e bater bem as almofadas e os colchões da bruxa. O seu conto de fadas favorito era *O Pé de Zimbó* porque a protagonista se chamava Marilena e a coincidência as fez tremer de emoção.

A menina para em frente a Silvia com os dedos escondidos atrás das costas e recita com uma voz monótona, como deviam ser recitados os poemas sobre a Nossa Senhora e os anjos:



*A minha mãe me matou, e o meu pai me comeu,  
Marilena, a minha irmã, os meus ossos recolheu;  
em seda os prendeu, com um fio a amarrar;  
enterrou-os na cova onde o zimbó cresceu.  
Piu Piu, que belo passarinho eu sou.  
Piu Piu, que belo passarinho eu sou.*

O jogo era simples, tratava-se de uma guerra. Na aula, leram um texto que resumia o conteúdo da *Ilíada* e, no intervalo seguinte, dividiram-se em gregos e troianos, imediatamente e sem discussões. Havia quem aspirasse a ser grego, isto é, a ganhar; queriam ser gregos como Ulisses e Aquiles e gregos como Homero, que tinha escrito o poema e, portanto, tinha a razão e a história do seu lado. Os outros queriam ser troianos, os assaltados, os que defendiam a pátria e a casa, não brigavam entre si e eram pessoas muito honradas, com exceção de Páris, que era a única maçã podre. Para as meninas, tratava-se, então, de fazer uma escolha de campo entre Atena, protetora dos gregos, e Afrodite, alinhada com os troianos.

Os gregos tinham o seu acampamento perto das sebes de buxo, o terreno de cascalho era a planície de Troia, onde ocorriam os combates, e os troianos podiam refugiar-se atrás das suas muralhas, isto é, atrás do corrimão de ferro que delimitava a entrada para o ginásio.

A guerra era feita apenas pelos rapazes, armados com ramos de salgueiro a que tinham tirado as folhas. Chicoteavam os braços e as pernas por puro ímpeto bélico, porque apenas os golpes no peito valiam para pôr o inimigo fora de jogo. O soldado ferido no peito tinha de ser escoltado em segurança por uma rapariga e tratado durante algum tempo, após o qual podia voltar à luta. Ao segundo ferimento, no entanto, tinha de ficar mais tempo em tratamento, e ao terceiro estava morto, definitivamente excluído do jogo.

As raparigas seguiam a batalha com paixão fanática e denunciavam as irregularidades gritando. Os rapazes tinham vergões vermelhos nas barrigas das pernas e nas costas das mãos, transpiravam, tentavam organizar surtidas menos caóticas, desafiavam-se uns aos outros para duelos onde mais ninguém podia intervir.

Martino e Giulia eram gregos. Ao primeiro ferimento, Martino voltou-se para ver quem do acampamento viria primeiro na sua direção, mas Giulia já estava ao seu lado, agarrou-lhe no pulso sem dizer uma palavra e puxou-o para longe do ziguezague das estocadas. Fê-lo deitar-se e pressionou-lhe as costelas com a manga, que puxou para cobrir o punho cerrado. Contava para dentro até cem, inclinando-se para a frente para fazer o trabalho, e como

parecia muito concentrada e não havia grande risco de cruzarem os olhares, Martino passou aquele escasso minuto a observá-la, em vez de tentar perceber como a guerra se ia desenrolando.

Tinha as meias sujas de pó, uma fiada de pestanas escuras, incisivos de adulta, que eram grandes demais para a sua boca. Ele não percebia se o cheiro acidulado a maçã que ela emanava era do champô ou da pele quente. «Cem!», exclamou ela a certa altura, e Martino pôs-se de pé num salto e atirou-se à luta sem perder tempo, para Giulia não pensar que ele preferia ficar ali à margem com ela.

Lutava com ímpeto porque sabia que Giulia o observava e, ao mesmo tempo, não se importava muito com a ideia de voltar a ser tratado. Esquivava-se e baixava-se rebolando por terra, tinha bocadinhos de cascalho cravados na pele dos joelhos. Arriscava-se a ter um ataque de asma grave, mas não tinha intenção de se poupar. Desde que se mudara que não sentia dentro de si aquela plenitude de alegria exaltada. Na segunda vez que foi atingido, também foi Giulia quem cuidou dele e Martino pensou que a fisionomia dela lhe lembrava a de Pandora Groovesnore, a apaixonada por Corto Maltese.

Cedo, no entanto, o jogo se estragou. Os feridos faziam batota com a cumplicidade das suas ajudantes e retomavam a luta ao fim de poucos segundos, os mortos ressuscitavam, Ludovico levou uma chicotada numa orelha e abandonou o campo, algumas raparigas estavam cansadas de fazer claque e começaram a jogar à macaca na retaguarda, abandonando os caídos à sua sorte. Os caídos, negligenciados, acusaram-nas de traição e propuseram puni-las como é apropriado durante uma guerra: com açoites no rabo. Os rapazes aplaudiram todos. As raparigas ameaçaram denunciá-los à professora.

Giulia decidiu que precisavam de um árbitro:

– É preciso um Zeus – disse ela, mas então todos quiseram fazer de Zeus e começaram a lutar. Giulia, que tinha tido a ideia e, portanto, podia escolher, nomeou Ludovico. As raparigas, entediadas, também queriam ser deusas.

– Deixem estar – concluiu Giulia abruptamente. – De qualquer maneira o intervalo está a acabar. – Não conseguia acreditar que o desmoronamento daquela atividade codificada, na qual era aceitável tocar no mal-humorado, no estranho Martino Acquadro, lhe mexesse tanto com os nervos.

Anselmo seguiu pelo curso da ribeira do Cervo armado com uma longa vara, sob um céu azul velado. Prosseguia com método, insultando-se a si próprio e aos santos ao longo do caminho. Não queria que os bombeiros dragassem as ribeiras, apesar da insistência, porque não tinha coragem de encarar de frente a possibilidade de Silvia ter seguido o exemplo da criança e ter-se afogado. Porém, na noite anterior, a noite a seguir ao funeral, assustara-se com a ideia de ela ser encontrada por um desconhecido, por puro acaso: alguém jovem e impressionável, ou alguém perverso. Não suportava a ideia de uma Silvia lívida e inchada à frente de estranhos, talvez sem sapatos, com a saia virada para cima e os olhos brancos como ovos cozidos. Se um horror desses tivesse de calhar a alguém, seria a ele.

Empurrava a vara para dentro dos meandros lamacentos e por entre as rochas, onde lhe parecia ver remoinhos sob a superfície da água. Era uma busca empreendida por quem espera não encontrar nada. Manchas de agrião-de-água e milefólio complicavam o trabalho e a ribeira brilhava aqui e além como papel de alumínio, impedindo que o olhar alcançasse o fundo. Um musaranho dardejou por entre os seus pés, fazendo-o saltar.

Um pouco mais a jusante, um punhado de casas amontoava-se em torno de uma das antigas pontes de pedra. Lá em baixo era fácil escorregar, as lajes estendiam-se lisas, polidas, e pendiam sobre a ribeira do Cervo como as abas de uma coberta cinzenta. Enquanto avançava a passo de formiga, apoiando-se na vara e esperando não dar muito nas vistas – afinal era hora de almoço e toda a gente estava com os pés debaixo da mesa –, Anselmo ouviu uma voz que dominou o rugido da corrente:

– Mas tu percebes ou não que se não comeres acabas no caixão?

Um rosto irritado apareceu a uma janela, mesmo por cima dele. Era uma mulher idosa com a cabeça cheia de caracóis com ar de acabados de fazer. A mulher viu Anselmo.

– O que anda aí a fazer?

Ele teria gostado de responder sem rodeios «Ando à procura da minha prima», mas, em vez disso, respondeu:

– Deixe lá isso, minha senhora, que é melhor assim.

Felizmente ela não precisou que ele lho dissesse duas vezes. Estava ansiosa por contar a sua própria história. Fez um aceno para dentro do quarto:

– Males de amor. Deixou de comer.

Atrás dela ergueu-se um grito indignado:

– Avó!

– Pois, avó, avó – murmurou. – É a pura verdade.

– E isso é uma ralação para si, não é?

A mulher concordou ansiosamente.

– Dezassete anos. Eu, na idade dele, andava a mondar o arroz para lá de Vercelli, dez horas com as pernas de molho e umas sanguessugas pretas, enormes. E aquele ali... – baixou a voz para evitar o aparecimento do neto – nem consegue engolir a carne assada.

– Isso são tudo manias – comentou Anselmo, para quem as repreensões aos jovens se impunham. Naquele dia, no entanto, estava muito em baixo de moral e desconfortável, porque sabia que a mulher o ia ficar a observar da janela enquanto ele se atrapalhava e remexia na água.

Silvia, Silvia, o que me foste fazer?, pensou. Quando eram pequenos, era ele o traquinas, o que fazia disparates e criava problemas. Silvia tentava remediar, trazia-lhe comida às escondidas quando ele era mandado para a cama sem jantar, ajudava-o com os trabalhos de casa. Antes de ela ir para o colégio interno tinham andado juntos na escola, na aldeia, e iam a pé ou na carroça do avô. Lembrou-se das manhãs em que a escarcha transformava toda a paisagem num vidro vegetal e quebravam milhares de pequenas agulhas congeladas debaixo das botas; Silvia encapotada, friorenta, com aquela sua típica expressão alheada.

Os dois primos tinham o mesmo rosto alongado, os mesmos olhos azuis muito próximos, um nariz e boca idênticos. Se não fosse a altura fora do comum de Anselmo, poderiam ter passado por gémeos. Mas, apesar de todo o tempo que passaram a caminhar lado a lado, a beber e a comer cotovelo-com-cotovelo e a dormir no mesmo quarto, Silvia continuava a ser um mistério. Mesmo em criança, ela tinha sido incompreensível, uma criança secreta.

Anselmo despediu-se da mulher, que queria a todo o custo oferecer-lhe um café, e voltou a descer pelo Cervo. Quando as casas e a ponte foram eclipsadas por uma curva, respirou aliviado. «Mas tu percebes ou não que se não comeres acabas no caixão?», repetiu a si próprio.

Agora as lajes começavam a rarear, a margem era toda de seixos e as acácias arqueavam-se sobre a água, salpicada pela luz que penetrava pela folhagem. Embora já fosse final de outubro, o verde dominava. Preparou-se para explorar o troço em que a ribeira alargava até formar uma poça bordejada por grandes pedregulhos, antes de se escapar por uma pequena cascata de mais ou menos um metro de altura, espumosa como uma sabonária. Havia ali fendas onde a água estagnava e um corpo podia encahar. Anselmo entrou na água até à barriga das pernas e sentiu de imediato a tenaz do gelo através das botas e das meias de lã, e o hálito frio da ribeira no rosto. A ponta do bastão

encalhava contra as pedras e afundava-se no lodo e entre as ervas aquáticas.

Estava prestes a sair, com a ideia de deixar a vara ali perto e subir o aterro até chegar a uma tasquinha, quando encontrou qualquer coisa grande, mas que cedia à vara. Teve de fazer uma pausa para recuperar o controle dos braços. Os malditos pendiam como salsichas, perderam toda a força. O tórax doía-lhe com a tensão. Pensou em Silvia. Se fosse ela, tinha de a tirar de lá. Mas também não queria atormentá-la com a ponta da vara. Tentou desencaixar o volume do buraco entre as pedras trabalhando ao seu redor e teve de avançar alguns passos, molhando-se até meio da coxa. A cor da água, marmoreada pela luz e pelo lodo solto, lembrava-lhe a pele de uma víbora e causava-lhe nojo, um nojo aterrorizante, de lhe dar vontade de vomitar. Havia qualquer coisa a ancorar o corpo – agora ele tinha certeza de que era um corpo – ao fundo. Caso contrário, àquela altura já teria subido, já teria flutuado.

*Não me digas que encheu os bolsos com pedras.*

Finalmente, houve como um tremor subaquático, seguido de um jorro ascendente de bolhas. Anselmo recuou. Veio à superfície a extremidade de um grande tronco e, alguns segundos depois, a carcaça de um cão. O rumor da ribeira do Cervo encheu-lhe novamente os ouvidos, reparou que as pernas lhe ardiam e que já não conseguia sentir os pés.

Caminhou até à margem, sentou-se nos seixos secos e tirou as botas e as meias. À sua frente, a caraça do cão girava lentamente sobre si mesma. Era um típico cão pastor, de pelo grosso, branco e cinzento.

Anselmo estava encharcado e abalado, devia ter voltado pelo mato e recuperado o carro, e deixar os bombeiros fazerem aquilo, com sondas e ganchos. O cadáver do cão, no entanto, hipnotizava-o. Ficou a observá-lo até ele ser arrastado para o centro da poça, e depois para baixo, ao longo da cascata, até, finalmente, ganhar velocidade e desaparecer.

Quando Martino desceu do autocarro, o vento tinha limpado o céu e os sinos tocavam. Ao caminhar para casa, cruzou-se com Sandra, uma senhora corpulenta que vivia na aldeia e que aos seus olhos desinteressados era idêntica a todas as outras mulheres da sua idade, à exceção de ter um peito extraordinariamente pontiagudo. Sandra ainda usava aqueles *soutiens*-bala, que estavam fora de moda havia pelo menos dez anos e que Martino nunca tinha visto.

Um trio de rapazes mais velhos aplicava-se a jogar bilhar na varanda do bar. Para espanto de Martino, reagiram à passagem de Sandra – mas só quando ela já estava de costas para eles – com risos de chacota, sinais da cruz e mãos a esfregar a braguilha das calças. Ficaram empolgados e começaram a zurrar atrás de Martino: «Turim! Ei, Turim!»

Ele ignorou-os e acelerou o passo. Tinha outra coisa em mente: a professora, para junto de quem tinha de regressar, com urgência, o mais depressa possível, para ver se ela ainda estava lá em cima, e viva. Isso era o mais importante. Depois, vinha o jogo daquela manhã e a proximidade de Giulia, que lhe dera uma volta ao estômago, como aqueles chocolates com licor dentro que se espalhavam na língua e ardiam na garganta (a mãe não queria que ele os comesse, mas o pai respondia: «Vá lá, até desinfetam!»). Quando pensa em Giulia, sente uma espécie de borbulhar ao fundo da barriga, uma coisa que se agita ou que está prestes a soltar-se.

La a pensar noutras coisas mas, assim que entrou em casa, teve de perguntar à mãe o que havia de tão estranho em Sandra que fazia os rapazes contorcerem-se daquela maneira. Lia quis saber exatamente o que tinha ele visto, e, como Martinho corou e se manteve vago, fez uma ideia. Pensou se deveria deixar cair o assunto. Outra mãe teria feito isso, mas ela gostava de se sentir diferente. A história de Sandra dava-lhe a oportunidade de ensinar a Martino como certas pessoas eram hipócritas, especialmente em lugares da província como aquele, onde uma mulher que não seja velha e feia mas que viva sozinha com o filho asmático é vista com desconfiança.

– Então – começou ela – quem me contou isto foi o Gianni. Havia aqui um padre, um padre que ficou cá durante muito tempo, um certo Dom Franco.

Em resumo, ele e a Sandra namoravam – parou para Martino poder absorver a informação.

Ele fez um movimento com a cabeça, um pequeno salto atrás de surpresa, mas não disse nada e ela continuou.

– A Sandra nunca se tinha casado e ainda vivia com a mãe. Quando a mãe estava fora de casa, Dom Franco ia visitá-la.

– Mas os padres, em teoria, não deviam ter nada a ver com...

– Com as mulheres? Pois não. Em teoria, as mulheres não deveriam realmente interessar-lhes. – Lea pôs uma caixa de biscoitos de milho em cima da mesa e sentou-se em frente a Martino. O filho era magro e nervoso, um diabrete. Quanto mais comesse, melhor. Empurrou a caixa em direção a ele para o convidar a pescar um biscoito e retomou o assunto. – Bem, na minha opinião, se queres saber, isso é contra a natureza. Ou, pelo menos, não deveria ser obrigatório. A Igreja tem medo de que o amor distraia o sacerdote de Deus e dos seus deveres. Um padre casado com uma família não muda de paróquia com tanta facilidade, tem de cuidar de coisas práticas, criar filhos. Mas os protestantes fazem isso, sabes? Até os valdenses<sup>[7]</sup>, como o pai do Luca, aquele colega da tua antiga escola.

– Eu sei quem é o Luca, mãe – atalhou Martino, irritado. – Sei muito bem quem ele é, andámos juntos na escola quatro anos. – Tinha sido aquele *antiga* que lhe remexera na ferida.

– Está bem, está bem, desculpa. O facto é que Dom Franco se tinha apaixonado.

– Pela Sandra?

– Porquê? Olha que pode acontecer com qualquer pessoa.

Martino encolheu os ombros. A história não lhe parecia nada empolgante, eram histórias entre velhos. E a mãe nunca mais chegava ao assunto.

– Isto durou anos. Conheceram-se em segredo, era um amor clandestino. A aldeia inteira sabia, claro. Oficialmente, Dom Franco ia tomar café, abençoar, e depois demorava-se imenso tempo. Mas ninguém se podia queixar disso. Dom Franco era simpático, um excelente pároco. A jogar à bola era um craque, uma montanha de homem impossível de marcar. Por isso fecharam os olhos ao amante. Fizeram de conta. A única que parecia realmente desconhecer tudo era a mãe de Sandra. Uma velha ultra beata, ao que parece, e ditadora, que sempre manteve a filha à rédea curta.

– O que quer isso dizer?

– Que a controlava, mandava nela. A tinha impedido de seguir a sua própria vida.

– Mas ela encontrava-se com o Dom Franco.

– Sim, mas às escondidas.

Martino também se sujeitava às opiniões da mãe. Era uma criança, no entanto, e sabia que crescer significava formar as suas próprias opiniões. E sabia isso porque Lea lho dissera.



– E depois?

– E depois, um dia, a mãe chegou a casa mais cedo do que o costume e encontrou a Sandra com Dom Franco. E tem um ataque de loucura, ou algo assim. Enlouqueceu de vergonha. Para não enfrentar o escândalo, correu para a janela e atirou-se dela abaixo, assim, de repente, enquanto os dois ficaram ali espicados, sem saber o que dizer.

Martino escancarou os olhos. Aquilo, sim, era um verdadeiro golpe de teatro.

– E morreu? – perguntou.

– Qual quê! Elas moravam num rés do chão alto.

Ambos se riram e Lea fez a sua expressão manhosa, a cara de furão, como o pai de Martino lhe chamava. Mas, de repente, a semelhança com a história de Giovanna fê-la cair em si. Lamentou não ter pensado nisso mais cedo e esperou que o filho não fizesse caso.

– Então, porque é que ela saltou? – perguntou ele.

– Não sei, talvez tenha perdido a cabeça. Ou então era tudo teatro. Mas magoou-se com a queda. Lamentava-se e injuriava a filha. As pessoas começavam a chegar. Sandra tinha saído de casa a correr, tal como estava, em combinação. Dom Franco todo descomposto. Não era possível continuar a fechar os olhos. Ele foi transferido. A Sandra perdeu o amante e teve de ficar a cuidar da mãe inválida. Ela ainda está viva, sabes? Só que está coxa, já não sai de casa.

– Coitada da Sandra.

– Coitada da Sandra, sim. No fim, foi ela quem se tramou. Ora viste.

Esta última nota deixou Martin indiferente.

– Mãe, como é possível que a Sandra tenha... – Martino apontou para o peito, tinha as faces coradas.

– Tens de terminar as frases, Martino. Porque tem o peito pontiagudo?

– Sim.

– Ela usa uns sutiãs em forma de cone que já ninguém usa. Costumavam estar na moda.

Quem sabe se para Sandra não foi uma espécie de reivindicação: Vejam, sou solteirona e humilhada, mas olhem para as minhas mamas, como elas se empinam. Ou talvez Dom Franco gostasse daqueles sutiãs e ela não conseguisse deixar de os usar. Aos quinze anos, Lea também tinha um. Vestia-o e despia-o no escuro, ao pé do portão, contorcendo-se para o fazer passar por baixo das roupas. Os pais não teriam gostado nada.

---

<sup>[7]</sup> Cristãos seguidores do Valdismo, seita herética surgida no século xiii, baseada num voto de pobreza. [N. da T.]

Como é que neste lugar as pessoas não param de se atirar da janela?, pensava Martino. Se calhar a água aqui tem este travo esquisito porque está envenenada e, aos poucos, deixa todos loucos. Olhou para a torneira com desconfiança. Mas não posso deixar de levar água à professora, não tenho alternativa, disse para si mesmo.

Dentro da pasta da escola, enfiou uma garrafa de ciclista de alumínio, um pão, um pedaço de queijo Gruyère e uma mantinha fina, já que não via ali nada de mais quente. Lea tinha lavado o chão retrocedendo até à sua poltrona favorita e estava a ler com a esfregona encostada ao apoio de braço. Não lhe prestou muita atenção. Só lhe recordou que voltasse cedo, porque nessa noite o pai vinha de Turim. Era sexta-feira.

Desta vez quase não viu o bosque. Sentiu-se orgulhoso da sua operação de salvamento, depois, enquanto subia, convenceu-se de que não a encontraria: preocupou-se com isso e acelerou o passo, embora uma parte dele estivesse quase aliviada com essa hipótese. A seguir, foi tomado pelo medo de que ela pudesse surgir por trás dele, macerada e cambaleante como um *zombie*. Em Turim, tinha visto os cartazes da *Noite dos Mortos-Vivos*.

Chegou à cabana sem fôlego, abeirou-se da soleira da porta e ela continuava ali, apoiada à parede, com a cabeça encostada e os olhos fechados. Sentiu no estômago o vazio súbito de quando nos falha um degrau: por um momento pensou que ela estava morta, mas afinal respirava. Estava a dormir. Martino reparou no invólucro amarrotado do pãozinho que tinha deixado e exultou. Ela tinha comido! Decidiu deixar o cobertor, a água e a comida bem à vista e escapulir-se. Inclinou-se para abrir as alças da pasta e, quando levantou o olhar, encontrou o da professora. Já não parecia um cão órfão, mas sim uma criatura extraterrestre que não percebe completamente o que está a ver.

Como não sabia o que dizer, Martino retomou o esvaziar da pasta. A tensão entorpecia-lhe os dedos.

– O pão já não é fresco...

– Obrigada – disse ela, e automaticamente Martino respondeu:

– De nada.

Nenhum dos dois ousou mexer-se mais do que o estritamente necessário.

– Chamas-te Martino, não é?

– É sim, professora.

A expressão de Silvia mudou, como se tivesse voltado a fechar-se. Mas, passados alguns segundos, repetiu, com a voz rouca:

– Obrigada, Martino.

Silvia não conseguia parar de olhar para a garrafa de água. Tinha ouvido o som da água quando a criança a colocou no chão, e o alumínio estava perlado de humidade. Tinha o céu da boca tão seco que parecia a ponto de estalar. Martino deve ter notado porque, vencendo uma resistência óbvia, pegou na garrafa e estendeu-lha, mantendo-se o mais longe possível. Oh, ela estava-lhe grata, agora estava-lhe mesmo grata. A garrafa ainda era pesada, o braço dela tremia. Pousou-a no colo. Esperava conseguir desenroscar a tampa – não podia pedir-lhe que ainda por cima lha abrisse. Conseguiu e bebeu; não lhe foi possível evitar que lhe escorresse pelo queixo e pelo pescoço.

Gostaria de ser uma esponja para absorver tudo, seria maravilhoso: um organismo simples ancorado a um fundo marinho, composto inteiramente por canais, poros e fibras flutuantes, repleto de água e desprovido de cérebro.

Uma inspiração repentina deu um impulso a Martino:

– Posso trazer-lhe um livro, se quiser. A minha mãe tem muitos.

Não queria que ele lhe trouxesse um livro. Queria ser uma esponja. Mas respondeu outra vez:

– Obrigada.

O rapazinho anuiu, sério. Silvia observou-lhe o corpo ossudo e o rosto anguloso, o queixo ligeiramente assimétrico, os cabelos claros. Correndo o risco de o deixar desconfortável, continuou a encará-lo, porque sentia uma espécie de zumbido interior que, tinha aprendido, antecedia uma crise, e esperava que fixar os olhos naquele rosto real e fechado a ajudasse a contê-la, mas Martino já começava a desfocar, e Giovanna a emergir. Daí a um instante ia começar a arquejar.

– Eu tenho de ir – disse Martino. – O meu pai chega hoje à noite.

Um baque nas tábuas do telhado causou um sobressalto aos dois.

– Um ouriço – comentou Silvia ao fim de um momento. Tinha voltado a si e estava encantada. A última coisa que queria era assustar a criança, fazê-la testemunhar uma cena.

– Posso trazer-lhe um livro do Gianni – propôs Martino.

– Conheces o Gianni?

– Sim, ele tornou-se amigo da minha mãe.

– Está bem... o Gianni... o Gianni.

Há dias que Silvia não proferia tantas palavras, e com um sentido completo. Era como caminhar sobre uma tábua. Tinha conseguido durante algum tempo, sem pensar muito, mas começava a ouvir de novo o zumbido, uma tontura. Não faças isso, disse a si mesma. Queria dizer: não te armes em engraçadinha. *Ele agora vai-se embora, agora vai-se embora, agora vai-se*

*embora.*

– Então eu vou andando – anunciou Martino e, como não recebeu resposta, acrescentou: – Voltarei amanhã, se conseguir. Posso voltar?

Quanto tempo poderia durar esta história da criança? Mais cedo ou mais tarde algo lhe iria escapar, seria seguido, ter-se-ia cansado. Ela não tinha decidido voltar atrás. Mas havia esticado a língua para beber a chuva, havia comido o pãozinho. E, antes disso, não tinha sido capaz de saltar da ponte.

– Podes.

OuvIU o rumor dos passos que se afastavam entre as folhas caídas, teve tempo de notar um grupo de moscas azul-esverdeadas numa saliência da madeira e de sacudir a garrafa como um talismã para encher os ouvidos com o seu rumor de água. Enrolou-se debaixo do cobertor e fechou os olhos, e assim que os fechou encontrou-se em sua casa, no quarto do *malardriss*<sup>[8]</sup>.

---

[8] Palavra piemontesa: desordem, confusão. [*N. da T.*]

Era um quartinho que ela usava como arrecadação. Punha lá para dentro todos os papéis que queria guardar ou dos quais não conseguia desfazer-se, por exemplo os postais que o pai lhe tinha enviado da Suíça, onde trabalhava quando ela era criança. Eram lindos: vistas a preto e branco de praças, cidades e vilas encimadas por picos de montanhas; cenas pintadas à mão, com pastores e pastoras de calças à zuavo e faces coradas; cabritinhos com chifres apenas esboçados, que olhavam nos olhos os meninos seus amigos, que lhes devolviam o olhar enquanto mastigavam uma palhinha ou tocavam flauta.

Em relação ao pai, Silvia sentira uma raiva mortal, gélida e irremediável, porque faltava, prometia vir para o seu aniversário e depois nunca vinha, tinha-a entregado aos avós e às freiras e acabado por morrer lá longe, num acidente de trabalho. Ela tinha guardado todos os seus postais, mas em desordem, misturados com redações dos alunos, cartas de amigas, envelopes vazios, listas de tarefas.

Dentro das gavetas e portas dos poucos móveis encostados às paredes, acumulavam-se pagelas fúnebres, cartões de parabéns e convites para batizados, primeiras comunhões e crismas. No chão do quarto, Silvia tinha caixas de sapatos empilhadas, cheias de recortes de jornais: ex-alunos que tiveram sucesso nisto e naquilo, notícias sobre Bioglio (eleições, deslizamentos de terra, cerimónias) e artigos sobre Jackie Kennedy, Grace Kelly e Soraya. Havia edições especiais sobre o casamento de Jackie com Aristóteles Onassis e sobre o casamento de Grace com Rainier do Mónaco, e reportagens fotográficas sobre as férias de Soraya em Rapallo.

Nunca se tinha questionado a fundo a propósito da sua obsessão por estas três rainhas (até Jackie o era, num certo sentido): a viúva, a atriz, a repudiada. Devia ter a ver com os seus casamentos, com o cristal e o papelão de que eram feitos. Principalmente a irritante Grace, com o seu guarda-roupa sumptuoso, ao lado de um príncipe que havia repudiado a namorada anterior porque ela era estéril. Rainier precisava de herdeiros e Grace, a grande atriz, tornara-se pequenina para entrar naquele conto de fadas em miniatura. Tinha-lhe dado os filhos.

Silvia cortava revistas sem se esconder, não era uma paixão secreta.

Luisa e Gemma guardavam-lhe reportagens e entrevistas. Por vezes, nas salas de espera do médico e do cabeleireiro, não resistia e separava páginas e páginas de uma revista, sob o olhar de esguelha de quem se sentava ao seu lado. Esse material de coscuvilhice recordava-lhe que até aquilo que está para além do nosso horizonte existe, ao mesmo tempo estranho e semelhante a nós.

Silvia está na cabana e está no *maladriss*, queria acender a luz mas o interruptor não funciona, faz um *clic* no vazio e tem de se contentar com a penumbra. Ali no meio há desenhos feitos por Giovanna, anotações escritas por ela e fotografias da sua turma. Num sítio qualquer há de haver um cartão com uma árvore de Natal prateada e desequilibrada: «Boas Festas, professora Silvia, da Giovanna Morel (e família).» Ela gostava de o encontrar, mas só lhe calham entre as mãos as cabrinhas do pai, as curvas do Reno em Basileia, Jackie de manga curta e chinelas de enfiar no dedo, os romances cor-de-rosa da avó. Esforça-se por separar para o lado a pilha de coisas que já verificou, mas continua a olhar sempre para as mesmas cartas, os mesmos postais.

Com esta frustração, volta a si. As roupas húmidas gelam-lhe entre as coxas e os sapatos encharcados também. O nevoeiro desceu para envolver a floresta, as árvores mais distantes já desapareceram e em breve a escuridão da noite terminará o trabalho de limpeza. Também a árvore de Natal de Giovanna desapareceu da vista, e no entanto está num lugar qualquer na selva do *maladriss*, dentro da casa que Silvia abandonou.

*Vês que nunca tens nada em ordem.*

A voz na cabeça poderia ser a de Luisa. Silvia sente vergonha e dessa vergonha sai imediatamente o pior, saem as freiras. Diante dos seus olhares abrasivos, volta a ser uma menina solitária e obstinada, com fome de afeto. Como um baque de ouriço nas chapas de metal, é atingida por um pensamento: ela nunca cresceu o suficiente. Fê-lo de propósito.

Ela é Giovanna.

Lea tinha-se queimado na borda do tacho onde cozinhava o risoto. Enquanto ia incorporando o caldo com a mão esquerda, chupava as costas da mão direita.

– Faz-me um favor, corta-me uma rodela de batata para eu pôr aqui em cima – pediu a Martino.

Uma cortina de nevoeiro tinha descido sobre as janelas, ocultando o jardim e a rua. Stefano chegara pouco antes. «Dá cá um abraço», disse, virando-se para o filho. Dizia «abraço» e «instantinho», apesar de isso irritar Lea. Mas também dizia «quão» e «petiz» e isso dava-lhe vontade de rir, lembrava-lhe os livros que lia quando era criança e os livros de leitura da escola.

Agora, Stefano estava de pé em cima de uma cadeira, a meio do corredor, onde tinha decidido pendurar um quadro que trouxera da casa de Turim. Não foi uma boa ideia, primeiro porque Martino tinha ficado irritado e toda a sua atitude comunicava «só me faltava mais esta!», e depois porque Stefano era uma negação para este tipo de coisas, uma negação ao ponto de não saber pregar um prego. Não conseguia montar nem reparar nada, mal se ajeitava a trocar uma lâmpada. Em contrapartida, cozinhava bem algumas receitas: fígado panado, cogumelos na frigideira, pêssegos assados recheados. «Hoje o pai vai fazer uma das suas especialidades de farta-brutos», diziam eles. Enquanto cozinhava, Stefano ia provando, e dava-lhes também a provar: quando se sentavam à mesa já estavam cheios.

Lea e Martino espreitaram à porta.

– Não fiquem aí a olhar para mim.

– Stefano.

– Pendurar um quadro ainda consigo.

Martino e Lea voltaram para a cozinha e taparam os ouvidos. Ouviu-se imediatamente o som de marteladas e de estuque a cair.

– Eu sabia – disse Lea.

Stefano ficara de braço no ar e com uma expressão incrédula.

– Pai? Pai, fizeste um buraco na parede atrás de ti!

– Não é um buraco, mal se vê.

– Agora varres.

– Mas quão estreito este corredor é, como é possível!? Devia ser ilegal construir assim.

Riram todos e durante alguns segundos Martino esqueceu-se do seu segredo e não existia nenhuma cabana quase em ruínas no coração do bosque com uma professora para alimentar lá dentro. Pouco depois, porém, o segredo voltou a acudir-lhe à mente e, portanto, à realidade para lá da janela, da névoa e das árvores, de modo que Martino deixou de coincidir inteiramente consigo mesmo, mas também se olhava de fora, um pouco de lado, enquanto comiam risoto e conversavam, até que ir para a cama e dormir lhe pareceu uma maneira de voltar para dentro dos seus contornos, de se encaixar de novo em si próprio.

– Como achas tu que ele está? – perguntou Stefano a Lea um pouco mais tarde, enquanto lavava os dentes em cuecas e ela lhe alcançava o pijama e lhe punha a *Idrolitina*<sup>[9]</sup> na água, de modo a acelerar as operações e ir para a cama ler.

– Bastante bem. Ele desenrasca-se.

– Já fez amigos?

– Está zangado connosco.

– Mas está melhor.

– Pois está, e muito desapontado com isso.

– Portanto, nada de amigos.

– Ele gosta do Gianni, mas não sei se os adultos valem.

– Ah, sim. O escritor.

Um murmúrio de assentimento enquanto Lea fechava rapidamente a tampa da garrafa e a sacudia para fazer atuar o pó de *Idrolitina* e assim preparar a água mineral.

– Agora que conheces um escritor, vais apaixonar-te por ele de certeza.

– Nada disso, não é o meu estilo.

Stefano viu que ela não estava embaraçada e que, portanto, era verdade.

– E ainda não há vestígios da professora? – perguntou.

Lea compreendeu imediatamente que não ia conseguir ler naquela noite e sentiu-se em falta por não ter contado com isso antes: não vês o teu marido há uma semana, uma criança morreu, uma professora desapareceu, o teu filho sente-se deportado e tu queres enfiar-te na cama a ler. Que raça de pessoa.

Depois de Martino ter voltado da escola perturbado, Lea telefonou a Stefano. Ele também estava cético sobre a possibilidade de a professora voltar para casa sã e salva. Agora queria saber como iam as buscas e também como tinham corrido as cerimónias fúnebres da criança.

Martino não tinha querido ir, mas Lea ouvira dizer que estava uma multidão, tinha aparecido no jornal uma fotografia da igreja a transbordar.



O pai quis que Giovanna fosse posta no caixão com um vestido branco, no artigo estava escrito assim.

– Meu Deus. Onze anos, meu Deus! O que sabe uma criança de onze anos sobre a morte? – murmurou Stefano.

– E alguém sabe? Quem o sabe, realmente?

– Vamos, Lea, não comeces a filosofar. Uma menina atira-se da janela. Só de falar nisso – encolheu os ombros – dá calafrios.

– Não fazemos ideia do que se passa na cabeça de uma criança de onze anos. Uma coisa de nada, uma coisa que para mim ou para ti não é nada, para ela pode ser o fim do mundo.

– Mas assim não é possível viver. Uma pessoa dá dois berros a um filho e ele vai atirar-se ao rio.

Enfiaram-se debaixo das cobertas. Os lençóis estavam frios e eles confluíram um para o outro, ao centro da cama.

Lea ouviu o ressonar de Martino no outro quarto e pensou na mãe de Giovanna, naquilo que a esperaria, sem trégua, até ao fim dos seus dias. Começou a chorar em silêncio, as lágrimas nasciam-lhe no canto externo dos olhos e escorriam diretamente para a concha das orelhas. Enxugou-as com os dedos indicadores, teimosamente, e tentou conter os soluços. Podia suportar ser uma mulher despótica, ou desdenhosa, mas não uma mulher chorona. Tinha falado disso com Gianni, entre uma reticência e outra, como uma mula que finca as patas e se empina, e ele tinha diagnosticado: «Há aqui um nó por resolver: se fosses uma personagem, eu teria o dever de o desenredar, mas como és uma pessoa imagino que dependa de ti.»

Felizmente, Stefano cometeu o erro de tentar consolá-la e deu-lhe a ocasião de se enfurecer com ele. Afastou-o e começou a contar com fúria o que aconteceu com o porco do tio, aquele que lhe chamava Cenourinha, ou Carinha Laroca, e depois lhe punha as mãos em cima. Tentara beijá-la quando ela tinha apenas onze anos, como a Giovanna, e ela contorceu-se e fugiu, correndo ao redor da grande mesa da cozinha uma, duas, três vezes, com a certeza matemática, atroz, de que mais cedo ou mais tarde ele a alcançaria, até que alguém entrou e o tio fez de conta que não se passava nada. Lea estava tão aturdida pelo susto que não conseguia falar e tinha sido mandada para a cama sem cerimónia. Mais tarde, com grande esforço, ela tinha contado à mãe, e a mãe contou ao pai. Mas nada tinha acontecido, o pai e o tio porco tinham continuado a ir pescar juntos. O pai voltava feliz com um balde de trutas e percas e Lea tinha de as amanhar: abrir as barrigas para tirar as entranhas e encarniçar-se a raspar as escamas, sobre as quais a luz projetava pequenos arcos-íris.

– E não é que eles não tenham acreditado em mim, percebes? Eles também sabiam que ele era um porco, um molestador. Estas coisas acontecem nas casas. O que sabemos nós sobre essa menina?

– Pois acontecem, e lamento muito, mas acalma-te.

– Olha, boa noite. Eu tenho de ler duas páginas, senão não adormeço.

Com os olhos plantados no livro, Lea perguntava-se se muito do que tinha acontecido a seguir não seria uma resposta à traição dos seus pais, que não haviam levantado um dedo por ela. *Eu defendo-me sozinha, eu mando, eu decido quando quero baixar as cuecas.* O detonador: o tio porco. Mas não, as pessoas não funcionam de uma maneira assim tão simples. Quem sabe de onde vinha aquele seu carácter belicoso, que conjunto de genes, discursos e episódios o havia formado. E escolhas, pensou, para se tranquilizar: sobretudo, que escolhas.

---

<sup>[9]</sup> Produto tradicional italiano em pó, que permite tornar a água da torneira em água gaseificada.  
[N. da T.]

– Vamos dar uns passes com a bola – propôs Stefano a Martino, e a manhã passou-se assim.

Stefano era professor de ténis no Clube de Imprensa de Santa Rita e era uma antiga promessa do esqui. Lento, quase preguiçoso, ele no fundo não queria chegar em primeiro, mas sim fazer as coisas bem feitas. O seu forte tinha sido o *slalom* especial, a mais técnica das descidas, em que se destacava graças à perfeição das trajetórias, saboreando o trabalho dos músculos e dos tendões, os puxões dos esquis que queriam derrapar e os penachos de pó fino e nevado que deixava atrás de si.

– Tu tens aquilo que é preciso – repetia-lhe o professor enquanto passava o protetor solar branco e espesso no nariz –, o que te falta é espírito de competição. – E durante o treino gritava: – Mexe-me esse rabo, Acquadro, vamos! Empurra, empurra!

Tinha parado por completo de competir por volta dos quinze anos. Competir não lhe interessava, uma característica que viria a ser-lhe útil na sua relação com Lea. Preferia passar o fim de semana com as meninas do que nas pistas.

Ter um filho asmático não o fez lamentar-se por não fazer longas caminhadas, extensas travessias a nado, feitos atléticos. Nunca tinha pressionado Martino como o pai fizera com ele.

O pai de Stefano era apaixonado por montanhismo e a casa deles estava coberta com fotografias dele preso a cordas, ele no cume, ele com a intenção de percorrer um trilho, ele do tamanho de um pequeno inseto negro numa fila sobre o vidro de um glaciar, ele agarrado a paredes de gnaiss ou granito, usando meias e camisolas de lã com tranças, machado de gelo e corda presos à mochila e os lábios brancos de manteiga de cacau. Tinha-o obrigado a acompanhá-lo a esses mesmos cenários, até haviam tirado algumas fotografias juntos, mas para Stefano sempre foram espaços inóspitos onde se empenhava num esforço idiota: provar ao pai que era um homem a sério. Aos dezoito anos passou do ski, que ainda era um desporto de montanha, para o ténis, considerado na família um passatempo de arrogantes, de queques vaidosos.

A asma não era, na verdade, incompatível com o esforço físico, bastava ir devagar. Naquela manhã, Stefano notou que Martino tinha mais fôlego do que o habitual, chutava a bola com energia e quando parava não apoiava a mão no diafragma, não ofegava. Despenteou-lhe o cabelo com a mão:

– Este ar está a fazer-te bem, *ratìn*, olha como tu jogas!

Martino abriu um meio sorriso, mas pouco depois achou por bem deixar claro:

– Quero ir para casa.

– Vamos fazer o seguinte: na próxima sexta-feira tu e a mãe vão a Turim, apanham o comboio.

Ele gostou e não gostou. Regressar a Turim para o fim de semana significaria passar dois dias no seu quarto, mas como convidado, entre o vazio das coisas que levava, e depois ver amigos que talvez se tivessem adaptado a prescindir dele, e finalmente fazer a viagem de regresso da cidade para o bosque, com o coração a mirrar, como quando tinham vindo a Bioglio pela primeira vez e lhe parecia senti-lo a murchar dentro do peito, quilómetro após quilómetro – tinha pensado nas múmias do Museu Egípcio, com a pele transformada em couro, e nas ameixas que a sua mãe assava no forno, envoltas em *bacon*.

– Quero ir para casa e ficar lá – precisou.

– *Ratìn...*

Martino chutou a bola contra a parede da casa com tanta força que o ricochete por pouco não lhe acertava em cheio e teve de se esquivar com um salto pouco digno. Stefano observou-o para ver se tinha margem para desdramatizar. Não tinha.

Naquele estado de ânimo sombrio, Martino lembrou-se da professora que o prendia ali, preocupado e em andanças com comidas e bebidas, e transferiu o seu descontentamento para ela. Estava mesmo a ponto de contar ao pai.

– Vamos fazer uma coisa gira hoje à tarde, anda. Há um mosteiro entre as quintas que gostávamos de visitar, a tua mãe diz que a igreja é românica.

O segredo estava mesmo na ponta da língua de Martino.

– Não gostavas de vir?

*Eu gostava era de me ver livre da professora, fazer boa figura com a descoberta, eu gostava era de fugir daqui, de me refugiar na casa do Piero até que vocês se convençam a deixar-me sossegado em Turim.*

– E depois, no regresso, bebemos um chocolate quente.

Martino tinha decidido. Deitar tudo para trás das costas não, não seria digno. Ia mais uma vez ter com a professora e dir-lhe-ia que não conseguia continuar a... a quê? A encobri-la. A trazer-lhe comida e água. Que se arranjasse.

– Ei, congelaste?

– Está bem, vamos ao coiso, ao mosteiro.

– Então anda, vamos tomar um duche.

Martino continuou a ruminar. E se a professora agora já estivesse incapaz de dizer fosse o que fosse? Ele ia fazer figura de idiota. De traidor. Duplamente traidor. Da professora e de todos os outros. E, se algo de mal acontecesse, a culpa seria dele. *Porque não disseste logo, Martino?* Não sabia porquê. Por causa da surpresa, da desorientação. Como era que a mãe dizia? Do «dilema moral». Mas também pelo gosto da aventura. Porque estava aborrecido; porque estava triste e zangado com os pais e queria esconder-lhes alguma coisa. Mas agora sentia-se em sofrimento e farto e soube que estava na hora de acabar com aquilo.

A primeira vez que alguém avistou Silvia, eles acreditaram.

Estava em Santhià e pedira informações sobre os comboios regionais para Milão. Ao fim de um instante, o bilheteiro lembrou-se da professora, cuja foto tinha visto no jornal. Uma mulher de estatura média, cabelos castanhos e olhos azuis, que ele nunca tinha visto antes. Não tinha chegado a apanhar o comboio, por isso ainda devia estar na cidade.

Anselmo e Luisa chegaram apenas uma hora depois do telefonema. O bilheteiro foi buscar o jornal e apontava com o dedo indicador para a foto, triunfante:

– Parecidíssima. Cá para mim, era ela.

– E estava bem? – perguntou Luisa. – Ela desapareceu há quatro dias.

– Estava bem, sim, estava fina!

Luisa e Anselmo entreolharam-se. Alguém a ajudou sem nos dizer nada, pensou ele, ressentido. Em Luisa, por outro lado, a esperança desvaneceu-se: era improvável que Silvia estivesse com ótimo aspeto depois do que tinha acontecido.

Vasculharam as ruas, os bares e as lojas. Anselmo ia à frente, desatinado. Abria as portas, as sinetas tocavam e já ele as tinha fechado. Fazia o mesmo quando brincava às escondidas com a prima, em criança: abria as portas todas com tal ímpeto que nem olhava; escondida dentro dos roupeiros, atrás das cortinas ou debaixo da cama, Silvia fugia-lhe sempre. Então, obrigou-se a abrandar pelo menos um pouco. Enquanto isso, Luisa batia as ruas laterais. As pessoas viravam a cabeça para olhar para eles. «Perderam alguma criança?», alarmou-se uma senhora carregada de sacos de compras.

Luisa estava arquejante e ouvia um tinido na cabeça. De repente, pareceu-lhe ver, ao fundo da rua, uma figura que poderia ser Silvia. Anselmo tinha entrado noutro café, não quis desperdiçar a oportunidade voltando atrás para o avisar. Acelerou o ritmo sem perder de vista a figura, encarando-a com tal intensidade que começou a vê-la a dobrar.

Era uma mulher vestida de escuro, com o mesmo cabelo e a mesma maneira de andar, apenas mais arrastada. Sem mala. Quando dobrou a esquina, Luisa começou a correr, com a sua mala a balançar para a frente e

para trás – teve vontade de se livrar dela, mas não o fez. Chamou: «Silvia!», com uma voz de quem estava a deitar os bofes pela boca. Não havia mais ninguém na rua, apenas portas e portões e do lado oposto um lote de terreno hirsuto e garagens para carros com as portas de correr baixadas. De uma varanda, um cãozinho começou a ladrar, correndo para trás e para diante na margem do seu campo de visão, tão ansioso como ela.

Luisa tentou concentrar-se nos sapatos. Mocassins de pele com salto baixo. Azuis-escuros ou pretos? Os de Silvia eram pretos e estes pareciam azuis, ou de um preto desbotado pela poeira.

Não, eram realmente azuis. Foi abrandando até parar.

A mulher tinha parado em frente à entrada de uma casa. Tirou um molho de chaves do bolso do casaco e só então se virou com uma expressão indignada no rosto.

A poucos passos dela, Luisa, vermelha como um tomate, tinha a alça da mala enrolada ao pulso e segura na mão. O travessão do cabelo estava ao pendurão sobre a orelha. Apoiou-se à parede e pediu desculpa, explicando que a tinha confundido com outra pessoa, alguém que procuravam havia dias. A mulher tinha tido medo daquele galope a persegui-la e agora estava ressentida.

– Compreendo, mas não pode perseguir pessoas desta maneira – disse, com um sotaque milânês.

– Peço imensa desculpa. A preocupação... Eu estava enganada.

Voltou para junto de Anselmo, que entretanto se tinha zangado por a ter perdido de vista.

– Confundi-a com outra.

– Estamos lindos. Ao menos perguntaste se ela foi à estação?

Luisa não tinha pensado nisso.

– Mas ela tinha mesmo sotaque de Milão, na minha opinião, acho que foi com ela que o bilheteiro falou.

– Na minha opinião, na minha opinião – desabafou Anselmo. – E, na tua opinião, devemos contentar-nos com isso?

Portanto palmilharam toda a vila, em todas as direções, quase sem trocarem palavra, e depois foram buscar o carro e passaram a pente fino as estradas que atravessavam os campos de arroz. As ceifeiras-debulhadoras já tinham colhido as plantas e em muitas das parcelas estavam a queimar o restolho, o que deixava os campos estriados de negro e amarelo como peles de tigre. As janelas do carro estavam fechadas, mas Luisa sentia à mesma o odor a gásóleo e a estrume.

– Eu percebi logo que não nos devíamos fiar naquele tipo, naquele cretino da estação – resmungou Anselmo, e ela deixou-o falar.

– Fomos ingénuos – admitiu.

– Mas não percebo como pudeste confundir a Silvia com uma milanesa.

Deu-lhe uma palmada no joelho antes de mudar de velocidade e Luisa pensou que, ao enlouquecer, ao fugir, Silvia a tinha obrigado a ficar e a ser

normal para sempre, durante toda a vida. Voltou-se para os campos. As encostas dos Alpes tinham a mesma cor azul do céu, distinguiam-se apenas pelo branco da neve no cume, serrilhado e áspero em comparação com o vaporoso das nuvens. As garças cinzentas caçavam ao longo dos canais e o lençol de água refletia-as como as figuras das cartas, uma nítida e outra granulada e cintilante. Luisa viu que havia uma colónia de garças entre as robínias, dezenas e dezenas de grandes ninhos, nos quais outras aves esperavam.



A princípio, Gemma também teve esperança. Mais tarde, nessa noite, teve vontade de se esbofetear por ser tão estúpida.

Enquanto Luisa e Anselmo estavam fora, ela tentou manter-se ocupada, virando os colchões e batendo os tapetes, até que Corrado saiu da sua tenda feita com duas cadeiras e uma colcha. Disseram-lhe que Silvia andava em viagem e agora ele queria saber exatamente onde, se ela tinha ido outra vez para a terra dos cangurus e dos coalas. Para o manter sossegado, Gemma contou-lhe uma história de guerra daquelas de que ele gostava, com um final feliz.

– O exército italiano tinha sido derrotado em Caporetto, lembras-te?

Corrado assentiu, não muito seguro.

– Era perigoso ficar na nossa terra, por isso fugimos. Tivemos de atravessar a ponte sobre o Tagliamento, mas explodiram-na para travar os inimigos. Eu, a minha mãe e os meus irmãos passámos, mas o meu pai ficou do outro lado porque tinha a charrete e as vacas e andava devagar.

Chamava-se Ponte della Delizia, e uma grande multidão de soldados e refugiados ia ainda a passar por cima dela, com camiões e carroções puxados por cavalos, mulas e burros. Gemma ouvira um rugido atrás dela, o ar a cintilar com calor, depois os gritos a perfurar-lhe os ouvidos, sobrepondo-se ao fragor do rio caudaloso. Tinha visto manchas de uma polpa vermelha e granulosa sobre a lama macia. Uma criança disse: «Olha, parece compota!» e a mãe deu-lhe uma palmada na nuca para a fazer calar e logo de seguida envolveu-a num abraço.

Em Ferrara, para onde foram deslocados, Gemma apanhou febre espanhola. Entre os muitos doentes, amontoados em quartos partilhados por várias famílias, ela tinha sido uma das poucas a sobreviver, mas perdera grandes tufo de cabelo e os pés e as mãos tinham descascado por completo. Para a consolar, diziam-lhe que ela estava a mudar de pele, como as cobras, como as cigarras, e que ia ficar boa de certeza porque até as plantas perdem as folhas e depois renascem na primavera – toda uma sucessão de garantias mais ou menos inspiradas. Mas para ela, aos catorze anos, ter a cabeça meio careca era horrível. Tocava nas madeixas esparsas e, desesperada, rebatia os

argumentos, dizendo que as cobras lhe metiam nojo, e as cigarras também; gostava era de cavalos com crinas e cães com muito pelo encaracolado. Puxava tiras de pele morta e atirava-as para o braseiro, para incomodar todos com aquele fedor vomitivo a mosca assada.

Não contou isto a Corrado, mas contou-lhe que, semanas depois, quando ia a descer a rua com um lenço amarrado à cabeça, reconheceu o pai, que conseguira chegar à cidade e procurava informações numa queijaria. O seu bigode ruivo por detrás do vidro, com um halo de sol e sujidade, ainda era, para ela, a imagem da felicidade. Quando Gemma entrou, a sineta da porta tocara como um soar de trombeta. Ela tinha-se atirado contra ele, dentro do seu primeiro abraço, só dos dois, sem os irmãos e a mãe a reclamarem-no. Tinha-o levado até ao apartamento sobrelotado e, à noite, deixou-o rapar-lhe o cabelo a zero e chamar-lhe «o meu rapazinho».

No fim da história, Gemma começou a arrepender-se do seu otimismo, porque a vida era mesmo assim e era preciso tê-lo em conta: uma vez encontrou o pai no colapso da Guerra Mundial, outra vez Luisa e Anselmo não conseguiram encontrar Silvia na aldeia de Santhià.

Martino só conseguiu justificar uma saída solitária ao final da tarde de domingo, após quase dois dias de estreita vigilância, em que Lea e Stefano tentaram perceber como ele se sentia realmente, ou seja, que gravidade teria o seu mau humor, sem chegarem a uma conclusão. Perguntaram-lhe o que ia fazer ao bosque.

– Nada – respondeu.

– Se quiseres, uma vez que vamos passear juntos, podemos ir apanhar cogumelos. Deve haver muitos.

– Prefiro brincar ao Sandokan.

– Oh bem, se é assim...

– Talvez possas ir com o filho do Crivelli... Espera, como é que ele se chama?

– Se calhar para a próxima.

– Em que direção vais?

– Depende. Vou à capelinha.

Lea olhou para ele interrogativamente.

– Lá em cima, a meio da encosta.

– Tem cuidado, não torças um pé.

Antes de se enfiar pelo bosque, surripiou uma fatia de bolo, o fundo de um salame e duas maçãs. Os ramos das árvores entrechocavam-se com a brisa e as primeiras estrelas surgiam no céu. Lagartixas e pássaros invisíveis faziam mexer as folhas no chão. Talvez ele também se pudesse esconder em Turim, de noite, num quintal ou no parque Valentino. Mas encontravam-no logo: na cidade há pessoas por todo o lado.

Quando chegou ao pé da cabana, Martino lembrou-se da promessa que fizer à professora da última vez: trazer um livro. Tinha-se esquecido, e por um momento sentiu-se culpado, mas logo a seguir disse a si mesmo que estava ali pela última vez, para esclarecer o problema. E, no entanto, escusado será negá-lo, isto tinha sido uma hesitação, uma forma de repensar. Estava muto nervoso e tentou acalmar-se repetindo as palavras que tinha preparado: desculpe, senhora professora, mas não posso continuar calado. Andam todos à sua procura, estão todos preocupados. Desculpe, senhora professora, mas não

posso continuar calado. Andam todos à sua procura, estão todos preocupados... Desculpe...

Para não a assustar, bateu com os nós dos dedos nas traves e esperou alguns segundos antes de aparecer.

Ela estava sentada de uma maneira mais composta, mais *normal*, Martino não era capaz de dizer em que sentido, mas era essa a impressão que dava, como se a postura dos ombros e dos braços estivesse bastante controlada, as mãos e os pés imóveis, mas não inertes, não de esquelha. Contudo, estava com uma cara horrível, branca e esverdeada como um pedaço de gorgonzola.

– Olá – cumprimentou ela.

– Boa tarde.

– Não estás bem?

Era um absurdo ouvir alguém que estava mais para lá do que para cá perguntar-lhe uma coisa daquelas. Alguém que sobrevivia com as suas sobras e tinha uma voz que parecia vir das catacumbas.

Há pelo menos um dia e meio que Silvia tentava concentrar-se na criança e construir um raciocínio, enquanto a mente se lhe enchia de Giovanna e de outras coisas do seu passado que acreditara estarem enterradas, pensamentos empilhados e incoerentes como os recortes e postais no quarto do *maldariss*. Não conseguia governá-los. Mas percebeu que tinha pedido demasiado à criança e tinha de lho dizer, tinha de se libertar daquela ancoragem inesperada. Tentara ensaiar o que dizer, cada palavra exigia-lhe muito esforço e soava-lhe estranha: uma ferramenta sem uso, uma máquina de lavar avariada atirada para o bosque. *Martino, peço desculpa, pedi-te uma coisa muito difícil, errada. Não é justo que te sintas responsável por mim. Não voltes cá. Eu prometo que, se tiver vontade, voltarei. Quando me apetecer, volto. Mal me apeteça. Mas tu não te preocupes.*

Que estupidez. A embrulhada estava feita. O rapaz sentia-se certamente responsável e culpado, e ela também, em relação a ele. Culpa sobre culpa sobre culpa. Estavam presos um ao outro desde o momento em que ele tinha aparecido ali. Silvia não conseguira desaparecer. Perguntou-se outra vez se o desespero a levaria a desembaraçar-se de si própria. Mas tu comes, tu bebes!, acusava-a uma voz odiosa.

– Trouxe bolo. Esqueci-me do livro – disse Martino.

– Não importa.

Ele aclarou a garganta, mas a professora antecipou-se.

– Quero dizer-te uma coisa.

– Sim?

– Tenho de te pedir desculpa.

Martino esperou que ela quisesse ser resgatada, que quisesse acabar com aquilo. *Agora ela dá-me luz verde e eu digo à minha mãe, e assim podemos telefonar à família dela.*

– Pedi-te uma coisa difícil. Não é... é uma coisa errada, sim. Não é justo que te sintas responsável por mim. Não venhas mais. Prometo que, assim que tiver vontade, voltarei. E, se eu não tiver vontade, a culpa não é tua. É... uma coisa que eu decidi. Que só a mim diz respeito.

– Mas, se eu não vier, quem é que lhe traz comida? – insurgiu-se Martino.

Silvia não sabia o que responder.

– E se depois estiver fraca demais para andar?

Todas as objeções que tinha levantado a si próprio, dirigia-as agora a ela. Sentiu-se tramado, duplamente tramado. A professora pedia-lhe para se calar, mas sem que pudesse ficar de olho nela. *Ah, não, isso não.*

– E se precisar e ninguém a ajudar? E se vier uma noite fria?

Estavam num impasse.

– Tens razão – admitiu ela.

– Mas porque não volta para casa?

Ela balbuciou:

– Não posso, não consigo.

Então Martino lembrou-se de que, na verdade, ela era meio louca, ou estava louca, enfim, não se podia falar de tudo com ela, como era evidente. Aquilo era, como se costuma dizer, um terreno minado. Sentiu então uma espécie de calma. Tudo dependia dele. Precisava de ter nervos de aço, como Yanez de Gomera, o fiel companheiro de Sandokan. A professora estava a melhorar. Talvez fosse uma questão de ter um pouco de paciência. Fazer um acampamento como deve ser, trazer-lhe mais cobertores. Na verdade, ela estava a comportar-se como uma criança que se esconde por vergonha e tristeza; e ele disse a si próprio que, a certa altura, ia por força ter de sair do seu covil. Tinha de a ajudar a chegar lá. E talvez ela nem sequer acabasse no manicómio, como o Gianni temia.

– Eu vou continuar a vir, assim recupera mais cedo. – Martino deixou-se embarcar no comboio da sua mais recente resolução. Não queria ameaçá-la, queria salvá-la: – Se eu não puder, digo-lhe.

Ficou por algum tempo a olhar para a biqueira dos sapatos, perguntando-se se não teria exagerado.

– O teu pai chegou a vir? – perguntou a professora, como se nem tivesse ouvido a chantagem.

Era mesmo estranha.

– Veio, sim, mas como sabe do meu pai?

– Disseste-me da última vez.

– Ah. Pois, ele vai-se embora logo, a seguir ao jantar.

– O meu pai também não vivia comigo quando eu tinha a tua idade.

– Porquê?

– Estava a trabalhar na Suíça. Eu acho que senti falta dele. Fiquei um bocado zangada com ele. – E de onde tinha saído isto? A inanição, a voz rouca que nem parecia ser a dela, o facto de se ter distraído com o pensamento no bolo de que ele tinha falado no início.

– Eu tenho saudades do meu pai – admitiu Martino. – Mas tenho a minha mãe.

– Eu estava com os meus avós.

– Então e a sua mãe? Também estava fora?

– Ah, pois, a minha mãe. Ela... morreu muito cedo. É isso.

Pareceu-lhe que a professora queria pedir desculpa por aquela confidência pesada, mas ele, pelo contrário, tinha a impressão de que estavam a progredir e estava aliviado. Pensou que não era de admirar, que a tristeza de perder a mãe em criança torna muito mais provável que se acabe louco e sozinho nos bosques. Como teria sido sem a sua mãe? Uma porcaria, uma verdadeira porcaria, e nem se atreveu a imaginá-lo ao pormenor. E então a terrível palavra «órfão», que nos livros era a condição necessária para muitas vicissitudes, ressoou-lhe na mente. A professora era uma espécie de Oliver Twist muito crescido. No entanto, refletiu ele, ser criada pelos avós sempre foi melhor do que estar dependente de uma madrastra malvada, ou num orfanato, ou nas vielas de Londres.

– Morava aqui na aldeia, não morava? – perguntou, apenas para dizer qualquer coisa.

– Morava. Na casa perto da fonte. Aquela que tem a glicínia presa à parede.

– Há uma glicínia no nosso quintal.

– Imagina.

– Lá por dentro, a casa estava toda bolorenta – era assim que Lea a descrevia, tapando o nariz. – Por isso, tivemos de a pintar.

– E tu, também ajudaste?

– Eu pintei o corredor todo sozinho.

Silvia apercebeu-se de que tinha ganho balanço: conseguia manter uma espécie de conversa quase sem se dar conta, enquanto uma parte do seu cérebro registava a ascensão de um passarinho, um pica-pau, no tronco da faia e o seu desaparecimento por detrás de um rebordo da casca onde certamente fizera o seu ninho, e os seus outros pensamentos continuavam ainda a correr em torno de Giovanna, Giovanna, Giovanna. Falava como um autómato, mas conseguia seguir mais ou menos as regras da fala.

– Mas há duas noites, para pendurar um quadro, o meu pai deu uma martelada na parede, na parede atrás dele! – Martino animou-se, imitando o gesto, e Silvia produziu um sorriso meio empenado. – Estragou a pintura toda. Mas pronto, eu depois arranjo – disse a criança, a armar-se um pouco em importante.

Silvia nunca tinha comido à frente dele. Os embrulhos e uma nova

garrafa de água estavam ali no chão, mas ela tinha vergonha de levar comida à boca com as mãos, com o queixo esticado por cima dos joelhos, como uma macaca. Ser observada enquanto comia era admitir a sua rendição à sobrevivência do corpo. Qual é a pena frente a uma fatia de bolo?

*Canepa incontinente, Canepa gulosa: ainda as freiras. Nunca cheguei a acertar contas com aquelas malditas freiras.*

E pensar que nem ela conseguia engolir a mistela que serviam no colégio: despejava-a para uma lata às escondidas e depois, mais tarde, durante o recreio, enterrava tudo ao pé do teixo, num canto afastado do pátio.

O rapaz parecia outra vez alarmado, talvez ela tivesse estado ausente demasiado tempo; então, Silvia perguntou o que costumava perguntar às crianças:

– E como vai a escola?

Referia-se ao seu aproveitamento escolar ou estava a perguntar como corriam as coisas na escola sem ela? Martino não percebeu.

– Vai bem – respondeu, hesitante.

– Mudar de escola é difícil – acrescentou a professora, desenterrando outro turbilhão de sentimentos: a escola, vinte anos de alunos. Silvia, tu és uma confusão: isto disse-lhe a voz de Marilena. Desde que não se fizesse ouvir a outra voz, aquela da que a queria morta, que, na verdade, queria humilhá-la porque ela não estava morta, menos mal. Mortificar, segundo a etimologia. Cá estão elas de novo, cá estão as freiras, as grandes mortificadoras.

Silvia, fica aqui, não te percas, impôs a si mesma. Ouve o que a criança te está a dizer.

– ... mas o meu primeiro professor em Turim não era tão bom. A segunda, sim, especialmente a explicar matemática e ciências. Eu tinha tantos amigos na turma. Vamos estar juntos outra vez no ensino médio, eu e os meus melhores amigos – contava Martino.

– Ah, sim?

– Vamos voltar a Turim no ano que vem, não vamos ficar aqui. Assim que a asma melhorar.

– E como vai a asma?

– Melhor, muito melhor.

Disseram mais algumas coisas um ao outro, sem incidentes; ela acenava principalmente que sim com a cabeça, para ter a certeza de que não errava. Antes de partir, Martino recuperou a garrafa de água vazia, a fim de a trazer de volta cheia no dia seguinte.

Silvia deixou que as idas e vindas do pica-pau a pusessem tonta. A ave caminhava ao longo do tronco às corridinhas, com as patas a agarrar a casca sem nunca falhar, a cabeça encaixada que a fazia parecer ainda mais compacta. Depois de algum tempo, notou que havia dois a subir à faia num movimento em espiral e que, mesmo ao crepúsculo, as suas penas pareciam polvilhadas de ouro.

Há uma história. Remonta a antes do seu nascimento e parece-lhe que até as aranhas, os corvos e o casal de pica-paus a conhecem. Lê-a nos ramos que entram pelos buracos da cabana, na fumagina, o fungo negro que cobre algumas folhas como um feltro, e nos poucos objetos esquecidos ou partidos, com as suas corolas de sombra (a pá, o podão, o ancinho).

Por mais do que uma vez a escutou, contada pela avó enquanto ia fazendo outras coisa, como sempre: remendava, varria, cozinhava, afiava facas, depenava uma galinha. Na outra metade da casa, a bisavó de Silvia trabalhava exatamente da mesma maneira. Silvia perguntava: «Porque é que não se falam? Conta-me outra vez porque finges que a bisavó não existe», e a avó olhava-a de lado. As razões não faltavam, eram óbvias, mas o silêncio definitivo tinha começado por causa de uma gemada.

A avó tivera três filhas: a mãe de Anselmo, a mãe de Silvia e outra criança, e esta terceira menina era loira, com um nariz pequenino como um bico. Tinha adoecido com meningite e estava muito doente, a avó queria fazer-lhe uma gemada para a animar, mas a sogra opôs-se. Era uma mulher dura, impiedosa, com uma voz azeda. «Não há necessidade, é só uma febre, tu mimas essa menina», disse ela. «São ovos que podemos comer amanhã ao almoço, com certeza que aparece mais alguém, vais ver que o meu filho nos vai trazer algum diabo socialista.» A avó tinha cedido, mas nessa noite a menina morreu. Por medo de discutir não lhe tinha dado a gemada e, a partir desse momento, deixou de dirigir a palavra à sogra.

Silvia não entendia como conseguira ela impor-se ao avô e o convencera a erguer a parede que dividia a casa ao meio, tornando a planta absurda e obrigando-os a acrescentar escadas e varandas de madeira às paredes exteriores para poderem passar de um andar para outro. A avó encolheu os ombros.

— Eu disse-lhe: «Não olho mais para a tua mãe. Prefiro ir-me embora.» E era verdade, estava furiosa. Principalmente comigo mesma.

Desde que a menina adoecera, alimentá-la tornara-se uma obsessão para a avó. A gemada negada foi um erro que ela cometeu a troco de uma vida tranquila, por fraqueza, quando no fundo sabia que deveria ter insistido, feito



calar a sogra, batido a gema com a colher até ela ficar clarinha, ligeiramente rugosa com o açúcar, dando-a à boca à sua filha-pássaro, enchendo-lhe a barriga com um doce cru, elementar. Felizmente, na época ainda tinha as suas outras filhas, Delia e Albina. E mais tarde, quando também perdeu Delia, tinha ficado com Silvia à sua guarda, para criar – dizia mesmo assim.

- Mas a tia ia morrer de qualquer maneira – objetava Silvia, pequenita.
- Sim, teria morrido à mesma, de certeza.
- Mesmo que comesse a gemada.
- Mesmo que comesse a gemada – repetia a avó, cansada.

Agora Silvia lembra-se do impulso que a avó tinha para a atafulhar de comida, espalhar um dedo de manteiga no pão, enfiar-lhe no bolso avelãs descascadas, como se fosse um resgate a pagar, e a sua necessidade de se empanturrar mas depois jejuar dias inteiros, como para a deixar louca. Naqueles anos, Anselmo estava muitas vezes em casa, mas esse limitava-se a comer, comia tudo sem levantar a cara do prato e depois ia para casa da bisavó repudiada para repetir a refeição.

Na segunda-feira, Lea tinha marcado uma consulta no optometrista, em Biella. Nas últimas semanas sentia que tinha perdido dioptrias e andava com uma dor de cabeça – como palitos espetados atrás dos globos oculares – que era devida, tinha a certeza, à visão toldada. Ao longo dos anos, a sua mãe tornara-se tão míope que reconhecia as pessoas mais pela voz do que por qualquer outra coisa, e Lea tinha medo de acabar como ela, uma toupeirazinha meio cega que dava cabeçadas nas ombreiras das portas. Mas o optometrista achou que ela tinha piorado apenas ligeiramente e fez-lhe um desconto nas armações, já que lhe ficavam tão bem. Eram em forma de folha, com os bicos em direção às têmporas.

– Não pareço uma toupeira? – perguntou ela.

– Não, não parece nada – espantou-se o velho optometrista careca.

Foi esperar Martino ao bar junto à escola, pediu um café ao balcão e pôs-se à conversa com o empregado: Turim, Biella, uma alusão à tragédia – não, o filho não estava entre os colegas da menina que... da menina, em suma.

Entrou um homem jovem com uma pasta de couro novinha em folha e o empregado sussurrou-lhe que aquele era o substituto da professora Canepa e fez uma careta como quem diz: não o invejo.

Lea decidiu apresentar-se, queria saber como iam as coisas na escola, como era a *atmosfera*, já que era difícil de perceber por Martino. O professor tinha barba negra e olhos em forma de meia-lua, um pouco encovados. Os olhos também eram negros, cintilantes como as pedras de uma pulseira de turmalina que Lea tivera anos antes e não sabia que fim levava.

Ao fim de poucos minutos, Lea deu-se conta de que os seus gestos tinham perdido a espontaneidade: pousar a chávena (com demasiada força contra o pires), ajustar o cabelo atrás da orelha (com demasiada lentidão). O batom, ao fim de uma manhã, tinha-se espalhado, sentia grumos pegajosos ao canto dos lábios e teve o impulso de os lambear ou usar os incisivos para os despegar e depois engolir. Tentou limpá-los com um guardanapo e pediu

outro copo de água.

Era, evidentemente, a primeira vez que o professor se via a substituir uma pessoa de que ninguém sabia o paradeiro, ainda por cima numa turma perturbada pela perda de uma colega, e confessou que achava terrível, muitíssimo difícil. No entanto, enquanto dizia isto, pousava em Lea um olhar absorto e risonho, que ela sentia perscrutar-lhe os cabelos, as sobrancelhas e as pestanas, e andar para cima e para baixo, da testa à gola do casaco, que era ainda assim rente ao pescoço. Não prestaram atenção ao relógio, nem fizeram caso das crianças que iam desfilando pelo passeio. Lea quase deitou fora o recibo das lentes novas com o guardanapo sujo.

Passando em frente à montra do bar, a irmã Annangela reparou no professor Greppi junto à mãe do rapazinho novo, Martino Acquadro, da quinta classe C, com quem ela se tinha cruzado apenas uma vez no início do ano mas que era inconfundível por causa dos seus cabelos ruivos. Não tinha nada de mal. Tinham-se conhecido, tinham partilhado um café. Mas a irmã Annangela sabia observar e reparou que ela estava a sorrir, inclinando a cabeça, e estava de pé apoiada numa das pernas, enquanto atormentava o calcanhar com a ponta do outro sapato, e ele tinha apoiado o cotovelo ao balcão e inclinava-se em direção a ela como se estivesse em frente ao palco de um teatro, à espera de que o espetáculo começasse. E a irmã Annangela adivinhou que a coisa não ia ficar por ali.

À tarde, Martino chegou ao cume do Rovella sem fôlego. Foi por culpa daqueles três rapazes que andavam sempre atrás dele a gritar coisas, a gozar porque ele era novo em Bioglio e falava com um sotaque diferente, que eles macaqueavam; ou então, quando passava à frente deles, imitavam o som de um traque com a palma da mão apertada debaixo das axilas. Se não estivessem no bar a jogar matraquilhos, estavam sentados a fumar em cima do paredão de cimento que dava para a margem, seguravam a beata entre o polegar e o indicador e projetavam-na para longe. Falavam entre eles de cus gigantescos e mamas estrábicas, de propósito para serem ouvidos.

A mãe tinha ido trabalhar para compensar as horas perdidas de manhã, Martino almoçou bem e logo a seguir atravessou o bosque, sobressaltado com cada barulho, imaginando que aqueles três parvos podiam sair de trás de uma moita. Quando chegou lá acima, encontrou Silvia a olhar para o vazio, catatónica, com olhos que pareciam vidrados. Não estava à espera disso.

– Professora?

Tentou dar-lhe o benefício da dúvida e olhar para o sítio para onde ela estava virada, em direção à parede da cabana. Só via líquenes azulados que se assemelhavam a pezinhos de alface em miniatura e pedaços de parede esboroados pela humidade. Pousou no chão, com toda a calma, o saco de papel que trazia com um cacete e um número da sua revista aos quadradinhos favorita, a *História do Oeste a Cores*.

Tinha pensado o que trazer durante bastante tempo, porque não tinha a certeza de que as incursões dos guerreiros Dakota fossem a leitura mais adequada para a professora, mas não queria ir pescar um livro entre os da mãe, porque ela certamente se iria dar conta. Tinha escolhido o número sobre a lenda do Touro Sentado. O Touro Sentado agrada a todos, de certeza, disse para si próprio, e tinha aquela passagem que lhe dava arrepios, em que o feiticeiro se dirige ao futuro Grande Chefe: «Agora percebo que o teu longo sono não se deveu ao mal, mas foi induzido pelo Grande Espírito! Ele assinalou-te com a sua marca, se falares com ele, ele te escutará!» Era uma pena que Silvia não parecesse estar em condições de ler.

– Professora?

– Anselmo? – perguntou ela.

– Eu sou o Martino.

Não abriu mais a boca e Martino, desiludido e assustado, deu meia-volta para se ir embora. Não tinha percorrido nem vinte metros até um ronco estrangulado o fazer parar de supetão. Mais abaixo, entre as árvores e os montes de folhas secas, distinguiu uma grande massa peluda. Era um javali. Não estava de cabeça baixa a foçar no chão, mas a passear os olhinhos coruscantes por aqui e por ali, até os fixar nele.

Martino tinha ouvido histórias horríveis de javalis que despedaçaram cães e fizeram picadinho de mulheres idosas. Começou a recuar devagar, com um peso no peito que era um mau prenúncio, apertou a bomba entre os dedos, mas não a tirou do bolso com medo de a deixar cair e de a perder entre a vegetação rasteira. O javali ergueu o focinho a grunhir, farejou o ar. Martino estava de novo perto da cabana e chamou:

– Professora, professora, está aqui um javali – com uma voz alterada que o horrorizou.

Imediatamente, o animal desatou a correr e investiu de cabeça baixa, as patas num galope rápido apesar da subida. Martino estava prestes a atirar-se para um lado quando a professora saiu da cabana com o cobertor na mão. Atravessou-se entre os dois e fez rodopiar o cobertor em frente ao animal, que abrandou o ritmo e fez uma pequena curva, grunhindo. Martino via-o mover a ponta do focinho, que parecia um tubo de borracha, para cima e para baixo, para cima e para baixo.

– Vai-te embora, vá – disse-lhe a professora. Quando achou que a besta estava dominada, agarrou em Martino por uma manga e arrastou-o para dentro da cabana.

Ele sentou-se com uma respiração sibilante, puxou o broncodilatador e abriu a boca para receber o jato.

– Como vai isso?

Ele acenou com a cabeça para indicar que estava bem e ela voltou para o seu canto como se não esperasse por mais nada. O nariz de Martino picava com o cheiro a amoníaco que os movimentos da professora tinham libertado.

– Mas porquê, porque foi que ele atacou?

– Ele não atacou.

– Mas...

– Foi uma fanfarronice. Era um macho jovem. Os javalis só atacam quando estão em desespero.

Martino ia recuperando o fôlego. Parecia-lhe que os grunhidos e o ruído das patas nas folhas se iam perdendo na distância.

– Foi-se embora – confirmou a professora. Não havia dúvida de que estava presente, comparando com o estado anterior: tinha-se levantado, tinha reagido rapidamente, tinha-o socorrido, mas alguma coisa os separava.

– Quem é o Anselmo?

– Anselmo?

– Chamou-me assim há bocado.

– Ah. É meu primo. Tu estás mesmo bem?

Ele assentiu de novo.

– Desculpa. Sabes, de vez em quando tenho cá uns pensamentos – Silvia tocou nos cabelos que pareciam estopa – que são como uma cola.

– Não faz mal.

– Na tua idade, toda a gente me dizia que eu andava com a cabeça nas nuvens.

– A mim, dizem-me que sou elétrico, que não consigo ficar parado.

– Conheci uma rapariga como tu, no colégio interno. Ainda somos amigas.

– Andou num colégio interno?

– Sim, de freiras. Para estudar.

– E não podia simplesmente ir à escola?

– Havia guerra, recolher obrigatório. E, de qualquer maneira, aqui na aldeia não podia ter estudado para ser professora.

Martino queria saber coisas sobre o colégio. Os avós maternos às vezes ameaçavam: «Se te portares mal, mandamos-te para um colégio interno», e ele tinha em mente o instituto onde Gian Burrasca<sup>[10]</sup> acabou por ir parar, imaginava que fosse uma prisão para crianças onde se come água de lavar pratos. Agora conhecia finalmente alguém que tinha lá estado, e pediu-lhe que lhe contasse com tanta vivacidade que Silvia não teve coragem de o decepcionar. Falou-lhe do cheirete a nabos e a veneno de ratos e da disciplina. Contou-lhe que quando saíam para ir passear tinham de manter os olhos baixos para não correrem o risco de encontrar um olhar masculino. Falou da comida que era pouca e muitas vezes repugnante e das tigelas de leite que bebiam para adicionar calorias às refeições. Desde que saiu de lá nunca mais bebeu leite, não aguentava mais.

– A comida era mesmo nojenta?

– Fazia-nos vomitar – confirmou. – Às vezes, escondíamo-la nas latas dos biscoitos e depois deitávamo-la fora.

– E se elas descobrissem?

– Castigavam-nos. Tínhamos de comer o que havia, mesmo que soubesse a podre.

– E como eram as irmãs? Convosco, quero dizer.

– Depende. Gostávamos da irmã Elvira, que dava aulas de ciências no pátio, com minhocas, sementes e raízes. Em geral, porém, eram muito severas. Tudo tinha de funcionar perfeitamente, sem problemas. Chorar era um problema, zangarmo-nos, brigar... ui! Ai de quem brigasse. Partir ou sujar alguma coisa, ficar doente. Ter medo.

– E ficou lá muito tempo?

– Sete anos.

– Sete anos!

– O ensino médio e o superior. Para poder ser professora.

– E nunca vinha a casa?  
– Vinha, claro. No Natal, na Páscoa, no verão.  
– Era pouco – comentou Martino.  
– Havia quem tivesse de ficar lá sempre. As sem-família, chamávamos-lhes. Os meus avós, por outro lado, vinham visitar-me quase todos os domingos, na carroça.

A curiosidade de Martino não diminuía e a professora estava muito cansada. Tinha um ar abatido, como se as suas feições se tivessem deslaçado pouco a pouco, e as suas histórias também começaram a ser menos contidas.

– Havia uma freira a quem chamávamos a Mastina, por causa das bochechas descaídas e do nariz achatado. Essa batia com força, lembro-me dos nós dos dedos amarelos e roxos que ela tinha quando segurava na palmatória. Havia uma sem-família, a Agnese, que, quando era a vez dela de servir à mesa, lhe cuspiu no prato. Foi por isso que gostei dela e nos tornámos amigas.

– Era aquela elétrica?  
– Não, era outra.  
– E a professora?  
– Eu o quê?  
– Também se rebelava?  
– Nem por sombras. Eu sempre fui uma medricas. Mas ao menos não andava a espiar.

– Havia outras que o faziam?  
– Algumas. A Agnese passava noites inteiras a rezar de joelhos junto à cama, de castigo. – Silvia não disse que uma vez as freiras, exasperadas, lhe tinham dado tranquilizantes e a Agnese se transformara numa espécie de bezerro que mal se tinha nas pernas e olhava em volta com os olhos quase fechados, como se tivesse o sol a bater-lhe na cara. – Mas eu também não me portava lá muito bem. Era desajeitada, distraída, gulosa pelos doces que os meus avós me traziam. Não sabia cozinhar nem costurar. Empenhava-me bastante nas aulas, mas nunca fui das melhores alunas.

– Mas então, se é professora!  
Ela riu-se, espantada.  
– Mas para isso não é preciso ter-se sido o melhor da turma.  
Martino pensou que ela o dizia por modéstia.  
– Então ficou contente quando saiu – concluiu.  
– Fiquei. Não sabia como as coisas iriam correr cá fora, mas tinha trabalho, não havia razão de queixa. Tive mais pena foi por causa das minhas amigas.

– Mas viviam na mesma cidade.  
– A maioria, sim. Mas sabes, não é a mesma coisa que vivermos juntas...

Uma luz amarela e espessa como um caldo escorria sobre eles através das fendas do telhado, entre o fibrocimento e as tábuas. Martino levantou-se.

– Bem, tu sabes o que eu quero dizer. Também tens os amigos de Turim, que estão longe.

– Só durante um ano.

Silvia perguntou-se se ele estaria a enfatizar a duração ou se a queria minimizar.

– Se não se esquecerem de mim – acrescentou Martino.

– Não se esquecem, com certeza.

– Como sabe?

– Por experiência. E depois, talvez os vás visitar antes do fim do ano.

– O meu amigo Ago, Agostino, é como a Agnese.

Agostino lutava com rapazes mais velhos e sabia enfrentar todos, mesmo os adultos. Certa vez, para defender um gato de uma chuva de pedradas, levou com uma na boca que lhe partiu um incisivo.

– Eu também queria ter sido assim – admitiu a professora.

– Eu também.

Silvia estava prestes a lembrar-se do porquê de ter escolhido ser professora, para além das conveniências e dos hábitos: pela inquietação, os terrores e a inteligência das crianças, pela forma como sabem ser instintivamente ternas, mesmo que sejam demasiado novas, demasiado zombeteiras e corajosas para conhecerem a misericórdia; pelo seu olhar quando estão a aprender, antes de se tornarem pessoas que têm de ganhar a vida, quando são como animais recém-nascidos, cuja vinda ao mundo é um milagre, um espanto, até que a certa altura, no que nos diz respeito, se tornam apenas gado.

– Tu conheces a minha amiga elétrica, sabes? – revelou. – É a irmã Annangela.

– A irmã Annangela!

– Quando terminámos o colégio, foi ela a única a tomar os votos.

Martino absorveu a informação. Silvia e Annangela de uniforme, corridas a palmatoadas. Olhou lá para fora, onde nada de grande porte parecia mover-se.

– Como faço com o javali?

– Nada, desce tranquilamente.

– Ele atacou-me.

– Não atacou nada, estou-te a dizer. Vai para casa. Se vires algum não corras, no máximo faz uma volta mais larga.

Martino bateu algumas vezes com a mão na ombreira da porta, mas, quando se decidiu, partiu com um passo rápido, olhando para a esquerda e para a direita como se fosse atravessar uma estrada.

Não lhe aconteceria nada. Silvia não pensou no facto de que, para um asmático, o medo em si é um perigo, mesmo que seja sem motivo ou exagerado em relação às circunstâncias. Deixou-se arrastar de volta para o passado, até aos dezoito anos: uma rapariga como tantas outras, afetada pelas humilhações que o colégio não poupava a ninguém – e já era uma técnica



educativa consolidada –, mas que não gostava de se lamentar. Desta maneira, um pouco humilhada e um pouco orgulhosa, tinha-se preparado para viver a vida adulta.

---

<sup>[10]</sup> Personagem da literatura clássica infantojuvenil italiana, um menino de nove anos brincalhão e travesso que escreve os seus diários satíricos de criança no mundo preconceituoso e castrador das convenções dos adultos. [*N. da T.*]

Martino e Gianni estavam à espera de que Lea acabasse de cortar a polenta. Havia qualquer coisa nela que era difícil de definir e que os surpreendia. No entanto, estava a comportar-se como de costume: rápida, quase brusca. Tinha escancarado a janela para arejar a cozinha aquecida pelo fogão.

– Tu hoje pareces uma salva de prata acabada de arear, o que te aconteceu? – perguntou Gianni.

– Não me faças rir.

– A sério, Lea, por acaso não tomaste um copito enquanto cozinhavas?

– Não, mas agora bebia um de bom grado.

Gianni serviu o vinho tinto, um dedo também para Martino, só para molhar os lábios. Pareceu-lhe muito ácido, trincou a língua e comeu imediatamente um pedaço de queijo. Pensou que eles não iam suspeitar dele se tentasse falar sobre a professora Silvia; nunca o imaginariam capaz de jogar um jogo duplo, como um agente secreto.

– Vocês acham que uma pessoa que foge e se esconde e não quer sair mais do esconderijo está louca?

– Estás a pensar na professora?

– Sim – reconheceu. Não deve ter sido lá muito subtil.

Gianni levou a pergunta a sério. Disse que não podia falar como um médico, um psiquiatra, mas apenas como quem observa as pessoas e lê livros. Segundo ele, a loucura não era uma coisa que fosse estranha às pessoas sãs, mas sim uma possibilidade que estava dentro de cada um de nós.

– Talvez seja por isso que nos deixa desconfortáveis. Quando ficamos terrivelmente tristes, ou dececionados, ou com medo, ou com raiva – disse ele –, às vezes ficamos com um pé lá dentro. A possibilidade ocorre durante um minuto, ou semanas, às vezes anos. Há coisas que nos moem o cérebro: perdermos alguém que amamos, ou termos sido maltratados em criança. Algumas pessoas resistem a certos choques da vida, outras não. Conheço pessoas, por exemplo, que se afundaram numa grande tristeza. Chama-se depressão. Deixam de comer, não saem da cama. Estão doentes? Estão loucos? Isso não tem grande importância. O que precisamos antes de mais é

de perceber se elas querem ajuda, e de que maneira. Depois, é claro que há casos mais graves, mais óbvios. Aí é fácil dizer: está louco. Pessoas que estão convencidas de que são a reencarnação de Napoleão, que batem em si próprias, que cortam dois dedos com uma machadinha, como o Guerino, porque a voz do pai, que morreu há vinte anos, assim lho ordenou.

– Quem, aquele pobre homem que anda sempre por aí acompanhado pelo burro? – perguntou Lea.

– Esse mesmo.

– Mas se alguém se esconde... – retomou Martino.

– Martino, é melhor sermos honestos – interrompeu a mãe. – O mais provável é que a professora tenha posto termo à vida. Que nunca mais volte.

Passou-lhe os dedos pelo cabelo.

– São coisas muito feias, eu sei. Eu sei, *ratìn*.

Martino olhou para Gianni e virou as palmas das mãos para cima, como se dissesse: tudo pode acontecer. Mas era um olhar mortiço.

O prédio ficava no bairro de San Paolo e fora construído no final dos anos cinquenta. Tinha as varandas atafulhadas de estendais, espreguiçadeiras de plástico, mesas, triciclos, gerânios, vasos empilhados, cobertores e tapetes pendurados a arejar, semiocultos aqui e além por toldos às riscas desbotados pelo sol.

Luisa e Giulia percorreram os botões do intercomunicador onde os nomes tinham sido adicionados em momentos diferentes, escritos à mão em tirinhas de papel coladas com fita adesiva e sobrepostas em várias camadas.

– Belletti, cá está.

No átrio, um gato tigrado veio esfregar-se contra as meias de Giulia, mas a mãe puxou-a.

– Vamos lá, não vamos fazê-los esperar.

As paredes do apartamento estavam cobertas com papel de parede: verde-garrafa, avelã, amarelo mostarda. A mulher de Belletti já tinha feito o café, que trouxe diretamente para a sala de jantar, uma salinha pequenina só com uma mesa redonda no centro. A senhora estendeu uma toalha de jogo de tecido verde e pôs-lhe em cima uma bandeja de plástico com as chávenas e um copo de laranja morna. Giulia estava com uma dor de estômago e tentava não olhar para o senhor Belletti, que trocava formalidades com a mãe e lhe explicava que preferia que lhe chamassem *paragnosta*[11]. Era um homem calvo, com o peito encorpado pelos anos, a cabeça enorme, os olhos aumentados pelos óculos e bochechas lisas e balofas que, juntamente com a testa arredondada, o faziam parecer uma criança velha, como se o cabelo ainda não tivesse crescido e as proporções entre o corpo e o crânio não tivessem sido bem estabelecidas.

Foram as amigas da fábrica que aconselharam Luisa a entrar em contacto com o médium. Duas delas tinham lá ido pessoalmente e podiam garantir que era uma pessoa muito séria, modesto, um empregado da câmara que, nos seus tempos livres, punha o seu dom ao serviço dos outros. «Tentar não custa nada», disseram-lhe, «ou melhor: custa o que é justo».

A fé de Luisa era abrangente. Acreditava naquilo a que chamava «presenças», nos anjos da guarda, nos sonhos premonitórios. Na verdade,

percebia muito bem a contradição entre seguir os preceitos católicos e a tentativa de entrar em contacto com o sobrenatural depois de desembolsar dinheiro, mas segundo ela a Igreja não conseguia cobrir a amplitude das relações entre o humano e o divino, embora tratasse da maior parte. Em algumas situações de grande aflição era perdoável experimentar tudo. Bebeu o café, contendo a impaciência. Giulia observava-lhe o nariz e pensava: porque não herdei eu o nariz da minha mãe, que é tão direitinho? Não sou mesmo nada parecida com ela. Tinha insistido para vir também e tinha a certeza de que Luisa não teria cedido se não estivesse exausta pela insónia e pelas falsas esperanças.

Depois de Santhià houve outros avistamentos. Anselmo tinha tirado dias de licença no trabalho para estar pronto a ir a correr para o local, acompanhado pelos bombeiros ou por amigos já reformados. Em casa, Gemma e Luisa sofriam na expectativa, repetindo para si próprias que era melhor manterem-se pessimistas. E entretanto limpavam o chão de joelhos, atacavam as juntas entre os azulejos com uma escova ou aplicavam-se a lavar persianas e tapetes como escape para a angústia. Quando ouviam a chave a rodar na fechadura, continham-se para não se precipitarem para o corredor. Anselmo entrava sozinho, enfurecido, cansado. Na cozinha, bebia um copo de água com bicarbonato. Olhava para as persianas lavadas até meio, com riachos de água negra a escorrer, tapetes enrolados, as tralhas todas fora do sítio, e começava a lamentar-se. Elas deixavam-no falar, sabiam que era a maneira dele desabafar o desespero, como para elas era o polir e o esfregar – cada um segundo o seu hábito.

O senhor Belletti sentou-se e a mulher saiu, fechando a porta. Havia um crucifixo pendurado na parede atrás dele, encimado por um raminho de oliveira com as folhas empoeiradas. Luisa estendeu-lhe uma foto de Silvia, que ele virou ao contrário em cima da mesa antes de fechar os olhos para se concentrar.

Giulia esforçou-se para acreditar que isto seria útil, tinha ouvido dizer que a clarividência só funciona se se acreditar realmente nela, como as orações, e não queria sabotar os poderes do senhor Belletti com as suas hesitações. Fechou também os olhos e quando os reabriu Luisa estava a pôr a bandeja em cima de uma cadeira enquanto o homem desdobrava um grande mapa da área sobre a mesa. Tirou o pêndulo de uma gaveta, um cone de latão agarrado a uma correntezinha fina, e deixou-o pender por cima do mapa.

A corrente mal vibrava, Belletti movia-a lentamente de um lado para o outro, por cima da cidade, das colinas e das montanhas em redor, dos vales, das florestas e das aldeias. Luisa parecia aborrecida e Giulia percebeu que tinha medo de que não houvesse nenhum sinal, significando isso que Silvia tinha fugido para longe ou, pior, que estava morta. Apertou a bainha da saia

entre as mãos. Belletti, imperturbável, ia movendo o braço. Estava a passar de novo sobre a cidade quando o cone começou a girar. A mão do médium parecia imóvel e relaxada, mas o pêndulo girava sem parar. «No sentido horário», comentou ele. Quando movia a corrente para outra zona ela começava a abrandar até parar, e se voltasse para cima da cidade recuperava o ímpeto.

Belletti pousou o pêndulo e virou a foto de Silvia. Giulia ficou arrepiada e com os pelos dos braços em pé.

– Segundo aquilo que vejo, a vossa familiar está viva e está num sítio qualquer da cidade. Não tenho a certeza, mas acho que está escondida numa igreja.

– Numa igreja?

– Talvez atrás do órgão ou numa divisão qualquer na sacristia.

Luisa ficou preocupada:

– Mas, se está fechada, não deve ter podido sequer beber.

– Talvez tenha bebido água benta, mãe! – sugeriu Giulia, zelosa.

Belletti fez um sinal de aprovação com a sua enorme cabeça.

– Podem continuar a ter esperança. E, por falar em água benta, eu todos os anos trago água de Lourdes. Vamos encerrar com uma bênção, sim?

Tirou de uma gaveta um frasco de perfume com uma etiqueta colada onde estava escrita em letras maiúsculas a palavra lourdes e borrifou o mapa, o pêndulo e, levemente, as suas duas clientes.

---

[11] O termo indica alguém que possui habilidades paranormais, nomeadamente para encontrar pessoas desaparecidas através de objetos pessoais. [*N. da T.*]

O som da coruja é parecido com o do seu despertador e Silvia levanta-se, sai da cabana. As plantas transpiram, a humidade sobe do terreno.

– Tenho frio nos pés – dizia a Anselmo quando iam aos cogumelos, e ele respondia-lhe:

– Pensa nos animais que estão sempre cá fora, nós daqui a pouco voltamos para ao pé da salamandra.

Uma vez tinham queimado os calcanhares no ferro fundido quente, só para se aquecerem mais depressa. Era frequente queimarem-se com os tições e as faíscas da lareira e os fósforos que acendiam para deitar fogo às carraças. Silvia tirava-as da pele do cão com álcool e uma pinça e Anselmo ateava-lhes fogo. Inchadas de sangue, pareciam azeitonas verdes ou bolotas maduras e depois de algum tempo estouravam, fazendo cacarejar as galinhas que andavam a raspar ali à volta, à espera de comer.

Silvia sopra para a concha gelada das mãos e pensa que no bosque cada manhã é um triunfo, estar ferido é igual a estar vivo. O dano recebido atesta a existência: os parasitas, o bolor, os arranhões, as úlceras, os dentes a abanar, os nós no cabelo empastado, os pulmões doentes, o coxear. Não há nada intacto, a não ser, às vezes, o embrião, a gema dura e fechada, o esporo. Ela, suja e faminta, não tem nada de especial.

Anselmo: quer recordar como ele era quando tinha a idade de Giovanna. Um rapaz grande e desajeitado, um poço sem fundo capaz de comer pães inteiros e meias dúzias de ovos crus, sugando-os diretamente de um furinho aberto na casca. Dia dos relatórios escolares: os seus, razoáveis ou quase bons, péssimos os de Anselmo, o que desencadeava pés-de-vento, castigos e fugas.

No bosque, Anselmo atirava aos corvos com a fisga, falhando sempre, e fazia xixi do cimo das árvores, em grupo com os amigos. Na aldeia, travavam batalhas com pedaços de carvão e davam fatias de pão molhadas em vinho à mula só para a verem andar de banda. À noite, assustavam a avó uivando debaixo da janela do quarto, até o avô sair de vassoura em punho. Tinha chegado a ocupação alemã e Anselmo não percebia nada, mas brigava com todos.

Na primavera de 1944, no elétrico Biella-Oropa, um par de meses antes de os *partigiani* do batalhão Bixio terem tomado o vale, a viatura foi parada e alemães e republicanos que andavam à caça de desertores, reais ou presumíveis, revistaram os passageiros, enquanto os caminhões esperavam com o motor a trabalhar em frente às arcadas salientes do santuário.

Anselmo não levava consigo nenhum documento de identificação. Ainda não tinha catorze anos, mas era o mais alto da carruagem, o nariz adunco fazia-o parecer ainda maior: não havia nada nele que inspirasse compaixão e permitisse adivinhar a sua idade. Selecionaram-no, branco e esguio que nem um alho-porro, foi para a fila dos homens adultos a pestanejar.

Silvia volta a sentir a onda de calor que nessa altura lhe tinha subido à cara, como quando nos curvamos para abrir a porta do forno, e revê-se a aproximar-se do republicano, a apontar, a fazer um meio-sorriso de desculpas:

– Aquele espinafre do meu primo não se devia ter posto a crescer tanto. Tem treze anos, pode vir verificar, mas entretanto eu levo-o para casa. Não vê como somos parecidos? Não vê que ele nem um pelo de barba tem? O que quer fazer, fuzilar uma criança? Até para trabalhar na Alemanha seria perfeitamente inútil, na verdade, seria um emplastro.

Depois desceram a pé até Biella; Silvia tentou acompanhar o ritmo de Anselmo, que seguia a corta-mato pelos campos e arranhava os braços até ficarem em sangue. A luz cegava-os e o largo vale que se abria na frente deles parecia estar cativo num silêncio enfeitiçado. Tinham dado vazão aos nervos atirando pinhas um ao outro e as últimas bolas rugosas de neve. Depois, mais abaixo, apanharam tufos de azedas para lhes chuparem os caules ácidos, eivados de vermelho.

– Mas eu não sou nenhum emplastro – resmungou Anselmo, mesmo antes de tropeçar num buraco e desatar a rir até às lágrimas.

O presente infiltra-se na memória e Silvia apercebe-se da raiva e do medo que Anselmo deve estar a sentir por causa dela, mas não o consegue tolerar, por isso dirige a sua mente para outras ansiedades dele, as de todos os dias e que não lhe dizem respeito.

Anselmo vive num estado de sobre-excitação perene. Quem se aproxima dele quase parece ouvir a angústia que lhe zune no peito como um zangão. Não quer que os seus filhos corram, deem pulos no sofá ou esbarrem contra os móveis porque se vê imediatamente a ir com eles para o pronto-socorro. As crianças não podem estar muito tempo longe do seu olhar e da sua vigilância, não podem ir para um baloiço, transpirar, beber nos repuxos, comer fiambre ou queijo sem ser com pão. Para ele, tudo isto são ameaças à sua saúde ou à sua boa educação e trata-as como tal: gritando a plenos pulmões e ameaçando castigos. Não suporta que Giulia leia por muito tempo com medo de que estrague a vista, mas quer que ela seja a primeira da turma. Sobreretudo não os



deixava ler à mesa, o que seria uma regra compreensível se ele não jantasse com o *La Stampa* aberto à sua frente e não usasse o jarro da água ou a garrafa do vinagre como apoio, rezingando quando alguém os tira para encher o copo ou acrescentar o tempero.

Anselmo está permanentemente com medo de que aconteça alguma coisa de mal. Dele, no entanto, com todas as suas fúrias, ninguém tem medo, e se lhe obedecem é mais por exasperação.

Agora, Silvia deu-lhe uma razão válida para ter medo, uniu a família no mesmo susto.

Mais uma vez, rejeita este pensamento e procura imagens diferentes em que se refugiar: Marilena (mas traz com ela o colégio), a casa de Bioglio (volta Anselmo, e a prepotência), Giulia. Talvez graças a Giulia ela se pudesse acalmar, se não trouxesse imediatamente Giovanna atrás de si.

Rajadas repentinas agitam a ramagem. Agora o bosque voltou a ser uma aliança em que Silvia é uma intrusa: árvores que mudam de cor sem o saberem, animais sem paz e sem pecado. Uma família de cabritos-monteses repousa agachada na clareira estreita, no meio dos cíclames, mas, quando um deles cheira a sua presença e agita as orelhas, todos se levantam em uníssono e fogem a toda a velocidade.

Acontecia que na escola as crianças falavam de Giovanna, antes das aulas ou durante o recreio, em pequenos grupos e em voz baixa.

- Talvez ela se tenha debruçado demais.
- Estava zangada e não controlou os movimentos.
- Não se deu conta.
- Pois eu acho que fez de propósito.

Uma vez, Ludovico perguntou:

- E se se arrependeu enquanto ia a cair?

Arrepiaram-se. Giulia disse:

- Mas durou pouquíssimo tempo – e a sua amiga Angela corroborou:
- Sim, no máximo cinco segundos.
- E acham que não chega para se arrepender? – perguntou Ludovico,

para se tranquilizar.

Mas chegava, por isso ninguém respondeu.

Martino murmurou que talvez tivesse sido um jogo de perigo, como quando se vai andar de bicicleta e se fecha os olhos para vermos se mesmo assim nos conseguimos equilibrar.

– Quem faria uma coisa tão estúpida? – perguntou Angela, franzindo a testa.

Houve gargalhadas dispersas.

Martino enfiou o queixo no pescoço e cruzou os braços. Deixa-os rir, pensou, mas sentiu-se magoado e quase desonrado. Pelo menos tinha parado a tempo, antes de revelar que tinha sido assim, a andar de bicicleta de olhos fechados, que tinha partido o pulso há dois verões. Tinha sido um acidente muito doloroso, mas no dia seguinte entrou na escola com o gesso novo à mostra e tinha rido da sua façanha com os amigos, de uma maneira que parecia muito diferente daquele coaxar das crianças de Biella, como um herói que, desprezando o perigo, e até namorando-o, teve de acertar contas com as consequências da sua audácia. Tinha guardado o gesso, estava em cima de uma prateleira no seu quarto em Turim.

Para ir ter com Silvia, Martino tinha agora um caminho favorito. Era simples, numa linha quase reta. Saía do quintal pelas traseiras, atravessava a estrada e seguia uma indicação do próprio caminho – um trilho relvado e pedregoso que fendia o lado da colina. Os sapatos afundavam-se nos torrões gordos e deslizavam sobre as manchas de pão-porcino.

A meio do caminho, encontrava um arbusto que considerava uma presença amiga; não lhe conhecia o nome, era um sanguinho, mas gostava das suas folhas que estavam a passar do verde a um vermelho cor de carne. Depois tinha de atravessar um regato saltando sobre as pedras e pouco depois surgia a capelinha, ao lado de um teixo carregado de bagas fúcsia. Daí para a frente, a vegetação começava a mudar: um bosque de abetos, em seguida sorveiras, silvas, avelaneiras, acácias, troncos cobertos de hera, grandes bolas de visco penduradas em ramos já despídos, copas entrelaçadas, enxertos complicados e montes de ramos mortos que tombavam de uma planta para outra. Era o bosque no seu estado primordial, de confusão arbórea e asfixia mútua.

Na quarta-feira, Martino chegou ao pé do sanguinho e arrancou uma folha – parecia uma chama, especialmente se a fizesse rodar segurando-a pelo pecíolo entre o indicador e o polegar. Retomou a marcha e, como ia a olhar à volta com medo de se deparar com outro javali, não reparou até ao último instante na silhueta peluda em que ia pôr o pé.

Era demasiado cidadão para saber ao certo o que era: doninha, fuinha, furão, marta. O animal estava deitado de lado, sobre um colchão de trevo, o dorso arqueado, as patas juntas. A pelagem castanha ainda era bonita, na garganta alastrava uma mancha amarela, os bigodes vibravam só com a aragem, ou talvez fosse a respiração de Martino a fazê-los vibrar, já que ele se tinha agachado para ver melhor. Da boca, saíam dentinhos afiados num rebordo de gengiva negra e cor-de-rosa e umas unhas recurvadas coroavam-lhe as patas. Não se conseguia perceber se fora uma lesão interna, uma bala ou a esgana que o matara.

Uma vez lá em cima, perguntou a Silvia se achava boa ideia trazer o cão do Gianni para o bosque, com a desculpa de o vir passear, de modo a que ele

pudesse sentir o cheiro dos animais e defendê-lo, mas ela respondeu que, se havia maneira de irritar as feras, a mais segura era aticar-lhes um cão, e além disso o *spinone* do Gianni era velho e, desde que teve o achaque cardíaco, quase nem conseguia correr.

Falaram de cães. Martino queria ter um, mas Lea não lhe dava nenhuma esperança. O avô de Silvia tinha tido uma cadela *pointer* branca e ruiva que era dedicadíssima a Delia, a mãe dela, que, em criança, lhe dava as côdeas das torradas. A descendência daquela cadela ainda povoava a aldeia inteira com cães de caça cruzados. Falaram de mães e Martino exaltou-se mais do que havia previsto. A mãe dele era simpática, disse, fazia as pessoas rirem-se, sabia muitas coisas; é certo que às vezes se enervava e o pai dizia: «Tu és cá um bico-de-obra!», o que, de um modo geral, agravava a situação. Era preciso deixá-la ler em paz, não sujar o chão com os sapatos cheios de lama, não alagar tudo quando se saía do banho, não andar a comer pela casa fora, não ir para a cama vestido, coisas assim, mas de resto era mesmo simpática, jogava às cartas, contava-lhe histórias de livros de gente crescida, como *Jane Eyre* (pigarreou e passou adiante, porque neste livro havia o tema sensível da mulher louca no sótão e, quem sabe, talvez Silvia também o tivesse lido). E ela era a única mãe que ele conhecia que tinha cabelos ruivos e sardas até nas costas das mãos.

Silvia escutava-o com uma expressão carinhosa no rosto emagrecido. Mal se lembrava da sua mãe, quando ela morreu ainda não tinha cinco anos. Uma vez lera numa revista a história de uma mulher que tinha perdido o pai, devia ser alguém famoso, mas já não se lembrava de quem era. A filha queria falar, no discurso que ia fazer no funeral, da grande paixão do seu pai pela carpintaria, e, como não se lembrava de como ela começara, telefonou-lhe para lhe perguntar. Só então, com o aparelho colado ao ouvido, percebeu que o pai não ia atender: estava morto, e ela nunca mais conseguiria falar com ele.

No seu caso, Silvia não sabia bem o que tinha perdido, nem sabia quem era a mãe; ninguém a ajudara a reconstituí-la e ela, quando chegou à idade da razão, não tinha querido pensar muito nisso. Sentia saudades de uma pessoa desconhecida e de uma relação desconhecida, e lamentava a pessoa que ela própria teria sido, se a mãe a tivesse criado.

– Quase não me lembro dela. A certa altura devo ter perguntado «Onde está a mamã?» e devem ter-me respondido alguma coisa do tipo «A mamã foi para o céu, *teve de ir* para céu». «Para o céu, porquê?» «Foi ter com os anjos, com Deus.» Eu acho que tinha ciúmes de Deus, que passava o tempo com a minha mamã e eu não.

Outras lembranças: arrancar asas e pernas de insetos, pedir para lhos voltarem a pôr no sítio, dizerem-lhe que não se pode, que já não há nada a fazer, o fémur do gafanhoto não pode voltar ao lugar, a asa não voltará a mexer. Acreditar que a mãe está a olhar para ti (como Deus, juntamente com Deus) e sentir-se desconfortável com isso, irrisória, um modesto espetáculo. Diziam-lhe, para a confortar: «A tua mamã continua a olhar por ti lá de cima.»

Silvia dirigia ao céu meios-sorrisos embaraçados. Houve uma altura em que tinha vergonha de ir à casa de banho, continha-se até a bexiga lhe doer de tão tensa e o intestino ameaçar rebelar-se. Uma noite, depois da oração, decidiu-se a dirigir à alma da mãe um pedido franco: Por favor, nunca olhes para mim quando estou na casa de banho.

– Sabes uma coisa – disse a Martino: – Faz-me impressão ser mais velha do que a minha mãe alguma vez foi.

Silvia possuía dois retratos de Delia; sem eles, quem sabe que imagem dela teria inventado. Numa das foto, de bordas serrilhadas, Delia tinha-a nos braços, com menos de um ano e um vestidinho comprido de rendas, e segurava-a firmemente com as mãos debaixo das axilas e aflorando-lhe com o queixo o cabelo fino. Para Silvia, aquela fotografia era o testemunho de um enamoramento, a única prova, na ausência de memória, da única paixão retribuída em toda a sua vida; representava o contacto mais íntimo que alguma vez teve. De vez em quando acontecia-lhe perguntar-se se não teria por acaso permanecido fiel à sua mãe, não constituindo por isso uma família própria e embalsamando, algures dentro de si, a órfã que fora. Estes pensamentos deixavam-na profundamente constrangida.

Descreveu a Martino as fórmulas do culto familiar: Delia, longo pescoço de cisne, longos dedos de pianista, amante dos animais. Segundo estes atributos, a sua mãe era diferente, não só dela, sua filha, mas também dos pais e do seu mundo, da sua classe social; ou talvez não tivesse tido tempo para envelhecer e se assemelhar aos seus – na verdade, o avô era um homem distinto, e a avó, quando era jovem, tinha tido, dizia-se, uma bela figura.

Depois de Martino se ter ido embora, Silvia continuou a falar consigo própria como não se atreveu a fazer com uma criança de dez anos. Tinha observado, com o passar do tempo, as amigas a tornarem-se impacientes com as próprias mães, críticas, extenuadas. Sabia que algumas destas mães idosas eram uma fonte de infelicidade e tormento e forçava-se a considerar que poderia ter sido assim: nada lhe garantia que ela e Delia teriam tido uma boa relação.

Por outro lado, o colégio estava cheio de órfãs em muito pior situação do que ela, não desejadas por ninguém. *Não repises nisso, Silvia, não és a única.* As pessoas ao seu redor adoeciam e morriam, tinha havido Mussolini, e depois a guerra. Até a avó tinha rejeitado a sogra, depois da morte da sua filha, mas sem fazer cenas; o seu luto assumira uma forma concreta, de beligerância muda e paredes erguidas a dividir a casa. Quando, muito raramente, se referia às mortes das filhas, a avó chamava-lhes «as minhas desgraças, a primeira e a segunda».

Com poucas exceções, entre as quais Gianni, quem tinha estado no exército, os que desertaram para se juntar aos *partigiani*, os alpinos que voltaram da Rússia com falanges cortadas pelo gelo, os emboscados, os resistentes, os que tinham sido consumidos pela fome nos campos de concentração, os que tinham escapado às bombas tirando as crianças das

camas e refugiando-se nas adegas, todas essas pessoas que ela conhecia fugiam a contar as suas dores, alternando sempre as mesmas expressões rituais: «Vi coisas que não desejaria a ninguém», «Vi coisas que não se podem repetir», «Vi coisas que levarei comigo para a sepultura».

– Mas, à força de não repisares, enlouqueceste; à força de não repisares, olha para ti, olha para o estado em que estás.

A professora calou-se porque fora de novo atingida pela certeza de que a única forma de não repisar era acabar com tudo. De repente, levantou-se o habitual bafo malévolo: «Mas afinal tu sobreviveste. Sobreviveste à tua mãe e sobreviveste à Giovanna.»

Aos apalpões, deitou mão a um podão e brandiu-o contra a voz, num movimento de revolta.

«As freiras, com tudo aquilo que fizeram, não tiveram uma aluna que se suicidasse, enquanto tu tiveste», acusou a voz, nada impressionada.

Martino trotava em direção à aldeia, perturbado pela história da professora. Quando era criança, sem mais nem menos, deixou de ver a mãe: como poderia perceber que ela não se tinha ido embora de propósito? Que tinha deixado de existir e não estava em nenhum lugar do mundo? Imaginava Silvia à procura da mãe e os braços da avó que se substituíram aos dela, portanto, imaginava-se a si próprio abraçado, não pela sua mãe, com os seus cabelos cor de cenoura que às vezes lhe tapavam os olhos e até um pouco da boca, mas pela avó materna.

Talvez os avós tenham levado a pequena Silvia ao cemitério e, nesse caso, deve ter visto o caixão baixar à terra, ou pelo menos a lápide e uma fotografia da mãe dentro da moldura oval. Uma vez pensada, aquela fantasia macabra não lhe saía da cabeça e Martino continuou a descer sem prestar atenção, passou pelo sanguinho e deu por si a cerca de dez metros de distância de alguém que estava de costas para ele.

Eram os rapazes do bar. Refugiou-se atrás dos arbustos, tomado por uma ansiedade que o estrangulava. Iriam agarrá-lo e fazer dele picadinho, aqueles idiotas. Que caminho tencionavam seguir? Conheciam a cabana de Silvia? Obrigou-se a olhar para alguma coisa pequena e mais próxima para se acalmar, mas todo aquele vermelho em frente aos olhos não ajudava – era uma cor excitante, uma cor de alarme. No entanto, nenhum dos três se mexia, ou melhor, não saíam daquele sítio. E, estranhamente, nem sequer falavam.

Martino notou que os cotovelos deles tremiam muito, como quando Lea batia as claras de ovo com a vara de arames e até as costas dela vibravam. De vez em quando, um deles emitia um grunhido ou inspirava ruidosamente e depois retinha o ar no peito. Tinham prendido a um tronco de árvore uma página rasgada de um jornal com uma silhueta, uma figura de mulher em biquíni, em pose de sereia sobre uma rocha.

Finalmente, Martino percebeu que o olhar dos três andava num vaivém entre a foto e as próprias cuecas meio descaídas, de onde tinham extraído os tomates. Era melhor aproveitar para se escapular, mas o espetáculo daquela masturbação em grupo deixou-o pregado ao chão. Ainda não tinha chegado ao tempo das ereções, das poluições noturnas e da mudança de voz, mas alguma

coisa sabia: intuía, por exemplo, que os beijos de Corto Maltese e de Sandokan não esgotavam os seus casos amorosos e que os adultos na cama não se limitavam a dormir.

Um dos rapazes parou de se espremer com um ganido e dobrou-se para a frente, como se quisesse evitar sujar os sapatos, depois enxugou os dedos no musgo e nas calças. Toca a escapar sem me fazer ver nem ouvir, decidi Martino. Mas o rapaz, aquele da melena achatada de um lado e com cara de cavalo, estava a sair da hipnose e olhou em volta justamente para garantir que ninguém os surpreendera. Martino fez as folhas estalarem, sobressaltou-se e tropeçou, e o rapaz juntou os fragmentos do que via atrás do sanguinho até que focou o olhar nele.

– O que estás tu a fazer aqui? Vieste espiar? – Tinha uma expressão escandalizada, de padre.

– O que é que se passa? – disse logo outro.

– O Turim seguiu-nos.

– Isso não é verdade – defendeu-se ele.

– O Turim! – trovejou aquele que parecia ser o chefe. Pôs-se de pernas abertas à frente dele, com os caracóis pretos colados à testa com o suor.

– O Turim gosta de chouriço, pessoal. E gosta de molho bechamel. Querias provar, não era?

Os outros dois riam descontroladamente.

– Foi a mãe que lhe ensinou, aquela que, apesar de ser casada, convida sempre outro para jantar. Fazem todas isso, em Turim?

– O Gianni é nosso parente – justificou-se, mas foi ignorado.

– Que nojo, com aquela covinha, parece que tem um rabo no queixo – interveio o terceiro. O Chefe atalhou:

– Deixa lá isso, que eu faço-lho.

– Vai-te foder! – gritou Martino.

O Chefe semicerrou os olhos teatralmente e voltou-se para o Melena:

– Traz-mo cá.

– Eu tenho asma, eu tenho asma, não podes! Eu morro! – ofegou Martino, e, enquanto eles hesitavam, veio-lhe à cabeça a cena de Silvia a fazer girar o cobertor para confundir o javali, e logo de seguida lembrou-se do animal morto perto do sanguinho. Voltou-se e ainda lá estava, um farrapo de peles deitado sobre o trevo, presas pequenas, garganta amarela e gengivas rosa, agora já com algumas moscas; então, vencendo a repulsa, agarrou-o pelo rabo e sentiu os ossos debaixo do pelo, fê-lo rodopiar uma vez para ganhar balanço e atirou-o em direção ao Chefe, gritando:

– Cuidado, que morde!

O Chefe recuou e acabou com o rabo no chão. A carcaça aterrou-lhe mesmo em cima das pernas, a uma unha negra da braguilha, ainda aberta; os outros dois olhavam para ele estupefactos e enojados, mas Martino já voava ladeira abaixo, com os tornozelos a arriscarem torcer-se a cada passo, afastando para o lado ramos e folhas e reprimindo por prudência um sorriso



vitorioso.

Uma noite, quinze anos antes, Silvia estava sentada no jardim de Marilena. Eram jovens, o primeiro filho de Marilena dormia no carrinho, com uma touquinha branca amarrada debaixo do queixo que o fazia parecer um piloto em miniatura. No pomar, no lado oposto da curva, uma fêmea de veado meneava-se entre as plantas e baixava a cabeça para trincar as maçãs já caídas, virando para elas o traseiro de algodão felpudo. O marido de Marilena tinha acabado de regar e estava a enrolar a longa mangueira de plástico da bomba.

Marilena pegou na faca.

– Vou cortar-te mais um fatia de *gateau*. – Gostava de usar palavras francesas: dizia *pardon*, *dommage*, *en plein air*, e, de longe, Silvia viu o marido abanar a cabeça.

Quase nunca recusava uma oferta de comida.

– Dá cá – disse, e, quando se inclinou para a frente para esticar o prato, a cadeira bateu contra a mesa de ferro forjado.

– Nada daquilo é verdade – saiu-se Marilena a certa altura, como se continuasse uma conversa já iniciada e clara para ambas.

– Nada do quê? – Chovia açúcar em pó e migalhas gordurosas na camisola de Silvia, mas ela não reparava.

– Nada do que nos disseram no colégio, aquelas histórias todas. Isto é pecado, aquilo é diabólico.

– Eu sei.

– Agora quero contar-te uma coisa.

Marilena baixou a voz e aproximou de Silvia o rosto delicado.

– Tu conheces o meu marido – e apontou para ele com o queixo –, ou seja, sabes que ele tem muito pelo, já o viste sem camisa, a cortar relva. Na noite de núpcias, depois de ter acontecido tudo o que devia acontecer, ele adormece e eu vou à casa de banho para me lavar. Acendo a luz e vejo, no espelho, que estou toda coberta de pelos encaracolados e negros: a barriga, o peito... Por um segundo fiquei com medo, pensei: aqui tens, Marilena, é este o castigo por teres estado com um homem! Como se tivessem crescido em mim, percebes? Um castigo divino. Que ainda por cima não fazia um pingó de

sentido, uma vez que já éramos casados. Mas fez-me impressão, e de qualquer maneira não consegui deixar de ver a irmã Ciavatta e a sua orelha deformada e de ouvir as suas ameaças.

Silvia imitou-a, numa voz muito aguda:

– «Deus es-tá a ver-vos!»

Marilena abanou a mão em frente do peito e Silvia sacudiu finalmente as migalhas.

– Que exagero.

– Mas quanto nos pesou isso em cima? Era como andar curvada sob uma mochila pesadíssima – bufou Marilena. – Eu já pensava que aquilo fazia parte de mim e que não me conseguia livrar disso. O sentimento de culpa por ser alegre, por exemplo. Quando a Ciavatta nos disse que nos Evangelhos Jesus não se ri, quando muito, chora, e que, mesmo que por acaso tenha rido sem isso estar escrito, de certeza que não era um riso desbragado como o nosso, que se nos via a língua dentro da boca.

Silvia fez um gesto como se dissesse: águas passadas. Era um período em que estava convencida de que tinha deixado tudo para trás das costas.

– Então não foi por causa das freiras que não te casaste?

– Não, acho que não. Acho que não tive vontade.

– Eu, sim, tinha vontade, não me casei só por casar. Lembras-te de que eu dizia sempre: «Bendita Santa Ana, deixa-me casar para a semana!»?

Silvia tinha-lhe posto a mão no braço daquela sua forma ligeiramente mecânica. Sabia que era verdade. Marilena adorava contar tudo o que lhe vinha à cabeça (A história dos pelos: mais ninguém que ela conhecesse teria puxado uma coisa dessas). Silvia não, e nunca teria revelado que jamais teve uma relação com um homem nem consigo mesma, se excluirmos alguma rara exploração desajeitada e inconclusiva. Nem nunca falaria das cartas que trocou com o médico, aquele que tinha operado a avó quando ela fraturou o fémur e ficou meses acamada.

Mas, escondida na floresta, Silvia reviveu um sonho. Era com um menino de Bioglio. Devia ter a idade de Giovanna e gostava daquele menino, percebeu isso na época porque na sua presença sentia-se como se estivesse em perigo. Como era ele? De certeza que teria pernas tortas em forma de ferradura e olheiras que o faziam parecer maior do que era, olhos cor de avelã e um cheiro terroso que lembrava o do jardim de Marilena, acabado de regar.

No colégio, Silvia tinha sonhado com aquele menino, não uma, mas muitas vezes, e mesmo em sonhos a imagem era um pouco granulada, mas conseguia ver-lhe os gestos e ouvir-lhe a voz. Apenas num deles tinha havido um contacto: ele tinha-lhe arrancado uma crosta seca do joelho. Tinha surgido um bocadinho de pele cor-de-rosa, exatamente no sítio onde ela agora tinha um buraco na meia.

Por momentos, Silvia pensou na sua aparência como há dias o não fazia, aliás, como nunca o fazia. Passou em revista os sapatos gastos, as meias esfarrapadas, a pátina oleosa que sentia sobre a cara, as unhas bordadas de

escuro, a barriga mole. Não era nada como a Giovanna, era uma raparigaça já flácida, inchada, com rugas e cuecas altas, e a sua vida não tinha ainda terminado, mas passava e ia-se sumindo pelo cano abaixo.

Quinta-feira, à hora do recreio, Giulia e a sua amiga Angela desfilaram em frente ao degrau em que Martino estava sentado a comer, mas não lhe diziam nada. Ele fingiu estar muito interessado na sanduíche com fatias de vitela e maionese.

As raparigas arrancavam as crostas de açúcar de cima dos seus brioches e metiam-nas na boca, uma a uma.

– Estás a comer o guardanapo.

– Hã?

– O guardanapo. Estás a comê-lo – informou Angela, sem mais nem menos.

Martino sentiu que a odiava. Era verdade: pão e papel tinham-se tornado uma única argamassa com a marca dos seus dentes na borda.

– Ah, isto. Sim, obrigada.

Quando levantou a cabeça, Angela já ali não estava: apenas Giulia, com uma expressão entre o incrédulo e o surpreendido, como se o desaparecimento da amiga não tivesse sido combinado antecipadamente e também a tivesse apanhado a ela de surpresa. Deu alguns passos em direção a Martino e começou a desenhar na poeira do pátio com a ponta do sapato.

Martino estabeleceu para si que comer o guardanapo não prejudica tanto o decoro de um homem como levar com cocó de pombo na cabeça. No verão anterior, em Vanchiglia, tinha parado a observar um casal numa grande discussão na berma da estrada. A certa altura, no preciso momento em que ele levantou a voz, um esguicho cinzento atingiu-o em cheio na testa. Ele tirou imediatamente os óculos sujos e fez o melhor que podia com o lenço, mas entretanto a rapariga tinha desatado às gargalhadas e não conseguia parar, tentava reprimir-se e depois, deixando o riso escapar gradual e ruidosamente por entre os lábios, explodia de novo.

Até Martino, do outro lado da rua, se divertia, tanto mais que o velho episódio de lhe terem atirado cocó ao casaco nunca tinha deixado de o moer e, enfim, um mal partilhado é meia alegria; mas, depois de um certo tempo, o riso da mulher até a ele parecera excessivo. O homem deitava chispas pelos olhos, como um superior que assistisse à insubordinação de um subalterno,

enquanto a parceira estava agora dobrada em dois e cega pelas lágrimas, que enxugava de vez em quando com o interior do pulso. Então, ele levantara a mão e dera-lhe uma bofetada. O riso extinguiu-se instantaneamente, a rapariga arrancou numa fúria o anel que trazia no dedo e atirou com ele para o passeio, onde se sumiu por uma sarjeta. Nesse momento, para grande espanto de Martino, a expressão alarmada de ambos tinha sido simultânea e cúmplice: de gatas, puseram-se os dois a passar a sarjeta a pente fino durante imenso tempo. Levar com cocó de pombo podia causar isto.

– Não sei porque é que o Greppi olha tanto para ti – começou Giulia.

Martino voltou-se e encontrou por um momento o olhar do professor, que fumava encostado à parede. Quando dava uma passa, a sua barba preta e grossa ocultava-lhe os lábios.

– Achas que ele está a olhar para mim?

– Já há bocado estava, enquanto vocês jogavam futebol.

– Talvez não goste que façamos a bola com fita adesiva e papel higiénico.

– E olhava só para ti porquê?

– Bah...

– Não te conhece. – Sibilou Giulia, como se lhe tivesse rancor, e Martino fez a ligação.

– Esperemos que se vá embora rapidamente. Que a professora Canepa volte depressa, assim ele vai-se embora. – Tinha-se atrapalhado um pouco, mas ela não pareceu fazer caso.

– Se voltar... – murmurou.

– Eu acho que volta.

– Obrigada – respondeu ela, como se tivesse dito uma coisa educada, mas sem fundamento, a meio caminho entre um desejo e um voto de condolências.

– Não sei se sabes – acrescentou – que ela é prima do meu pai. E sempre viveu connosco, basicamente.

Anselmo, registou Martino, o primo que Silvia tinha invocado no seu transe dentro da cabana, era o pai de Giulia.

– Eu sabia que era da vossa família.

Giulia sentou-se ao lado dele. A saia de xadrez azul e cinzenta saía de baixo da bata e ela alisou-a com a palma das mãos; alisou também o cabelo, que lhe dava pelos ombros e desenhava vírgulas para a frente.

Martino era um feixe de nervos: com a língua, tentava despegar um pedaço de sanduíche mastigada do céu da boca sem ela reparar e, entretanto, zangava-se com a mãe, que lhe tinha preparado aquele lanche pegajoso. Não faças nada estúpido, disse para si mesmo.

Em vez disso, relançou a conversa:

– Acho que ela ficou aqui por perto.

– O meu pai já procurou por todo o lado. Até nas igrejas. Disseram-nos que talvez ela estivesse escondida numa igreja.

Giulia olhou-o hesitante, como se estivesse a pensar acrescentar mais qualquer coisa.

– Ela ia muito à igreja?

– Nem por isso.

– E então não apareceu nada.

– Nada. Os meus pais foram a Santhià, a Salussola, a Turim. Alguém tinha a certeza de que a tinha visto em Borgo Dora. Ou na estação, acharam que a tinham visto na linha de comboio, mas não é verdade. Confundem-na com outra pessoa. Não é de propósito, acho eu, é mais pelo desejo de fazer o bem.

Martino deixou-se envolver naquela versão da história.

– Ela conhece alguém em Turim, alguém que a pudesse ajudar?

– Conhece, até temos lá parentes.

– E não poderá ter-se escondido em casa deles?

– Mas eles diziam-nos!

– Talvez ela precise de tempo para se recuperar.

– E achas que não nos teriam avisado, que nos deixavam para aqui que nem uns... que nem uns parvos?

– Sim, ou seja, não, tens razão – concordou Martino. Naquele momento teve a certeza: tinha feito tudo mal, nunca devia ter mantido o segredo da professora. Que erro colossal havia cometido. Mas agora era tarde demais, se admitisse as suas falhas seria um desastre, Giulia nunca lhe perdoaria. Começou com soluços porque tinha engolido as últimas dentadas de sanduiche muito depressa e teve de sustentar a respiração para os fazer parar, enquanto ela aguardava, discretamente.

– Chegaste mesmo num bom ano – comentou ela, sarcástica.

– Como?

– Nem sempre é assim.

Só agora, finalmente, Martino lhe sorriu.

– Imagino.

– Eu conheço a aldeia onde tu estás.

– Ah.

– O meu pai é de lá e a Silvia também.

– A sério?

– Aposto que te aborreces ali.

– Não.

– Mas, em comparação com Turim, deve ser chato.

– Sim, bem... é diferente. – Decidiu não falar no bosque sob nenhum pretexto e aclarou a garganta.

– A tua mãe é muito bonita – disse Giulia. – Lembro-me dela porque veio cá no início do ano.

– A tua também – respondeu ele, por impulso.

– Já a viste?

Ele corou.

- Acho que sim. Talvez esteja a confundir.
- No sábado vamos à aldeia. Talvez nos encontremos.

Giulia já tinha avançado: o constrangimento, como uma corrente, arrastava-a por ali fora, enquanto Martino estava embasbacado: um coelho seguro pelas orelhas.

– Eu vou lá estar – respondeu. E, imediatamente, prometeu recusar ir a qualquer passeio e ficar atento à estrada principal durante todo o dia, se necessário.

– Conheces a capela do bosque?

– Aquela um bocado feia? – arriscou ele.

– Horrível! Daqui a uns anos quero repintá-la, estou a treinar. Tenho um livro que ensina a fazê-lo: *A Técnica do Fresco*. Tem de se ser rápido porque na prática o gesso molhado absorve a cor e, em seguida, quando seca, fixa-a. Quando crescer quero ser pintora, ou talvez restaurar obras-primas antigas.

Disse mesmo assim, «obras-primas antigas», e tinha em mente os fascículos dos *Mestres da Cor* e os volumes sobre os achados de Herculano em Pompeia, que Silvia guardava empilhados no seu quarto de *maladriss*. Passara tardes inteiras debruçada sobre pinturas e desenhos, sobre estátuas nuas ou vestidas, com olhos sem íris e sem pupila. Sentada ao lado de Silvia, que corrigia trabalhos e inventava exercícios, Giulia copiava para o seu caderno as obras mais incríveis: as aranhas e os ciclopes de Odilon Redon, as máscaras romanas com orelhas que pareciam pegadas e narizes grotescos semelhantes a *gnocchi* de cera, a escultura da criança com um golfinho nos braços, pernas de mesa que eram bustos femininos a nascer das patas de um leão.

Martino escutava-a e, entretanto, procurava alguma coisa digna para contrapor. Gostava de lhe oferecer um projeto tão grande e original quanto o dela. Excluiu rapidamente ser pirata e aventureiro. Podia dizer que queria ser marinheiro? Ou músico? Já tinha pensado em pedir um instrumento aos pais com que pudesse disciplinar a sua necessidade de se mexer, tamborilar, bater. Uma bateria, disse para si mesmo, e pareceu-lhe uma ideia genial, inspirada por Giulia.

– Vamos entrar, está na hora – ela foi à frente dele e a campanha ressoou muito alto, fazendo-lhes vibrar as solas dos sapatos.



Ao regressar da escola, Martino continuava a dar voltas na cabeça àquela conversa, que lhe parecia muito comprida e cheia de significado. Sentia os abanões do autocarro como palmadinhas afetuosas. Os semáforos acesos fulguravam contra o céu cinzento, as treliças pareciam-lhe maravilhas de beleza reticular e os cabos de alta tensão festões pendurados. Em frente à igreja, saltou e reconheceu a mulher do peito pontiagudo, Sandra, que estava a ajudar uma figura tremebunda a sentar-se num banco. Tinha-se colocado de pernas abertas em frente à senhora e segurava-lhe os dois braços, equilibrando-se para que a descida fosse o mais lenta e gradual possível. Compôs-lhe a camisola, que tinha subido nas costas, e entrou na farmácia. A velha notou imediatamente que Martino estava a olhar para ela.

– Eu conheço-te? Chega aqui um bocadinho, anda.

Tinha de ser a mãe de Sandra, a que se tinha atirado pela janela. A bengala de metal que a filha encostara ao banco escorregou para o chão e Martino, relutante, baixou-se para a apanhar, enquanto ela murmurava:

– Aquela não faz mesmo nada de jeito! – Segurou a bengala com a mão manchada pela velhice e encostou-a ao seu lado como se fosse uma espada. Os cabelos brancos e ralos estavam penteados para trás e presos num carrapito minúsculo, nos intervalos via-se o crânio cor-de-rosa.

Perguntou-lhe:

– De quem és tu filho?

– Eu não sou daqui.

– De onde vens, então?

– De Turim.

– E o que estás aqui a fazer?

– Vim por motivos de saúde.

– Tu?! Pareces são como um pero.

Martino estava a escutá-la, e ao mesmo tempo a imaginá-la transtornada, a subir para o peitoril da janela. Mais uma vez impressionou-o a semelhança com a história de Giovanna e pensou que, entre as duas, era melhor que se tivesse salvado a criança.

– É certo que eu não saio muito, mas ainda não estou xexé – disse a

idosa. – Eu sabia que não eras uma cara conhecida. – Tinha no colo uma mala de pele com um fecho de mola e começou a tentar abri-la com os dedos tortos até conseguir. – O que é certo é que és pele e osso. – Apalpava o conteúdo da bolsa e bufava, o fio de ouro com a medalha de Nossa Senhora oscilava para a frente e para trás. – Malvada artrite. Não imaginas quantas dólares.

– Dólares? – Martin debruçou-se sobre a bolsa, esperando ver um monte de notas.

– Quero dizer dores, dores<sub>[12]</sub>.

– Ah.

– Mas o que está a minha filha a fazer lá dentro? Há meia hora que ali entrou – impacientou-se.

– Não foi tanto, foi há uns cinco minutos.

A velha exibiu o relógio que trazia no pulso descarnado:

– Meia hora, estou-te a dizer. – Recomeçou a vasculhar e ao fim de algum tempo tirou um bombom *Cri-Cri*<sub>[13]</sub> embrulhado em papel brilhante. – Espera, ainda tenho mais.

Martino tinha uma fraqueza por *Cri-Cris*. Geralmente partia-os ao meio com os dentes para contemplar a secção com a avelã no centro, depois o chocolate e as perolazinhas de açúcar.

– Então, comes ou não?

Um senhor com um bigode farfalhudo parou para a cumprimentar. Como muitos homens da sua idade, bebedores habituais, tinha as bochechas cobertas de couperose e uma rede de vasos capilares rebentados na ponta do nariz.

– Como vamos andando, Miranda? – perguntou à velha.

– Como vamos andando? Com a bengala.

– Vejo que estás em boa companhia.

– De Turim.

– Imagine!

– Bem, não é propriamente da Lua.

Martino estava a começar a ficar nervoso. Tinha medo de esbarrar com o Chefe e os seus dois comparsas. Queria refugiar-se em casa, saborear os detalhes da proximidade com Giulia, por exemplo, a penugem dourada nos seus joelhos – embora tivesse cabelos castanhos – e depois subir pelo bosque, mas pela porta das traseiras, para evitar maus encontros, e falar com Sílvia sobre a Giulia, dizer-lhe como ela sentia a sua falta. Já se lhe perfilava uma cena na mente: no sábado, ele a descer do bosque apoiando a professora, conduzindo-a ao encontro de Giulia.

A idosa reparou que ele já não estava ali com eles, e disse:

– Acho que já te atormentei o suficiente – e, franzindo a cara toda, conseguiu piscar-lhe o olho.

– Obrigado pelos chocolates.

– Vá, vai lá, não é preciso agradeceres.

Para evitar o bar, Martino contornou a vinha, onde a última colheita do

ano estava a ser feita. Os vindimadores largavam os cachos nas bacias de plástico e cantavam:

*No chapéu, no chapéu que nós usamos / há uma longa, há uma longa pena negra / que nos serve, que nos serve de bandeira / em Pei Monti, em Pei Monti a guerrear, Ohilala.*

Voltando-se para a igreja, Martino viu que Sandra estava a sair da farmácia. Estava de pé atrás do banco e tinha uma mão no ombro da mãe, que tinha entrelaçado os seus dedos nos dela, e assim, de mãos entrelaçadas, continuavam a conversar com o homem.

---

<sup>[12]</sup> Em italiano *dolari* e *dolori*: um pequeno desvio de pronúncia que justifica o mal-entendido. [N. da T.]

<sup>[13]</sup> Bombons *pralinés* tradicionais de Turim e da região do Piemonte na época do Natal. [N. da T.]

Lea encontrou na caixa de correio um envelope que lhe era endereçado, sem remetente. No interior havia uma imagem recortada colada num cartão: uma mulher ruiva retratada por Modigliani. Tinha um vestido preto e sem adornos com um colarinho cinzento macio e olhos sem pupilas, ou talvez fossem todos pupila, porque estavam inteiramente preenchidos a negro. As linhas arqueadas comunicavam umas com as outras: nariz, rosto, pescoço, pulso, joelho. Os seios era como se não existissem, um montinho abaixo das axilas. Era mesmo parecida com ela, parecia uma versão sua mais calma e amansada.

Não conseguiu encontrar nem uma palavra escrita, ou sequer uma assinatura, no entanto, ela tinha a certeza de que tinha sido enviada pelo professor. Não pelo Stefano, ou pelo Gianni, ou por um colega. Quanto a ela, tinha sonhado com ele num sonho elementar, como quando estás a dormir, tens sede e encontras uma torneira que não tem água: estavam numa espécie de sala de congressos cheia de gente, iluminados por luzes violentas, tentavam encontrar-se sozinhos e não conseguiam.

Lea guardou o recorte numa gaveta, no meio da roupa de cama, e deitou-se em cima da colcha. Na véspera, Gianni tinha-lhe perguntado porque estava ela tão convencida de que era uma mulher má e ela respondeu que era só um desejo de se destacar, uma vez que as pessoas geralmente enfeitam-se todas para se verem ao espelho, dizem que são boas e queridas e pensam que têm sempre razão.

– A mim não me enganas – respondeu ele.

O telefone tocou e Lea levantou-se, tensa e vibrante, a pensar no professor. Era Stefano, estava com o joelho outra vez inchado por causa da lesão do menisco e não se encontrava em condições de conduzir. A mãe tinha-lhe trazido comida em embalagens de pronto-a-comer, tentando fazê-las passar por pitéus cozinhados por ela («*Vol-au-vent* e língua em molho verde, imagina!»), mas Stefano esperava que Lea e Martino apanhassem o comboio na tarde seguinte e fossem ficar com ele até domingo.

– Claro – respondeu Lea –, é claro que vamos.

– Mas ouve cá, já recebeste? – perguntou ele.

– Recebi o quê?

– Nada, nada, já vi que ainda não chegou. Que estúpido, estraguei o efeito.

– Vais dizer-me do que estás a falar? – impacientou-se ela. – Vá lá, Stefano.

– Enviei-te uma parvoíce.

– Uma carta?

– Era para ser uma surpresa.

– Mas agora já falaste demais, por isso tanto faz. – Insistiu ela, com uma teimosia venenosa que acabou por o ofender.

– Uma *lingerie*. Enfie-i-a num envelope. Depois diz-me se gostaste.

Lea pediu desculpa meio atrofiada, desprezando-se, mas ao mesmo tempo pensou que então o remetente do postal tinha realmente de ser o professor, é claro, e um arrepio percorreu-lhe as costas.

Uma vez terminada a chamada, foi pôr marmelos a cozer para fazer marmelada e brincou consigo própria por ter tido a sensação de que um estranho poderia entrar assim pelo seu casamento e expulsá-la. Tirou o cartão do Modigliani da gaveta com a intenção de o deitar para o lixo, mas depois mudou outra vez de ideias e voltou a guardá-lo no quarto, na arca feia onde guardava as lãs.

Mal entrou em casa, Martino percebeu que a mãe se encontrava de mau humor. Estava com a cabeça baixa, abanava as mãos como que a sacudir de cima sabe-se lá o quê, e cada gesto que fazia saía-lhe a despachar, e ao mesmo tempo redundante: enxaguar um copo, pôr o almoço a aquecer, cortar o pão às fatias.

– O teu quarto está uma pocilga. Depois do almoço, vais arrumá-lo – determinou.

Ela queria saber por que razão ele não tinha fome, mas não lhe apetecia contar a história dos *Cri-Cris* da mãe de Sandra, que parecia uma bruxa e no entanto não era assim tão má.

Quando Lea anunciou que no dia seguinte iam apanhar o comboio para Turim, ele saltou como uma mola. Ela ficou estupefacta: era a primeira vez que, para impor a sua vontade, Martino a acusava de forma clara e articulada, como um adulto capaz de controlar a fúria e dominá-la. Recriminou-a por o ter arrebatado de Turim, por o ter matriculado na escola da cidade sem pedir a sua opinião, por o trazer a reboque de um lado para o outro dando-lhe ordens, sempre a dar ordens, mas ele estava farto, agora não queria voltar para Turim, é que nem havia discussão, ele tinha o que fazer, uma amiga dele vinha ali no sábado, a sua única amiga naquela escola da treta, e o pai desenrascava-se muito bem sem eles.

– Mas o teu pai está mesmo a precisar – respondeu ela –, isto é um capricho teu e eu não cedo a caprichos.

– Mas qual capricho, é uma questão de vida ou morte! – gritou ele na cara da mãe, e depois fugiu dela: – Tu não sabes, tem a ver com a professora.

– Com a professora como?

– Porque, porque... a minha amiga é parente dela, eles vêm procurá-la e eu quero ajudar.

– Estás a brincar? Essa mulher pode estar morta há dias. Ai de ti se fores por aí à procura dela, percebeste? Mas tu não vês que podes dar com um... – Lea parou de repente e pestanejou, como se se tivesse apercebido naquele instante de qualquer coisa óbvia. – Tu não me digas que andas sempre no bosque porque vais à procura da professora!? Diz-me a verdade.

– Não, vou lá para brincar ao Sandokan.

– Mas tens de ficar perto de casa. Olha, hoje não saís mesmo.

A eloquência de Martino emperrou, a decepção pôs-lhe um nó na garganta. Atirou a pasta para o chão e fugiu para o quarto, batendo com a porta.

Um cheiro a plantas húmidas entrava pela casa às golfadas. No bosque, era tão intenso que causava um formigueiro no nariz e conseguia distinguir o picante das agulhas de pinheiro da podridão caramelizadas das folhas mortas, mas o bosque estava inacessível, e com ele a professora, que se arriscava a ficar mesmo mal se ele se fosse embora. Quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo: quatro dias inteiros. Precisava mesmo de sair dali, ir comprar alimentos com as suas economias e levar-lhos à cabana.

Martino escancarou as duas metades da janela, determinado a saltar e fugir. Ali não havia uma grande diferença de altura, e se até a mãe da Sandra tinha sobrevivido a algo semelhante, com certeza que ele também o faria. Debruçou-se para avaliar a largura do passeio de cimento que corria à volta da casa e que ia precisar de vencer no salto para aterrar no relvado macio. De forma a ganhar coragem, imaginou ter um javali nos calcanhares, e nesse preciso instante a mãe entrou no quarto. Vinha fazer as pazes, mas vê-lo inclinado para a frente, com um joelho no peitoril da janela, fez-lhe subir outra vez o sangue à cabeça.

– Mas que raio estás tu a fazer?!

Martino voltou a pôr o pé no chão e, apesar de todas as intenções, sentiu-se à beira de confessar: um Martino um bocadinho mais pequeno, que guardava dentro de si, empurrava-o para se lançar nos braços de Lea, a chorar tanto que a faria assustar-se, preparando-a assim para lhe perdoar todas as mentiras contadas, o ter mantido a professora escondida, o ter roubado coisas para comer, o ter deixado que todos se preocupassem e fizessem buscas, com cães, com os voluntários, e que os familiares da professora corressem atrás de falsas pistas pelas aldeias, debaixo das pontes, até Salussola e Turim. Mas, nas últimas semanas, alguma coisa mudara. Sentia até bater-lhe no peito um coração duro e elástico como uma bola de borracha, saltando loucamente e sem aviso, pelas razões mais díspares: a lembrança de Piero e Agostino lá longe, a amizade com a professora, Giulia, os três idiotas que se tinham metido pelo bosque.

Recomeçaram a discutir.

– Vens a Turim, sim, senhor.

Ao que ele respondeu:

– Não me parece, mesmo.

Por fim, cansados, chegaram a um compromisso, que os deixou a ambos descontentes: saíam cedo no domingo e regressariam no mesmo dia, no

último comboio.



Lea sabia que o professor morava nas imediações da escola. «Vê lá a coincidência», dissera-lhe ele, e da porta do bar tinha indicado uma varandazinha no quarto andar, com a sua bicicleta encaixada na diagonal e o guiador que ultrapassava o corrimão pintado de azul. Usava-a, disse-lhe ele, para fazer grandes passeios à tarde, às vezes por trilhos de montanha, outras vezes em direção aos arrozais, agora secos. Com o Stefano longe e o Martino sequestrado pela sua nova amiga, ela teria o sábado livre, um dia inteiro a conter o impulso de ir à cidade.

Para se distrair, pegou num martelo e numa chave de fendas e dedicou-se a destruir o ninho que uma vespa oleira tinha construído no final de agosto, entre um interior escuro e a parede. Juntamente com Martino observara o ir e vir do inseto, à distância porque não sabiam se picava ou se era perigoso como uma vespa crabro.

Martino sentou-se no banco ao lado da porta de casa, onde nunca se sentava, carrancudo, com os trabalhos de casa em cima dos joelhos. Pequenos raios de luz rompiam através das nuvens e pareciam enviar-lhe um sinal, balbuciar alguma coisa num código desconhecido.

Maria, a quem chamavam a Mata-Sete, apareceu na curva, com o seu andar pesado e um saco de plástico que lhe ia batendo contra o vestido às flores. Tinha uns olhos penetrantes, uma boca pequena e um nariz pequeno, todos próximos, no centro do vasto rosto quadrado, com uma prega de gordura debaixo do queixo. Esticava o pescoço às galinhas e aos gansos da aldeia e era famosa pela sua habilidade. Enquanto ela se aproximava, Martino tentou observar-lhe as mãos e as unhas, mas estavam limpas. Do saco de plástico, espreitavam penas loiras e ela confirmou, sem ele lhe ter perguntado:

– É uma galinha, deram-ma em troca do serviço. Mas tu és da cidade, para ti as galinhas crescem nos talhos, já depenadas.

Só para o impressionar, Maria improvisou uma lição sobre como matar aves. O saco, abandonado no asfalto, tombou suavemente, moldando-se em

torno da galinha, cujas rémiges, compridas e rígidas, quase furavam o plástico.

– Segura-se a galinha pelas pernas com a mão que usas menos, para mim é a mão esquerda, enquanto com a outra apertas o pescoço e encaixas o polegar no oco atrás da cabeça. Então tens de dar um puxão forte, com os dois braços – e imitou o gesto, um movimento repentino e brutal que fez sobressaltar Martino. – Assim a vértebra parte-se e acabou, a galinha foi-se. Nunca lhe torças o pescoço: o animal é capaz de fugir com a cabeça ao pendurão e não morre. Pronto, o pior já passou. Depois, com a tesoura, cortas-lhe a garganta e pendura-la para o sangue escorrer.

– Mas porque lhe pedem sempre a si?

– Porque comigo os animais sofrem menos. Tu não podes ter pena do bicho, caso contrário ele morre mal. O medo também faz sofrer, então tem de se ser decidido, sabes, rápido, para ele nem se aperceber.

Martino olhou para ela de baixo para cima, com reverência, como a um anjo exterminador. Usava tamancos de pele branca perfurada, um vestido camiseiro de verão e, por cima, uma camisola de lã com tranças.

– O trabalho vem depois. Depenar, ou esfolar o coelho – acrescentou, aproveitando o efeito de cada palavra antes de voltar a pôr-se ao caminho para casa.

De dentro, a mãe chamou-o.

– Martino, anda ver, chega aqui!

Tinha recolhido os pedaços do ninho da vespa na pá do lixo, e insistia em mostrar-lhe qualquer coisa.

– Já chega de animais mortos – desabafou ele.

– Porquê? Que outros animais mortos viste?

– A galinha da Maria, mas não a cheguei a ver.

– Pronto, faz de conta que eu não disse nada. – Lea quis baixar-se para lhe dar um beijo na cabeça, mas Martino já se tinha afastado, virou-lhe as costas e não reparou.

Mais tarde, quando acabou os trabalhos de casa e se sentiu um pouco melhor, perguntou à mãe:

– O que é que querias que eu visse?

– Ah, nada. Era mesmo uma coisa tétrica.

– O que era?

– Acho que as larvas comeram a vespa.

– Que nojo! Tens a certeza?

– Acho que vi lá dentro um pedaço de vespa. O que as mães não fazem.

Estava a ser irónica, mas ele quis ir verificar a todo o custo, como se quisesse restaurar a honra dos filhos.

O ninho ainda estava na pá de metal, partido em grandes módulos regulares em forma de cilindro, com migalhas à volta. Havia fragmentos orgânicos, um abdómen, talvez, e muitas patas amachucadas que, vistas à lupa, revelaram inequivocamente ser pernas de aranha. Correu para ir

esclarecer, exultante: a vespa não se deixara efetivamente comer, mas caçara presas para dar às crias e depois fora-se embora para tratar da vida dela.

Pela primeira vez desde que se encontra no bosque, Silvia experimenta, por breves momentos, algo parecido com tédio. Está relacionado com a percepção do tempo, orientado, ainda que vagamente, para as visitas de Martino. Mas ele não chega e a incapacidade de disciplinar gestos e pensamentos volta a tomar conta dela.

Uma formiga vermelha e preta corre-lhe pelas costas da mão: ela esmaga-a com o polegar e cheira a ponta do dedo, é uma bolinha com um cheiro acre. Pega numa pedra e mete-a na boca sem pensar, como alguém que tem o hábito de roer as unhas e nem dá por isso. Raspa a superfície escamosa com a língua, agulhas frias e metálicas picam-na. Pouco depois, cospe-a na palma da mão: brilha; placas de mica prateada cobrem-na quase por completo. Pega noutra, mas é apenas um grumo de terra que se desfaz imediatamente. Uma terceira, do tamanho de uma cereja, manchada de preto e lilás, dá-lhe satisfação durante bastante tempo. As folhas e a palha são ácidas, as suas fibras, duras como crinas de cavalo, enjoam-na. Quando muito, prefere o sabor da marinada de sujidade que tem debaixo das unhas. Volta às pedras, na sua maioria pequenas e feias, irregulares e de um cinzento encardido, chupa-as e lembra-se dos rebuçados fingidos de Giovanna.

Na primeira classe, Giovanna era a única que nunca levava doces para a escola. Usava uma bata sem graça e puída nos cotovelos, os cabelos loiros escapavam dos ganchinhos e caíam-lhe para a cara. Era repetente, mas parecia não ter aprendido nada. O corpo, no entanto, tivera tempo de crescer e, comparada com as companheiras, era alta, volumosa, por isso encolhia-se o mais que conseguia na carteira e curvava tanto as costas que a coluna vertebral se via por debaixo do tecido preto.

Para os outros, era «a do vale», filha de uma raça primitiva. Falava num dialeto cerrado, com uma inflexão diferente daquela que Silvia absorvera durante a infância, das aldeias serranas, e diferente sobretudo da inflexão mais suave da cidade. Dava a impressão de que qualquer coisa, na garganta, tirava

espaço ao ar e ao som e os forçava a embrenharem-se entre o fundo do palato e o nariz. Era o mesmo sotaque que pairava sobre os chocalhos das vacas em marcha durante a transumância, no início e no fim do verão, e nas colunas de fumo sobre as fornalhas dos carvoeiros nos altos vales: o modo de falar de pessoas isoladas, marginais, com uma proverbial selvajaria e sujidade.

Todas as crianças da turma italianizavam palavras piemontesas, faziam confusão, continuavam por muito tempo a escrever «*sagrinarsi*», «*bogiare*», «*ramina*». Quando falavam, misturavam italiano e dialeto em diferentes proporções. Giovanna não, para ela, o piemontês era a única língua e o italiano um idioma estrangeiro e hostil, porque a punha no seu lugar, ou seja, em baixo: a sua língua materna não tinha lugar na escola, não merecia ser escrita nem lida.

Durante o recreio, Giovanna ficava sozinha, muitas vezes nem saía da sala de aula. Certa vez, Silvia apanhou-a a vasculhar a lata de lixo para tirar os invólucros de rebuçados atirados pelos colegas e a escondê-los nos bolsos. Depois tinha-se esgueirado para o pátio e, sem dar nas vistas, tinha escolhido entre o cascalho as pedras com formas mais regulares e enrolado os retângulos de folha colorida em volta delas. Fazia de conta, mais para si do que para os outros.

Descobriu-se que Giovanna era uma jogadora de berlindes com um tiro seco e preciso, e graças a essa habilidade integrou-se na turma: graças aos berlindes e a uns pares de estalos assestados aos rapazes que não sabiam perder com elegância, e que Silvia deixou por marcar como faltas disciplinares.

No final da primária, a professora decidiu que Giovanna precisava de uma leitura que correspondesse ao mundo integralmente dialetal em que iria mergulhar e emprestou-lhe as *Canzoni Piemontesi*, de Angelo Brofferio. Era uma edição de 1881 com o título em letras douradas na lombada e tinha pertencido ao seu avô, que adorava recitar as canções aos seus amigos, especialmente *L'umanità e 'l mèrluss ossia Cavour e 'l cholera*, ou a intitulada *La glòria dël Paradis*. Logo na primeira rima, a avó fazia o sinal da cruz e fugia para outro quarto, mas o avô pousava uma mão sobre o braço de Silvia, ainda pequena, para que ela ficasse e ouvisse:

*Se i poum d'or son per parei*  
*Che noioua landa!*  
*Da Bergnif a stan aut mei;*  
*Viva la ca granda!*  
*Mei là giù con i diaulot*  
*Che si dsour con i bigot.[14]*

Giovanna gostou tanto daquele livro iluminista e anticlerical que nunca

mais o devolveu. A professora tinha trazido um cartão de biblioteca para cada aluno, mas não confiara um livro seu a mais ninguém, com a capa dura e as letras de ouro. Em casa, o pai espreitara os versos: «Foi a professora que te deu isto? Tens a certeza?» Giovanna tinha imenso orgulho nele, folheava as páginas e sentia-se como se tivesse um balão cheio de ar no peito, que a ajudava a endireitar as costas. De vez em quando, nas redações, para se fazer importante, escrevia: «Como diz também Brofferio, o ilustre poeta.»

---

<sup>[14]</sup> Se as maçãs de ouro são assim / que coisa mais chata! / As de Berlicche são muito melhores / Viva a Casa Grande! / Antes lá em baixo com os diabos / do que cá em cima com os beatos.

Nessa quinta-feira à noite, Luisa teve de ir a casa da vizinha para lhe dar uma injeção e Giulia quis acompanhá-la.

– Temos de lhe perguntar se não se importa; enfim, que a vejas de rabo ao léu...

Palma, a vizinha, não se opôs. Era uma mulher na casa dos setenta anos, com um marido esquivo e muito franzino, que abriu a porta e foi continuar a ver o concurso na televisão. Ela tinha os cabelos muito curtos e um belo rosto liso e lustroso, com as rugas esticadas pela gordura, lábios violáceos e um rabo enorme, que parecia fosforescente sob a luz concentrada pelo abajur.

Quis saber como corriam as buscas, como estava o Anselmo, como estavam eles todos, mas tinha uma forte necessidade de se queixar do marido e rapidamente declarou:

– Eu, mal possa, divorcio-me dele.

– Não brinques, Palmina.

– Tu vais ver, vais ver que passa. – Referia-se à lei que iria legalizar o divórcio e pela qual o Parlamento lutava havia cinco anos.

Entretanto, Giulia ia estendendo à mãe o que ela precisava: algodão embebido em desinfetante, caixinha de metal com seringa e agulhas, frasco de *Lamuran* com a rolha de borracha para furar. Luisa encheu a seringa, substituiu a agulha para ter a certeza de que não estava romba, em seguida bateu com a unha do indicador na seringa e esguichou algumas gotas do remédio. Desinfetou a pele e enfiou a agulha sem perder tempo. Fez o teste do sangue retraindo o êmbolo e depois pôde injetar. Giulia ia memorizando os vários passos.

– Sim, mas, mesmo que aprovelem... tens de ter um marido louco ou condenado a prisão perpétua, ou nada feito. – Luisa tirou a seringa: – Já está.

– Nem dei por nada, tu realmente tens umas mãos de ouro – disse Palma, e retomou imediatamente a sua conversa: – Abandono do domicílio conjugal – precisou.

– Mas se o homem está ali na sala!

– E quem é que o arranca dali? Vou-me eu embora. Vou para Desenzano, para casa dos meus filhos. Já tenho três netos e nunca os vejo, por

causa desse...

– E recebem-te em casa deles?

– A Laura já disse que sim: «Mãe, vem quando quiseres, eu adapto a sala de jantar para ti.»

– E então vais.

– Vou, sim senhora, e ao fim de cinco anos peço o divórcio.

– Está bem, está bem, depois vês.

– Ai peço, peço. Só para ter essa satisfação. Não quero acabar na sepultura com ele, com as fotos uma em cima da outra e a inscrição do seu sobrenome: «In Greggio.» Quero morrer Palma Ferraro, ponto. Vais ver que sem mim até joga as cuecas, além da reforma. E olha que ele tem uma reforma boa.

Enquanto Palma se levantava e ajeitava a roupa, Luisa fez uma careta a Giulia, como para desdramatizar.

Uma vez no andar de baixo, Giulia pediu mais pormenores à mãe. Não percebia a que coisa jogava Primino com tanta vontade e que mal havia nisso. Luisa explicou-lhe que ele tinha o vício das cartas e perdia dinheiro, por isso a mulher estava zangada com ele. Disse-lhe isto só porque toda a gente sabia, não era segredo. Entretanto, encheu a banheira. Tinha sido invadida pelo frio a partir dos pés; devido ao cansaço e à preocupação, tinha os dedos gelados e a cabeça pesava-lhe sobre o pescoço.

O dia do banho era normalmente ao domingo para toda a gente; além disso, já era tarde: Anselmo tinha-se acomodado na cama com as palavras cruzadas, Gemma e Corrado já deviam estar a dormir. Despiram-se as duas enquanto o vapor aderiu ao espelho. Luisa analisou uns pontos vermelhos que lhe cresciam no peito e nas axilas:

– Angiomas – explicou ela –, angiomas inofensivos. Tenho a pele às bolinhas.

Tinha só um seio, o outro tinha sido removido três anos antes por causa de um tumor e dele só restava um traço curvo no peito achatado, que ela preenchia com uma almofadinha de silicone própria para inserir no sutiã. Provocava um efeito estranho em Giulia pensar que o peito que a amamentara tinha sido cortado e deitado fora. Luisa dizia que metade dela tinha voltado a ser menina e Gemma de vez em quando invocava Santa Ágata, que traz os seus dois seios decepados numa bandeja.

Enquanto estavam submersas, Anselmo espreitou à porta e resmungou:

– Vocês são doidas. Já viram que horas são?

– Fecha a porta que o calor sai – respondeu Luisa.

Tinha coberto o cabelo dela e o de Giulia com toucas de plástico, para evitar molhá-los. Usaram muito sabão. Luisa lavou os dedos dos pés de Giulia, um a um, e esfregou os calcanhares com pedra-pomes. De vez em



quando deixava escapar longas exclamações de prazer.

– Estava mesmo, mesmo a precisar disto.

Giulia comparava o único mamilo da mãe, granuloso e bem destacado sobre a aréola clara, com as suas, achatadas, com uma minúscula cabecinha de carne ao centro.

– Quando eras pequena, aquecias panelas de água no fogão?

– Sim, era o que fazíamos. E pelo menos três pessoas usavam a mesma água, tirávamos à sorte para ver quem iria primeiro.

– Também te vais divorciar do pai?

Luisa escancarou os olhos e Giulia encolheu os ombros.

– Não, não me parece.

– Porquê?

– Porque ainda o amo.

– A avó diz que não deixam entrar os divorciados na igreja.

– É possível, sim.

– Então não te podes divorciar mesmo.

– Pois. Ainda bem que não quero, não é?

– A Palmina não vai poder entrar mais na igreja?

– Ainda vão passar muitos anos até o divórcio ser oficial. Enquanto não for, ela pode ir à igreja, e até comungar.

– E quando for?

– Parece-me que não lhe interessa.

– Mas depois, no funeral, como é que vão dizer missa por ela?

– Não sei. Vais ver que a igreja não lhe vai negar o funeral. Estás preocupada com isso?

Giulia ficou a pensar, enquanto agarrava a espuma com as mãos e a punha à volta do queixo como uma barba brilhante.

– Não.

– Ótimo. Vira-te, vamos, eu lavo-te as costas.

Fez-lhe algumas cócegas, depois saiu primeiro, foi-lhe buscar o roupão aberto e apertou-lhe o cinto em volta da cintura.

Mais tarde, na cama, encontrou Anselmo voltado de costas, entrincheirado do seu lado, numa posição que equivalia a uma recriminação. E, de facto, assim que ela se deitou, ele começou a desbobinar: o desperdício de água, o horário, a escola no dia seguinte, o sono perdido, os maus hábitos. Luisa abriu a caixinha em que guardava os tampões de ouvidos e, enquanto ele continuava a falar, sempre de costas para ela, colocou-os e fechou os olhos. Mas mesmo em silêncio percebia que o marido continuava a murmurar, percebia-o pela tensão do lençol e os abanões do colchão.

Quando Anselmo finalmente adormeceu, Luisa debruçou-se sobre ele na penumbra. Da camisola de alças canelada brotavam os pelos macios do peito que ela gostava de acariciar e que Corrado puxava para começar o jogo da luta. O longo corpo abandonado ao sono emitia calor. Anselmo era três anos mais novo do que ela e isso sempre a tranquilizou: durante a guerra, era um

rapazinho e não tinha tido tempo de fazer nada de mal.

Luisa levantou-se e foi para a cozinha. No frigorífico encontrou sobras de batatas assadas, que começou a comer sentada no escuro. O desaparecimento de Silvia, Palmina com os seus planos de fuga, a sua própria juventude, o seu casamento e o trabalho na fábrica, as doenças, as recuperações no hospital, as curas, os nascimentos: aquele coro, aparentemente dissonante, de acontecimentos respondia a uma harmonia secreta que ela tentava nomear, como quando se quer cantar uma canção que se está a ouvir dentro da cabeça mas não somos capazes de entoar em voz alta. Uma espécie de cola mantinha unidos os pedaços da sua vida, um pressuposto, o mesmo que a impedia de atirar com os pratos quando Anselmo a importunava. Luisa tentava formulá-lo claramente para si própria, enquanto mastigava batatas frias e observava as montanhas negras serrilhadas ficarem cinzentas e brancas nos pontos onde a lua cortava as nuvens e iluminava a neve que caía em altitude.

O que te mantém de pé, pensava. Era o sentido do dever. Tinha sido assim ensinada – por quem? Por todos, por tudo: o exemplo, a religião, os entes queridos – de que era preciso fazer as coisas como deve ser, fazer as coisas certas, ir andando. «Como estás?» «Vai-se andando», uma resposta mecânica, mas perfeitamente verdadeira. Ir andando era um preceito moral, porque a vida é um carrinho que temos de puxar, é um trabalho que devemos levar até ao fim. Quando estiveres cansada, persevera. Quando sofreres, aguenta. Quando te apetecer ir, fica. A diligência como antídoto para a infelicidade. Não que Luisa não tivesse sido feliz, tinha-o sido muitas vezes. As suas alegrias tinham provindo justamente do seu perseverar, do suportar e do permanecer. Depois da morte do seu primeiro namorado, tinha-se casado. Depois da morte do seu primeiro filho, Giulia e Corrado nasceram. Tinha tido uma vida inteira de segundas tentativas. De ressurreições, como uma vez lhe dissera a irmã Annangela.

Veio-lhe à memória a cara de Silvia quando foi visitá-la ao hospital após o primeiro parto, o seu rosto inexpressivo que tinha permitido a Luisa descansar sobre aquele olhar. Sentou-se na cadeira das visitas depois de a orientar três quartos em direção à janela, e ficou ali durante muito tempo, com os tornozelos enclavinados nas pernas de aço. Em silêncio como se estivesse num velório – que, na verdade, estava. Só Silvia não tentara consolá-la nem pôr-se a adivinhar, observando-a, se iria conseguir superar a perda do filho.

Luisa estava convencida de que durante o trabalho de parto conseguiria não gritar, e afinal gritara, enquanto o seu corpo se comportava de forma incomensurável em relação a tudo o que conhecia dele e grupos de músculos que nunca usara se contraíam para abrir espaço para a cabeça do bebé e o empurravam para fora do seu útero, onde estivera contido durante muitos meses.

Sentia um cheiro adocicado, a camarão cozido com casca, e das pernas só conseguia sentir se estavam abertas numa direção ou noutra, rígidas como paus, enquanto lhas manuseavam e dobravam. O líquido amniótico saía em golfadas regulares e, já para o fim, tingira-se de cor-de-rosa, e depois de vermelho. Nesse momento, uma coisa dura havia forçado a entrada da pélvis, acompanhada por uma sensação de queimadura, como se de uma ferida aberta se tratasse. Sozinhos, sem que ela fosse capaz de fazer quase nada, os seus músculos empurravam e tentavam fazê-lo sair no empurrão.

Só tinha parado de gritar porque lho haviam ordenado, disseram-lhe que precisava de concentrar as energias. Ela rangeu os dentes e gemeu. Já no final, vomitou a água que tinha bebido. A parteira passava e repassava um dedo ao longo dos lábios esticados como uma pele de tambor e dizia que já via o cabelo do bebé. «É negro asa de corvo.» Na contração seguinte, uma breve queimadura precedera o primeiro verdadeiro alívio das últimas dezasseis horas: a cabeça tinha saído. Depois disso, Luisa permitira-se recordar os nascimentos em casa dos seus familiares, sem máquinas nem desinfetante à descrição, os candeeiros de petróleo acesos toda a noite, as bacias de estanho e as avalanches de lençóis para lavar à mão no dia seguinte.

Achou que estava feito, o resto do menino saía com um deslizar de grande peixe e nem tinha dado conta da placenta: tinham-lha mostrado e ela pensou que a coisa mais próxima do parto que tinha experimentado era o balcão do talho, carnes rosadas e húmidas, lombos e quartos, pequenos órgãos como inflorescências viscosas. Abandonara-se nas almofadas e esperara que lhe devolvessem o filho limpo e enfaixado. Só que o menino não respirava. Talvez fosse o coração, talvez um problema metabólico, os pulmões malformados.

Anselmo abraçara-a com força e chorara, ela não conseguia capacitar-se de que tinha de fazer parar aquele comboio de amor, células a germinar, cansaço, imaginação, vômitos, preparativos, ligamentos afrouxados para dar lugar a uma pessoa pequenina que existia realmente e tinha sobranceiras, unhas, o nome que escolheram para ele e um minúsculo rabinho azul, vislumbrado por ela quando ainda estava vivo.

Durante muito tempo, Luisa tinha continuado a sentir os soluços do bebé: toques regulares à altura do umbigo. Não tinha coragem de voltar a tentar, mas também não tinha coragem de se esquivar a isso. Noite e dia, fantasiava tornar-se freira. Naquela época tinha invejado Silvia dentro da sua carapaça, livre e sozinha, um pouco triste talvez, mas pelo menos não apavorada, não grávida. Silvia tinha pensado a mesma coisa, tinham-no confessado uma à outra anos depois: mas quem é que me obriga, mas quem é que a obriga?

– E, afinal, agora olha – acrescentara Silvia – que filhos lindos que tu tens.

– Sim, acabou por correr bem.

– Eu não teria conseguido.

Durante o nascimento de Giulia, Luisa queria ser anestesiada, deixá-los extraí-la sem que ela soubesse, e afinal repetiu-se tudo de novo, mas a menina lançara imediatamente os seus balidos de animalzinho irritado, gordo e bonito, coberto pelo sebo branco dos recém-nascidos, as bochechas inchadas como gaitas-de-foles. Tinha crescido, estava prestes a tornar-se uma rapariga. Silvia partira, morta ou viva, decidira deixá-los. Luisa estava sentada na cozinha à noite, tentava ver-se pelos olhos da filha e perguntou-se o que lhe estaria a ensinar.

Na tarde do dia seguinte, sexta-feira, Giulia embriagou-se em casa com a amiga Angela. Tinham regressado da escola com a ideia de fazerem rapidamente os trabalhos de casa, para depois se dedicarem a copiar e ilustrar, uma no diário secreto da outra, fechados a cadeado, certas frases da moda entre as raparigas da turma: «As melhores amigas são irmãs escolhidas por ti (Eustache Deschamps)», «Não te esqueças de quem amas, diz o alecrim / E como ele eu peço: não te esqueças de mim! (Anónimo)».

Ambas tinham uma grande constipação, o nariz entupido e as maçãs do rosto doridas, por isso, antes de começarem a fazer os trabalhos, decidiram preparar duas chávenas de leite morno com um cheirinho de aguardente, como os adultos geralmente lhes faziam. Só que não sabiam dosar o cheirinho, tinha de ser uma lágrima e nas suas mãos tinha-se tornado um copinho. Ao fim de dez minutos, riam-se em cima dos cadernos, sem se preocuparem com os borrões de tinta e até mesmo entusiasmadas com a sua caligrafia cada vez mais distorcida e irregular.

Saltaram para o sofá e Ângela propôs fingir que era Martino. Giulia tinha de a beijar, insistia ela, nos lábios e como deve ser, e Giulia gozava com ela e esquivava-se, gotas de saliva escapavam-lhe da boca. Ambas eram magras e pequenas, os ossos dos cotovelos e dos joelhos, do esterno e da púbis colidiam uns com os outros. Foi nesse estado que Gemma as encontrou, ao voltar para casa com Corrado, que se atirou para o meio da briga com entusiasmo.

Enquanto isso, Gemma cheirava os copos vazios e torcia o nariz. As meninas tinham as faces vermelhas, as orelhas a ferver e debatiam-se para escaparem aos pontapés do pequeno. A avó veio em auxílio delas, puxando Corrado e conseguindo tirar-lhe os sapatos, depois ordenou a Giulia e a Angela que se levantassem. Elas cambalearam e riram e tentaram explicar com cómicas vozes arrastadas que só tinham bebido o leite com cheirinho, como de costume. Giulia perguntou à amiga se ela também via os desenhos do tapete a mexerem-se como vermes; Angela pôs-se a olhar para baixo, toda concentrada e curvada, e depois de alguns segundos anunciou que sim, que também os via. Por pouco, o entusiasmo não a fez cair de pernas para o ar.

Gemma estava a divertir-se e não tentava escondê-lo. Empurrou-as para a casa de banho, lavou-lhes as mãos, as caras e os pescoços, enquanto as garotas se acotovelavam, grunhiam e se agarravam à borda do lavatório para se manterem de pé. Como as camisas delas ficaram encharcadas, vestiu a ambas roupas secas de Giulia. Fê-las comer muito pão e beber muita água e, em seguida, telefonou para o pai de Angela, para ele a vir buscar.

Era a primeira vez, desde que Silvia desaparecera, que algo semelhante a bom humor brotava no peito de Gemma. Gostava de ter feito os trabalhos de casa de Giulia, mas só tinha a terceira classe, só conseguia ler murmurando os sons e fazer contas com uma técnica mista, heterodoxa, por decomposição e aproximação. Pôs Corrado a afixar cartõezinhos e palitos num painel de cortiça e ajudou Giulia coçando-lhe as costas e afastando a mosca que insistia em pousar na sua cabeça tombada.

Martino passou aquelas mesmas horas na cabana no meio do bosque.

Durante toda a manhã, na escola, tinha inventado frases para dizer a Giulia, mas não tinha sido capaz de pronunciar nem uma. Era impressionante o quanto a presença dela o tornava desajeitado e como não lhe era suficiente ter consciência disso para recuperar o sangue-frio. As mãos, por exemplo: bastava-lhe suspeitar que Giulia estava a olhar para ele e as suas mãos transformavam-se em duas pás mecânicas, completamente impróprias para a mobilidade fina, como apertar os atacadores dos sapatos ou tirar o afia do estojo e afiar um lápis. O seu cérebro, no painel de controle, tentava desesperadamente manobrar as pás, mas o nó dos atacadores saía lento e torcido, o afia caía ao chão e um pé, também ele desajeitado, chutava-o para longe sem querer.

Além disso, havia o segredo que o embaraçava. Às vezes esquecia-o durante algum tempo, outras vezes ficava impaciente, mas na maior parte do tempo parecia-lhe que poderia guardá-lo para sempre. Não era verdade, porque a professora dependia dele e isso era um fardo impossível de suportar por muito tempo.

Lea deixara-o sair com a promessa solene de que não se aventuraria longe de casa, e ele subira a colina sem perder um minuto.

Apesar da comida, da água e dos cobertores, a professora tinha uma aparência cada vez mais doentia: a pele das bochechas pendia sob as maçãs do rosto e tinha círculos arroxeados a cercarem-lhe os olhos. Falar com ela, no entanto, tinha-se tornado fácil, muito mais fácil do que falar com Giulia.

– O que fizeste hoje? – perguntou-lhe, ao que ele não se conteve de falar de Giulia e confessar que se tornaram amigos, mais ou menos.

Silvia pareceu não reagir. Tinha uma expressão suave e ligeiramente apalermada.

– Porque não volta para trás? – arriscou perguntar Martino.

– Tenho medo.

– Medo de quê?

– De ser a culpada.

– Mas ninguém pensa isso.

– Mas é o que eu sinto. Em consciência.

Martino ficou em silêncio. Estava a pensar.

– Como alguém que te está a vigiar por dentro – acrescentou ela, para explicar o que era a consciência.

– Uma professora.

O olhar de Silvia abandonou a pasta de lama que tinha nos sapatos e a saia empoeirada.

– Sim, uma professora – disse.



Ao crepúsculo, o ar estava límpido e frio, uma geada de estrelas aclarava o céu e a brisa soprava para dentro da cabana as folhas secas e o cheiro dos cíclames. Silvia falava de novo sozinha. Na realidade, algumas coisas eram só pensadas.

*O pai batia-lhe. Anselmo também era espancado em criança. No internato batiam-nos. O que havia então de diferente? Havia a Giovanna.*

Sentiu o rosto molhado, e a ideia de um pranto libertador horrorizou-a. Enxugou-se arranhando-se com os dedos, depois passou em revista os objetos que Martino lhe trouxera: a garrafa de água, os cobertores, o número da *História do Oeste*, o pão que ainda não tinha comido, o chocolate. Abriu a revista aos quadradinhos. Tinha tentado ler aquelas histórias de bisontes e peles vermelhas: os Dakotas, os Corvos, os Narizes Ocos. A escrita em letras maiúsculas muito próximas e esmagadas dava-lhe dores de cabeça e ela não sentia o encanto dos galopes e das rajadas de chumbo quente que varriam os índios para longe da paliçada do forte. Mas a questão era outra: aquelas coisas pertenciam a Martino, e ela sopesava-as delicadamente, como se fossem pêssegos a escolher no mercado, com todo o cuidado para não os pisar.

Martino arriscava-se a ser repreendido, posto de castigo, tanto quanto sabia até espancado. Se outra pessoa a descobrisse, encontraria todas as provisões, e ela nunca se tinha preocupado com isso. *Que estúpida que és, Silvia.*

Como nunca tinha sonhado que Giovanna pudesse saltar para o ribeiro, por um momento ficou na dúvida se Martino, uma vez descoberto, não poderia fazer o mesmo. Não acreditou nisso, porque mesmo ela, no seu isolamento e no seu estado, conseguia achar impossível uma coisa do género, *uma outra* coisa do género, mas ainda assim sentiu muitos remorsos, e foi o primeiro sentimento vivo e agudo não relacionado com Giovanna que experimentou desde que lera a notícia no jornal, uma manhã, alguns dias antes.

Quantos, não fazia ideia. Não sabia desde quando se estava a aproveitar da criança e depois tentou calcular através da comida: o que me trouxe ele para comer? Pão, manteiga e açúcar, salame, outro pão, talvez queijo a certa

altura. Conversámos sobre cães e o que me tinha ele trazido naquele dia? Bolo, não, maçãs. Tentou recapitular durante muito tempo, mas não chegou a conclusão nenhuma.

Debaixo do chuveiro, Lea esfoliou as coxas durante bastante tempo com a luva de crina e depilou as pernas e as axilas, passando e repassando a lâmina sobre a pele escorregadia de gel de banho. Usou o ferro de frisar para fixar as madeixas e maquilhou os olhos com sombra azul e rímel. Finalmente, toda aperaltada, começou a limpar a casa.

Martino estava um feixe de nervos e desaparecera assim que o pequeno-almoço terminou. Tinha conseguido arrancar-lhe apenas o nome da sua tão esperada companheira: Giulia.

Gianni passou para deixar as chaves do carro e Lea ainda não sabia se iria usá-las. Ela estava a lavar os legumes que acabara de apanhar e enxugou as mãos à saia, como se não se importasse de a molhar. Parecia-lhe sentir o cheio acre do suor sob o perfume e tinha certeza de que Gianni tinha notado o cabelo, a blusa branca ajustada à cintura pelo cinto e também o risco de se sujar que corria, ao fazer aquele trabalho naqueles trajes.

– Queres que separe algumas alcachofras para ti? – perguntou ela.

– Obrigado. O Martino?

– Saiu. Está à espera da sua amiga Giulia. A sua Pérola de Labuan<sup>[15]</sup>, temo bem.

Gianni riu e as cicatrizes das suas bochechas ficaram arrepanhadas. Uma mecha de cabelo, dura com brilhantina, escapara à disciplina do pente e estava espetada a meio da cabeça como uma antena.

– Mas é a filha do Anselmo Rosso. Eu também estou à espera deles, estão atrasados, já deviam estar cá há duas horas. Hoje vamos bater as margens do Quargnasca.

– Como é possível que ainda não se saiba nada? Já passaram uns dez dias.

– Não faço ideia. Ao menos o corpo tem de estar num sítio qualquer.

Ela estendeu-lhe um saco com as alcachofras já aparadas.

– Sabias que em inglês alcachofra se diz como nós cá? É exatamente igual.

– *Articioc*?

– *Artichoke*, a, erre, tê, i, câ, agá, o, capa, e.

– Imagina...

– Acho que tem a ver com o árabe. Bem, Lea, não vou precisar do carro, fica com ele até amanhã.

– Mas sabes que amanhã vamos de comboio para Turim.

– Sei. Deixa-o na estação, assim, à noite, quando voltarem, já o têm lá.

Depois, Lea acreditou durante algum tempo que não iria sair. Cozinhou qualquer coisa e deu um passeio pela estrada à procura de Martino. Quando ele a viu, veio ao seu encontro:

– Vais para Biella?

– Porquê?

– Estás toda elegante.

– Vou, sim – respondeu ela –, mas não demoro. Em casa tens comida feita. Ainda não apareceu a Giulia?

Ele lançou-lhe um olhar de esguelha.

– Estou a perguntar porque o Gianni também está à espera deles. Quando chegarem, vocês os dois podem ir lá para casa. Mostra-lhe o teu quarto.

Martino acenou com a cabeça, distraído, e Lea voltou para trás. Estava sem fôlego, sentia-se uma fraude ambulante.

No carro, abriu as janelas para deixar entrar o frio e arejar o cheiro a cigarros e água-de-colónia *Vetiver*. Buzinou a Martino, de pé na beira da estrada, e enquanto guiava voltou a sentir-se calma. Cruzou-se com mulheres que iam às compras e com um rapaz de cabelos encaracolados e calças muito curtas, pelos tornozelos. No céu, um bando de estorninhos contraía-se e dilatava-se como um acordeão, uma nebulosa de fuligem animada com vida própria.

Chegada à cidade, estacionou perto da escola, mas não na rua do professor, e antes de sair do carro verificou outra vez a maquilhagem e o cabelo no espelho retrovisor. Quando dobrou a esquina, viu que a bicicleta estava no seu lugar, na varanda com o corrimão azul.

---

[15] Cognome de Lady Marianna Guillonk, a amada de Sandokan. [N. da T.]

Um reformado que andava aos cogumelos tinha encontrado a mala por volta das seis da manhã, enterrada sob uma camada de ouriços na margem esquerda do Cervo. Tinha os cadernos ensopados, o estojo das canetas, a carteira com todos os documentos, as chaves, os comprimidos para a garganta. Nenhum jornal – quem sabe onde teria ido parar, rasgado pelo vento e derretido pela chuva. Em relação à casa da professora, a direção era, *grosso modo*, a da aldeia.

Anselmo correu para o local juntamente com os bombeiros. Mas não encontraram mais vestígios, os dias tinham passado e não se podia ter a certeza se a professora tinha seguido naquela direção ou se tinha ido para outro sítio, por exemplo, apanhar o comboio. Nem mesmo os cães, postos a trabalhar, cheiraram nada. Ainda assim, expandiram a busca e perderam nela toda a manhã, após o que Anselmo decidiu que valia a pena tentar em Bioglio, como previsto. Então, ele e Luisa, Gemma, Giulia e Corrado chegaram lá só à hora do almoço. Estacionaram no quintal de um parente e Anselmo saiu para ir ao encontro da equipe, apressado, mas já exausto e com bolhas nos calcanhares.

Alguns metros abaixo da estrada, a meia altura na margem íngreme e sombria, dois rapazes lutavam. Anselmo lançou um grito, mas foi inútil. Um dos dois era mais pequeno, tinha um pescoço de galito magro a sair do casaco todo torcido; o outro, forte, de cabelo crespo, esmagava-o contra o chão e dava-lhe joelhadas no estômago. Em quatro saltos, Anselmo alcançou-os, pôs as mãos em cima do grande e levantou-o em peso.

O Chefe gritava: «Ei, ei!», mas, quando reconheceu Anselmo, calou-se. Ele conhecia aquele homem e, sobretudo, aquele homem conhecia a sua mãe e o seu pai. Estava a ajudar o Turim a sentar-se, enquanto aquele tossia e ofegava. Afinal, não parecia ter ficado assim tão mal, além do soco que lhe esmagara os lábios contra os dentes. Estava a olhá-lo fixamente de baixo, com os olhos a brilharem de ódio, os punhos cerrados e a boca inchada e com manchas de sangue. O Chefe pensou que o Turim ia começar a chorar, mas em vez disso ele tirou o inalador do bolso e aspirou avidamente o jato daquela coisa. Portanto, era verdade que o meia-leca também era deficiente, constatou

o Chefe.

Anselmo ajudou o rapaz a pôr-se de pé, pôs-lhe uma mão no ombro e começou com o interrogatório, que ambos os rivais refutaram com olhares e vozes baixas, respostas vagas e, na sua opinião, dignas.

– És mesmo um velhaco, Walter, quero ver o que o teu pai pensa disto. Podes ter a certeza de que lhe vou contar – ameaçou Anselmo. Depois, virou-se para Martino: – E tu, gira para casa. Diz à tua mãe que te ponha gelo.

– A minha mãe saiu.

– Raios parta... Vocês os dois estão a fazer-me perder tempo demais. Anda, eu levo-te à minha mulher. Sai do caminho, Walter – ordenou ele, e partiu, arrastando Martino atrás, sem parar até que bateu a uma porta, e voltou a bater ao fim de alguns segundos. Correu a abrir uma senhora com quem Martino já se cruzara de vez em quando, com uma carinha afilada e enormes óculos redondos.

Anselmo empurrou-o lá para dentro.

– Bateram-lhe. Precisa de gelo e talvez uma coisa doce para beber. E tem falta de ar. Tratem-me lá dele.

– O filho da Lea de Turim, certo? Isto está uma desgraça. – A mulher levantou o queixo e examinou o hematoma do lábio por trás daquelas suas lentes desproporcionais. Martino pensava que era a mulher do homenzarrão, mas então ela disse: – Olha, Luisa, olha o que Anselmo nos trouxe – e conduziu-o para a cozinha, e na cozinha, sentada à mesa, estava Giulia, que arregalou os olhos e abriu a boca, como num livro aos quadradinhos, e entretanto Martino ligava os pontos dentro da cabeça: o enorme Anselmo era o pai da Giulia, a mulher morena e imponente devia ser sua mãe e o miúdo que mergulhava o pão na água e a entornava na toalha de mesa poderia ser irmão dela.

– Martino? – exclamou Giulia. E a partir daí as explicações sucederam-se. Giulia e Martino eram colegas de turma; a mulher mais velha, magra e direita como um fuso, era a avó de Giulia; alguém tinha encontrado a mala de Silvia; Anselmo e os outros estavam prestes a bater as margens do Quargnasca; Martino tinha andado à pancada com um mais velho, Walter, que foi identificado como filho de gente muito conhecida («Um prepotente desde pequeno», explicou Gemma). A mãe de Martino tinha ido à cidade com o carro de Gianni para fazer qualquer coisa que ele não sabia dizer, uma incumbência com certeza.

O que Martino teve o cuidado de não revelar foi que ele tinha andado para trás e para diante na estrada principal durante horas, para ter certeza de que não se desencontrava de Giulia, e assim dera de caras com o Chefe. Tentara escapar, mas desta vez o outro não se deixou surpreender, tinha-o alcançado e pescado pela lapela do casaco. Quase o sufocara enquanto o arrastava pela arriba, com as pedras a martelarem-lhe contra o sacro e os pulmões que não ficavam atrás do galope do coração. Naquele momento, no entanto, pareceu-lhe que valera a pena, porque o seu embaraço podia passar

pelo comportamento de um pugilista vencido, mas com honra, e Giulia deixava escapar certos olhares rasos de admiração muda, como lâminas de sol filtradas através de uma persiana semicerrada.

Luisa deu-lhe um copo de *Ovomaltine* para beber e tratou o lábio com gelo e pomada antisséptica.

Giulia tinha saído para o jardim e Martino, hesitando e demorando-se junto à porta envidraçada, nas escadas externas e, finalmente, em frente ao portão, juntou-se a ela. Ficou de pé no meio da última floração amarela do tupinambor.

– Vamos à capela – propôs.

O professor atendeu imediatamente o intercomunicador e Lea disse o nome. Houve uma pausa bastante longa. Depois disso, ele repetiu o nome dela como se não pudesse acreditar no que ouvira. Isso irritou-a – então, se me irrita com esta facilidade, talvez não esteja afinal assim tão convencida, pensou ela.

– Incomodo?

– Não, claro que não. Eu é que não estava à espera... Terceiro andar.

Quando saiu do elevador, encontrou-o a aguardá-la à porta. Ele já não parecia perplexo, mas também não parecia disposto a atalhar as formalidades e a saltar para o que interessava. Ofereceu-lhe café e *canestrelli*. Até conversaram, de maneira negligente, porque estavam ambos distraídos por aquilo que estavam a fazer acontecer.

– Está um elefante na sala – disse ela.

– Bem, pois está. Estás tu.

– Muito obrigada.

Então beijaram-se. Ela não o conhecia e toda a estranheza veio ao de cima naquele primeiro beijo, mas não ficou surpreendida, já estava à espera disso. Ele esforçou-se demais. Estava pouco à vontade e tentava fazê-la perceber o quanto lhe agradava exagerando: agarrava-lhe a nuca com a sua grande mão, passava-lhe os lábios pelas bochechas até ao pescoço como se a boca dela não tivesse contornos e iniciativa.

Alguém tocou à campainha; não da porta do prédio, mas daquele piso.

– Deve ser a vizinha, às vezes ao fim de semana traz-me o almoço. Já volto.

Encostou a porta e foi abrir. Ouviu-o falar com uma mulher e tinha uma voz cordial, não parecia agitado, nem ter pressa. Veio mostrar-lhe a caixa de alumínio perlada de vapor com crepes quentes lá dentro.

– Mais tarde podemos ter fome – disse.

Lea levantou-se.

– Não sei o que me está a dar, mas talvez seja melhor eu ir.

– Porquê? – Agora ele estava realmente perplexo.

– Razões não faltam.



– Já não faltavam quando cá chegaste.  
– Tens razão. Só tenho de pensar melhor nelas.  
– Foi alguma coisa que eu disse?  
– Não.  
– Alguma coisa que eu fiz?  
– Não, de forma alguma. A interrupção, talvez. Deu-me tempo para me ver de fora.

– Estás bem?  
– Estou, estou bem. Desculpa. Vim para cá como um ciclone e agora vou-me embora.

– Eu estava a começar a habituar-me à ideia.

– Pois.

Pegou na mala.

– Estou apresentável?

– Muitíssimo.

– Ótimo, então.

Ele acompanhou-a então até à porta e chamou o elevador enquanto ela esperava no pequeno *hall* desarrumado.

– Tens medo de que os vizinhos me vejam?

– Não, não sou casado.

– Pois não, na verdade não és.

Ela deu-lhe um beijo ao de leve na barba negra e voltou a ter vontade de o apertar.

– Tens mesmo a certeza? – perguntou ele, segurando-a pelo cotovelo.

– Tenho. Desculpa.

– De acordo.

– Mas pode ser que volte.

– Sempre que queiras.

Já na rua, Lea olhou para cima e viu não o professor, mas a cabeça grisalha de uma mulher mais velha a espreitar entre as cortinas do segundo andar. Fez um gesto de cumprimento com a mão e a cabeça desapareceu.

Giulia tinha arranjado um pau e batia com ele contra as pedras «por causa das víboras, embora elas talvez já estejam a hibernar». Ela era ágil, os tendões pareciam cordas esticadas sob a pele das barrigas das pernas e Martino lutava para a conseguir acompanhar. Na capelinha, lado a lado, responderam ao olhar fixo e vagamente atónito de Nossa Senhora e do Menino.

– Mas porque é que eles são negros?

– Resumindo: esta é a Madona de Oropa, que na verdade é uma estátua de madeira. Nunca foste ao santuário?

– Não.

– É lá em cima, nas montanhas. Dentro da igreja está a Madona Negra. Mas não sei bem porque a fizeram negra. Também há um bloco errático.

– Aquelas rochas arrastadas pelos glaciares?

– Isso mesmo! Os celtas adoravam-nos. Até ao século xix, as mulheres que queriam um filho iam à igreja para se sentarem na pedra, porque acreditavam que lhes trazia boa sorte. Foi a minha mãe que me contou. – Giulia estava toda empolgada com as suas próprias explicações. – Vamos lá, vamos subir – disse ela, cheia de pressa.

– Não, não, vá lá... – atalhou Martino. – Não queres antes ir ver as cabras da Maria?

– Eu não gosto dela. Mata os animais de toda a gente.

– Mas tu comes frango e coelho. – A ansiedade tornara-o desagradável.

– Mas já estão mortos. Não era capaz de os matar com as minhas próprias mãos. Ouve, eu quero ir lá acima. Tu, se não quiseres, não venhas.

– Não! Não vou mesmo! Tenho asma.

– Ah.

– Não posso. Desculpa. – A vergonha invadiu-o. Para proteger o segredo, teve de passar por um inútil, aquele que não só levou uma tarefa como não era capaz de subir uma colina.

– Tudo bem, encontramos-nos mais tarde – combinou ela.

– Giulia.

– Que é?

– Queres ver o meu quarto?

– Quero, claro. Espera lá por mim, eu peço para me indicarem qual é a casa. O sítio onde os cabritos-monteses dormem é praticamente lá em cima, e eu quero descobri-lo. Acho que também ias gostar, é pena a asma.

– Está bem, então tchau – disse ele com uma voz triste, e começou a descer a um ritmo exageradamente acelerado. Se Giulia encontrasse Silvia, iria odiá-lo para sempre. Mas talvez as coisas que ele levou passassem despercebidas, pelo menos no início. Bolas, a *História do Oeste* não passava de certeza. Raios partam.

Ouviu um som de erva remexida atrás de si, voltou-se e viu Giulia a correr para o alcançar. Os cabelos ondulavam-lhe em torno do rosto.

– Mudei de ideias.

Esboçaram os dois um sorriso desajeitado pela timidez.

Enquanto seguiam em direção à aldeia, Martino fez de maneira a roçar a sua mão pela de Giulia, como que por acaso, dedos contra dedos. Apetecia-lhe começar a assobiar.

Pouco depois, no entanto, o seu quarto com ela lá dentro pareceu-lhe despido e cheio de pormenores embaraçosos, à mercê de sabe-se lá que julgamento; era como se ele se tivesse posto em cuecas. Mostrou-lhe os seus livros de banda desenhada e Giulia deu mostras de gostar, apesar de armas, assassinos e mares tempestuosos serem coisas de rapazes.

– É bom, este Hugo Pratt, mas que nome tão estranho – comentou.

– É um nome artístico, o pai dele era inglês, acho eu.

Ela parecia estar interessada apenas no desenho. Traçava as figuras com o dedo indicador como se quisesse aprender a fazê-las.

– Dois traços, *zac zac* – murmurou. Em seguida, acrescentou: – Mas porque faz ele as testas tão salientes e os olhos tão afundados, um pouco como macacos... Eu, quando desenho, gosto de fazer testas arredondadas.

Martino ficou ofendido, sentiu-se picado. Criticar as testas de Hugo Pratt parecia-lhe decididamente presunçoso.

– Os anjinhos é que têm testas arredondadas – disse ele com desprezo.

– E então?

Improvizou com o que lhe veio à cabeça:

– E então isto são histórias de guerra! De piratas!

– Tens razão – admitiu ela, apanhando-o desprevenido. – Tem lógica, tem de se adaptar o estilo.

Não sabiam o que dizer mais um ao outro, entre eles havia um embaraço que não conseguiam dissipar de uma vez por todas; Martino voltou a mencionar a professora, como se quisesse quase ser descoberto. A língua bate onde o dente dói: Lea, a sua mãe, dizia sempre isso.

Sentada na cama, Giulia confessou-lhe uma coisa importante, ou seja, que já não se iludia: Silvia estava morta, já não se esperava que ela voltasse e ela tentava aceitar. Martino não percebeu. Queria que ela continuasse à espera e tentou convencê-la. A professora ainda estava viva, claro, com certeza, e

continuou a insistir, teimosamente, até que Giulia se irritou.

– Para com isso.

– Mas eu acredito mesmo.

– Estás a dizer isso só por dizer, para seres simpático.

– Não, não estou.

– Então achas que alguém pode andar por aí dias e dias, sem ser encontrado? Sozinho, sem dinheiro, sem a mala? Também ouviste que eles encontraram a mala com tudo lá dentro. Até a carteira. O que achas tu que ela come? Ar frito?

– Talvez alguém...

– Para!

Tinha uns olhos desvairados que o silenciaram imediatamente. Foi-se embora sem sequer se despedir.

Já não sobrava muito da tarde. Martino ficou estarelecido por um momento, mas rapidamente se recompôs: numa fúria, pegou em água, pão e num frasco quase vazio de compota e saiu a correr. A dor latejava-lhe outra vez no lábio ferido e ele tremia de raiva e frustração. Batia propositadamente com a pasta no chão e contra as árvores. Nem deu tempo a Silvia para lhe perguntar sobre o hematoma e, pela primeira vez, falou sem qualquer consideração e sem medo.

– Estão à sua procura ao longo da ribeira, o Anselmo, o Gianni e outros que eu não conheço. Eu estive com a Giulia na capelinha e ela queria subir para vir procurar o sítio onde os cabritos dormem, mesmo aqui em baixo, mas eu convenci-a a não vir. Ela até se zangou. E antes disso andei à pancada com um maior do que eu. A minha mãe ainda não voltou. E a senhora está aqui parada como se não se importasse com nada.

– Desde quando?

– Como? – Martino franziu a testa.

– Não sei há quanto tempo estou aqui.

– Eu encontrei-a há uma semana, acho. Mas está desaparecida há mais tempo.

A professora tinha os cabelos empastados, tinha-se embrulhado nos cobertores e segurava-os contra o peito com mãos de cinza. O olhar, no entanto, estava límpido, como se ela tivesse acabado de lavar o azul dos olhos. Estendeu um braço e com o dedo indicador tocou no tecido das calças de Martino, à altura do joelho.

– Eu vou voltar, prometo-te.

– Já me disse isso uma vez.

Silvia assentiu.

– E quando? – insistiu.

– Muito em breve.

– Agora?

– Agora não, mas muito em breve.

Martino estava cauteloso.

– Ainda se sente mal? – perguntou.

- Aquela menina, a Giovanna. Eu gostava muito dela.
- Mas pensar nas pessoas que morreram e sofrer por elas é uma coisa que acontece a todos.
- Pois é – admitiu ela.
- A Giulia, por exemplo, acredita que está morta. Mas não está. Afinal, a professora é uma pessoa viva.

A professora calou-se e Martino não soube interpretar o seu silêncio. Tentou imaginar o que a sua mãe diria em tal situação, mas não conseguiu; quanto mais pensava nisso, mais lhe parecia que se tratava de escolher entre mortos e vivos, a quem dar mais importância; ele estava certo de que era necessário olhar pelos vivos e, portanto, no caso da professora, voltar para eles, mas não conseguia explicar porquê, era mais um sentimento do que um raciocínio, e estar ali a remoer isso levou-o a querer um jantar quente e uma boa noite de sono, por isso acabou por se despedir e ir-se embora.

Nos primeiros dias, enquanto procuravam, tinham chamado por ela em voz alta, na esperança de serem ouvidos, e ataçavam os cães para continuarem a busca quando eles voltavam para trás e lhes esfregavam o focinho nas palmas das mãos. Agora deixavam-nos livres para divagarem, não gritavam e falavam uns com os outros o mínimo possível. Estava lá a Sandra, com ténis nos pés e um xaile de lã amarrado atrás das costas, e a Maria Mata-Sete, que engolia em seco e segurava as costelas com a mão, sem os deixar ajudá-la. Estavam o Renzo, o Bruno, o Serafino e todos aqueles que tinham sido crianças e jovens juntos, com quem tinham brincado às escondidas e lutado ao longo do Quargnasca. A irmã Annangela e Marilena fechavam a expedição, tinham chegado no *Cinquecento* e nas horas anteriores haviam vasculhado, sozinhas, as caves em desuso e as ruínas da aldeia.

A irmã Annangela, com as suas perninhas curtas, dava a volta aos troncos e arbustos que Anselmo havia ultrapassado e pisado sem sequer reparar. Ali a dois passos de distância, a água exalava um cheiro frio a metal e a anis, mas às vezes também cheirava a cera, a fibras postas de molho e a sêmola doce. Os ramos partidos do sabugueiro tinham à vista a sua medula branca. Pareciam osso leves, de pássaros, e despertaram qualquer coisa na memória de Marilena, palavras que remontavam às histórias que lia com Silvia no colégio. Assim, quando reconheceu, entre os fetos, a tampa de um caixão, pensou que estava a imaginar coisas.

Fez com a mão um sinal frenético à irmã Annangela, mas a outra não ficou impressionada: «Não posso acreditar que ainda estão a aparecer», disse ela. E Marilena percebeu e acalmou-se. Era um dos caixões arrancados à terra pela inundação de dois anos antes, quando uma chuva diluviana transformou encostas inteiras das montanhas num corredor de lama e detritos. A inundação varreu pontes e os deslizamentos de terra arrastaram zonas de floresta, carros, maquinaria têxtil, animais, pessoas, cemitérios.

– Achas que o esqueleto também está por aqui? – perguntou Marilena.

– Não faço ideia. Olha ali: acho que é uma peça de um tear. – A irmã Annangela disse uma oração e as duas mulheres puseram-se em marcha, entre sabugueiros e mirtilos, prestando atenção aos detritos e ao lixo que iam

encontrando, mas era difícil distingui-los.

Anselmo e Gianni caminhavam quase a par, ambos esguios. Gianni era alguns anos mais velho e durante algum tempo Anselmo observou-o com desconfiança, porque descobriu que Silvia o idolatrava e porque durante a guerra vinha à noite, com dois companheiros e a *Sten*<sup>[16]</sup> a tiracolo, buscar dinheiro do fundo partidário que o avô mantinha escondido em casa. Mas o avô tinha-o em grande estima, e Anselmo passou a acreditar que Gianni fosse realmente um quase génio.

Já era tarde, daí a pouco teriam de usar lanternas, mas Anselmo não se apercebeu; seguia em frente de cabeça baixa, irritado com a vegetação tenaz e triunfante que lhe confundia os olhos e parecia fazê-lo de propósito para o obrigar a desistir. Acabou por deixar os outros para trás, sempre seguido por Gianni.

– Estás a ver o bosque, como tudo volta a crescer? Até há poucos anos, isto aqui eram só prados. – Anselmo parou a olhar para a paisagem. – Vínhamos cá sempre, eu e a Silvia, mas para os lados de Rivi.

Abanou a cabeça e Gianni pensou ver lágrimas. Estava prestes a parar e a posar-lhe uma mão no ombro quando ouviram gritos atrás deles e correram para lá, com o estômago contraído de tensão.

Era Maria, que tinha feito uma grande entorse e estava sentada no meio da erva, toda danada.

– Não consigo apoiar o peso neste pé. Sigam, quando voltarem para baixo ajudam-me.

– Não, vamos mas é voltar imediatamente – choramingou Anselmo. Maria e Gianni entreolharam-se, espantados, mas logo a seguir ele praguejou com a sua voz habitual e ficaram mais tranquilos.

– Mas que emplastro que eu sou, que emplastro – repetia Maria enquanto Sandra lhe enfaixava o tornozelo com o lenço.

Fizeram uma cadeirinha com os braços para a levarem até à aldeia mais próxima, ela ria para disfarçar a dor e Anselmo e Gianni riam para não deixarem transparecer o grande esforço que faziam. Por um instante apenas, Anselmo fantasiou estar a transportar Silvia.

---

<sup>[16]</sup> Metralhadora de cano curto de fabrico inglês, muito difundida durante a Segunda Guerra Mundial. [*N. da T.*]



Na casa de Martino, as luzes estavam acesas e Lea esperava por ele; tinha posto um embrulho atado com uma fita vermelha em cima da mesa. Fez um grande alarido por causa da ferida no lábio, beijou-o e abraçou-o e jurou que aquilo não ia ficar assim e que o outro, aquele bandido, não sairia impune, enquanto Martino lhe implorava que não fizesse nada, porque aquilo eram assuntos só dele.

O presente era uma grande caixa de aguarelas. Martino pensou que Giulia ia gostar muito e também se deixou vencer pelo entusiasmo. Na verdade, ele podia levá-las para a escola e usá-las como pretexto para fazerem as pazes.

Na manhã seguinte, a solicitude de Lea ainda não se tinha esgotado. Levou-lhe um copo de leite com biscoitos à cama e pôs-lhe a roupa a aquecer no radiador.

– Olha, convidei o Agostino para almoçar connosco – disse-lhe, quando entraram no carro de Gianni. – Ontem à noite, quando já estavas a dormir, telefonei aos pais dele. Fiz mal?

– Não, não, não fizeste mal.

– O cheiro do tabaco incomoda-te? Acho que está entranhado nos bancos.

– Não, mãe.

Lea girou a manivela da janela do carro.

– Vamos lá, toca a respirar mais um pouco de ar puro, é como aplicar o aerossol.

O asfalto húmido refletia a palidez do céu. Martino pensou que ao Ago ia poder dizer a verdade sobre a professora, já que ele morava noutro lugar e nem sabia quem ela era. Também ia contar do encontro com o javali e de como atirou um animal morto a um rapaz mais velho e depois andou à pancada com ele. Chupou o lábio ferido para sentir o sabor enferrujado do sangue seco.

– Deixa esse lábio em paz – repreendeu-o Lea. E acrescentou: – Ainda bem que temos o carro, o Gianni é mesmo bom como o pão. Como o papá também é, de resto.

Martino não a ouvia, bordava na cabeça a história que iria contar a Agostino. Passaram pela casa grande ao lado da fonte onde, se bem entendera, Silvia tinha nascido, e pela parede da curva com a inscrição pintada a branco que agora lhe era familiar: *gimondi better than mercks*. Por cima da colina erguiam-se nuvens macias e grandes que pareciam feitas de flanela. Quando se afastaram de Bioglio e do bosque, Martino percebeu que era feliz.

Silvia fez os seus preparativos à noite, às apalpadelas. Pôs a um canto a garrafa de água, os cobertores dobrados, o frasco vazio, os invólucros que sobraram. Entre as páginas da *História do Oeste*, inseriu a folha em forma de coração de um cíclame, o fragmento de mica prateada e uma pena de pica-pau que tinha apanhado na base da faia.

Estava na soleira da cabana, como uma nadadora indecisa que avalia a temperatura da água com a ponta do dedo do pé. O caminho era longo, levaria horas.

Pequenos discos luminosos piscavam no escuro: os olhos de uma raposa ou de um texugo. Seguiu por dentro do bosque o máximo que pôde, evitando os caminhos e a estrada. Sentia o hálito das plantas em torno e apoiava ocasionalmente as costas num tronco, segurava-se com a mão a uma saliência e deixava passar o barulho de um animal em fuga e de outro a caçar, um som de penas, um raspar logo acima da sua cabeça. Perto das margens do bosque, onde a escuridão era menos profunda, reconheceu cogumelos tóxicos e flores venenosas de açafraão-do-prado: um fim rápido esteve sempre ali à mão, se o tivesse desejado.

Os penachos dos cardos constelavam os prados ainda molhados, imersos na noite. Algumas vacas sonolentas ergueram os focinhos sérios e maciços em direção a ela, uma malhada ruiva esticou a sua língua peganhenta para alcançar as urtigas que cresciam fora da cerca. «Urtiga, urtiga, pequenita, sozinha, passei por aqui, nua e crua te comi», murmurou Silvia, como a donzela Malvina do conto de fadas dos irmãos Grimm. Sentia falta do rosto de Giovanna, da expressão combativa, desprovida de culpa, mas também de pena, que tinha quando lhe aparecia na cabana. Já há uns tempos que não a via.

A parte realmente difícil foi pousar os pés no asfalto e olhar para os edifícios direitos e sólidos. Para voltar a atravessar a ponte sobre a ribeira do Cervo fechou os olhos e seguiu com a mão na balaustrada de cimento, centímetro a centímetro. Tinha os dedos ainda pegajosos de resina e fumagina.

Ao amanhecer a cidade dormia numa névoa cor de nata e ela estava em

frente à casa de Anselmo e Luisa. Oscilou de cansaço e agarrou a maçaneta do portão. Estava presa à vida de viés, como um parafuso desencaixado, que não prende bem e não coincide como deveria com o seu cunho. Talvez se tivesse desencaixado com a morte da mãe, talvez antes, talvez depois. E paciência, disse a si própria, paciência.

O toque do intercomunicador tirou-os a todos da cama.

## Nota da autora

Este é um romance de ficção, mas alguns dos acontecimentos narrados são inspirados numa história real. Comecei a reconstruí-la ainda criança, ouvindo alusões dispersas e fragmentos de conversas, porque se tratava de uma história delicada, dolorosa, de que não se falava abertamente, ou pelo menos não na minha presença.

A prima do meu avô, professora, solteira e sem filhos, fazia parte integrante da família. Morava ao lado dos meus avós, numa casa que comunicava, e almoçava e jantava com eles. Naquela época já estava reformada, adorada por gerações de ex-alunos. Era uma mulher diferente das outras que me criaram: a minha mãe, a minha avó, a minha bisavó, definidas por serem mães e casadas, ou divorciadas, ou viúvas. Ela talvez estivesse mais sozinha, mas aos meus olhos era ainda mais livre. Não cozinhava, não limpava a casa e não fazia nada do que se esperava de uma mulher. Era também uma pessoa extremamente esquecida e distraída, um traço de carácter que tínhamos em comum e que nos tornava cúmplices. Também fiquei impressionada com o facto de ela ser órfã e ter passado anos num colégio de freiras. Falava pouco do colégio, tinha-se dado muito mal, mas também lá tinha feito grandes amigas. Só esta história já me parecia digna de um livro. Os protagonistas dos romances, especialmente dos romances infantis, são muitas vezes órfãos (eu pensava em *Oliver Twist*, na Sofia do *GGG*, de Roald Dahl, no Mogli do *Livro da Selva*, na Ana dos *Cabelos Ruivos*, em *Jane Eyre*).

A certa altura, tornou-se claro para mim que alguma coisa tinha acontecido na vida adulta da professora que a tinha marcado. Estivera ausente durante dias, e depois voltara para casa quase morta de fome e de sede, molhada da chuva, muito suja. Onde tinha estado? Não se sabia ao certo, provavelmente tinha-se escondido numa igreja. Para sobreviver, terá bebido água das pias de água benta. Mas porque tinha fugido? Não me queriam dizer. Mais tarde soube: uma das suas alunas, uma rapariga de quase doze anos, tinha-se matado, atirando-se à ribeira. A professora sentiu-se responsável – por ter dito à família que a criança faltava muito à escola. A dor e a culpa fizeram-na perder a cabeça.

A professora nunca falou comigo sobre isso e eu nunca me atrevi a perguntar. A minha mãe, porém, lembra-se perfeitamente da angústia daqueles dias, das buscas, e do regresso inesperado dela, do toque da campainha ao amanhecer.

Depois da morte da professora, a sua história não parou de me interpelar. No centro está um acontecimento irreduzível, que resiste à narrativa e permanece inexplicável, opaco: o suicídio de uma menina.

Antes de escrever e inventar, senti a necessidade de reconstruir os factos ou, melhor, a versão dos factos que tinha sido dada à época, as tentativas de os decifrar, a atitude de quem os tinha vivido de perto ou escrito sobre eles. Por isso, falei com aqueles que testemunharam o incidente e examinei os artigos de jornal da altura. Esses textos foram úteis para me concentrar no que me interessava contar, e como, e porquê – ajudaram-me, em suma, a encontrar a verdade que diz respeito à forma específica do romance e que tem a ver com a experiência humana de viver e ouvir vozes que parecem frágeis e dispersas, mas continuam a falar-nos, apesar de se terem passado muitos anos desde os acontecimentos e muita coisa ter mudado desde então: a linguagem, a escola, a educação, as condições económicas e políticas.

Em vários artigos, publicados no *Corriere Biellese* e no *Biellese*, o relato dos factos alterna com expressões de espanto e tentativas de explicar ou julgar dois acontecimentos que escapam à compreensão. Uma menina mata-se, a professora desaparece: «Ambos os factos estão demasiado imersos nos obscuros meandros da psique humana», que permanece impenetrável (esta citação e a seguinte são literais, tal como a que está inserida no capítulo 18 do romance).

No que diz respeito à menina, os artigos relatam detalhes desconcertantes, a ponto de num romance parecerem artificiais, e talvez o sejam em certa medida. Por exemplo: «Depois de tanto gritar, um silêncio repentino e a mãe vai à sala com vista para o canal de rega: M. M. já não está lá e deixou os sapatos no parapeito da janela; um bilhete em cima da mesa anuncia a tragédia em tom sibilino: o que fazem dois sapatos no peitoril da janela?» A interpretação do gesto é conduzida no sentido de uma adolescência precoce e do desejo de rebelião que daí resultaria: «No seu diário encontravam-se frases confidenciais que dão um vislumbre dos sinais de juventude precoce de uma criança que já tinha atingido uma maturidade física superior à das colegas da sua idade [...]. Talvez aqui esse oculte a razão para a reação imprudente da criança: já se sentia mulher por alguns olhares furtivos e algumas abordagens inocentes e sentira-se ofendida por uma reprovação que considerou injusta. Uma reação sobre a qual, no entanto, nenhuma culpa pode ser atribuída à professora: ela tinha avisado os pais, como era seu dever. Além disso, nem todos aqueles que faltam às aulas e que são castigados, talvez de forma mais dura e com castigos corporais, decidem pôr fim aos seus dias.»

A professora é um enigma. É descrita como uma professora modelo: «Era aquilo a que se chama uma professora à antiga, sempre entre a casa e a

escola. O seu mundo era representado pelo seu trabalho e na sua vida não havia espaço para outras distrações. Até ficava muitas vezes na escola no intervalo entre as aulas da manhã e da tarde, contentando-se com uma sanduíche ao almoço, e fora das horas das aulas, para ajudar alguns alunos que precisavam de cuidados especiais. Tinha-lhe sido confiada aquela turma precisamente porque lhe era reconhecido um dom invulgar de paciência e amor, que poderia garantir melhores resultados em alunos difíceis.»

A hipótese de um segundo suicídio torna-se cada vez mais consistente e, ao mesmo tempo, continua inaceitável (amigos e conhecidos são entrevistados, mas a família permanece em silêncio). Enquanto isso, telefonemas anónimos e pistas falsas complicam a busca. A resolução surge quando já só se espera recuperar um segundo cadáver. Mas «a odisseia da professora» continuou a ser um mistério, porque a mulher afirma não se recordar de nada. Ou talvez não queira contar nada.

O presente romance nasce desse vazio, preenche-o com a imaginação.

Há uma mulher criada pelos avós e pelas freiras que se torna professora graças ao odiado colégio e faz disso uma missão, o centro da sua vida; não tem filhos, mas cuida de gerações de crianças e tenta ser uma boa professora (ao contrário das freiras), apesar disso, confronta-se com uma aluna morta. O que lhe passa pela cabeça?

Como nos contos de fadas, em que as crianças muitas vezes resolvem as coisas e as relações se invertem, a adulta, a professora, esconde-se no bosque, e uma criança cuida dela. Martino nunca existiu; ele é a personificação de todas as crianças que foram importantes para a professora da história. Estou convencida de que foi também graças a elas, ao carinho que lhe dispensavam e ao apego ao seu papel de professora, que ela voltou a dar o seu assentimento à vida e regressou a casa.

Posso acrescentar o seguinte: após meses de convalescença, a verdadeira professora retomou o ensino. Hoje a escola da aldeia tem o seu nome.

# Agradecimentos

Gostaria de agradecer às pessoas que contribuíram para a escrita e publicação deste livro, pondo a sua experiência e inteligência à minha disposição: Chiara Valerio, Alice Fornasetti, Marzia Grillo, Claudio Panzavolta.

Obrigada a Stefania Di Mella, Cristina De Stefano, Gabriela Jacomella, Maria Moschioni e Marta Barone pela leitura, as sugestões e o afeto. Giulia Caminito deu-me o importante conselho de nomear os lugares e de os descrever sem inibições.

Obrigada à Paola e ao Massimo, meus pais, e ao Ermanno, que é meu avô e também é um bocadinho Anselmo.

Obrigada, Maria, Francesco e Irene.

Obrigada ao Tullio, mais do que nunca, por tudo o que fez pelo romance e por mim.



# Contents

|     |               |
|-----|---------------|
| 1.  | Ficha Técnica |
| 2.  | 1             |
| 3.  | 2             |
| 4.  | 3             |
| 5.  | 4             |
| 6.  | 5             |
| 7.  | 6             |
| 8.  | 7             |
| 9.  | 8             |
| 10. | 9             |
| 11. | 10            |
| 12. | 11            |
| 13. | 12            |
| 14. | 13            |
| 15. | 14            |
| 16. | 15            |
| 17. | 16            |
| 18. | 17            |
| 19. | 18            |
| 20. | 19            |
| 21. | 20            |
| 22. | 21            |
| 23. | 22            |
| 24. | 23            |
| 25. | 24            |
| 26. | 25            |
| 27. | 26            |
| 28. | 27            |
| 29. | 28            |
| 30. | 29            |
| 31. | 30            |
| 32. | 31            |
| 33. | 32            |
| 34. | 33            |
| 35. | 34            |
| 36. | 35            |
| 37. | 36            |
| 38. | 37            |
| 39. | 38            |
| 40. | 39            |

|     |                                |
|-----|--------------------------------|
| 41. | <a href="#">40</a>             |
| 42. | <a href="#">41</a>             |
| 43. | <a href="#">42</a>             |
| 44. | <a href="#">43</a>             |
| 45. | <a href="#">44</a>             |
| 46. | <a href="#">45</a>             |
| 47. | <a href="#">46</a>             |
| 48. | <a href="#">47</a>             |
| 49. | <a href="#">48</a>             |
| 50. | <a href="#">49</a>             |
| 51. | <a href="#">50</a>             |
| 52. | <a href="#">51</a>             |
| 53. | <a href="#">52</a>             |
| 54. | <a href="#">53</a>             |
| 55. | <a href="#">54</a>             |
| 56. | <a href="#">55</a>             |
| 57. | <a href="#">56</a>             |
| 58. | <a href="#">57</a>             |
| 59. | <a href="#">58</a>             |
| 60. | <a href="#">59</a>             |
| 61. | <a href="#">60</a>             |
| 62. | <a href="#">61</a>             |
| 63. | <a href="#">62</a>             |
| 64. | <a href="#">63</a>             |
| 65. | <a href="#">64</a>             |
| 66. | <a href="#">65</a>             |
| 67. | <a href="#">Nota da autora</a> |
| 68. | <a href="#">Agradecimentos</a> |

## Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)
4. [Acknowledgments](#)